

JERRY SPINELLI

TRADUÇÃO: ERIC NOVELLO

A EXTRAORDINÁRIA
GAROTA
CHAMADA
ESTRELA
(STARGIRL)



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



JERRY SPINELLI

TRADUÇÃO: ERIC NOVELLO

A EXTRAORDINÁRIA
GAROTA
CHAMADA
ESTRELA
(STARGIRL)

Copyright © 2000 Jerry Spinelli

Esta edição foi publicada de acordo com a Random House Children's Books, uma divisão da Random House LLC.

Copyright © 2014 Editora Gutenberg

Título original: *Stargirl*

Todos os direitos reservados pela Editora Gutenberg. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja cópia xerográfica, sem autorização prévia da Editora.

GERENTE EDITORIAL

Alessandra J. Gelman Ruiz

EDITOR ASSISTENTE

Denis Araki

ASSISTENTES EDITORIAIS

Carol Christo

Felipe Castilho

PREPARAÇÃO DE TEXTO

Bete Abreu

REVISÃO

Vero Verbo Serviços de Editoração

CAPA

Diogo Droschi

DIAGRAMAÇÃO

Christiane Moraes de Oliveira

PRODUÇÃO DO E-BOOK

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil

Spinelli, Jerry

A extraordinária garota chamada Estrela / Jerry Spinelli ; tradução Eric Novello. -- Belo Horizonte : Editora Gutenberg, 2014.

Título original: *Stargirl*

ISBN 978-858-235-143-7

1. Ficção - Literatura infantojuvenil I. Título.

14-04295

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura infantojuvenil 028.5 2. Ficção : Literatura juvenil 028.5

EDITORA GUTENBERG LTDA.

São Paulo

Av. Paulista, 2.073, Conjunto Nacional, Horsa I, 23º andar, Conj. 2.301

Cerqueira César . 01311-940

São Paulo . SP

Tel.: (55 11) 3034 4468

Belo Horizonte

Rua Aimorés, 981, 8º andar

Funcionários . 30140-071

Belo Horizonte . MG

Tel.: (55 31) 3214 5700

Televentas: 0800 283 13 22

Sumário

Agradecimentos

Gravata de porco-espinho

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

Capítulo 31

Capítulo 32

Capítulo 33

Mais que estrelas

*Para Eileen, minha Estrela, e para Loren Eiseley, que nos ensinou que mesmo
enquanto somos, estamos nos tornando.
E para Sonny Liston.*

Agradecimentos

Muito obrigado a Nick Uliano, Tony Coia e Mike Oliver por me ajudarem a contar esta história, e à minha editora, Joan Slattery.



Gravata de porco-espinho

Quando eu era pequeno, meu tio Pete tinha uma gravata com estampa de porco-espinho. Para mim, essa gravata era a coisa mais legal do mundo. O tio Pete parava pacientemente na minha frente enquanto eu percorria a superfície de seda com os dedos, meio que esperando ser furado por um dos espinhos. Uma vez, ele deixou que eu a vestisse. Continuei procurando uma para mim, mas nunca consegui encontrar.

Eu tinha 12 anos quando nos mudamos da Pensilvânia para o Arizona. Quando o tio Pete veio se despedir, ele vestia a gravata. Pensei que tinha feito isso para que eu pudesse dar uma última espiada nela, e fiquei agradecido. Mas então, com um floreio dramático, ele arrancou a gravata e a pendurou no meu pescoço. “É sua”, disse ele. “Um presente de despedida.”

Eu amava tanto aquela gravata de porco-espinho que decidi começar uma coleção. Dois anos depois de nos estabelecermos no Arizona, a minha coleção continuava a ter apenas uma gravata. Onde encontrar uma gravata de porco-espinho em Mica, Arizona, ou em qualquer outro lugar, aliás?

No meu aniversário de 14 anos, li sobre mim mesmo no jornal da cidade. A seção de cotidiano trazia uma coluna regular sobre crianças em seus aniversários, e minha mãe tinha passado algumas informações. A última frase dizia: “Como *hobby*, Leo Borlock coleciona gravatas de porco-espinho”.

Alguns dias depois, vindo da escola para casa, encontrei uma sacola plástica no degrau da entrada. Dentro dela, um pacote embrulhado para presente com fitas amarelas. A etiqueta dizia: “Feliz aniversário!”. Abri o pacote. Era uma gravata de porco-espinho. Dois porcos-espinhos jogavam dardos com seus espinhos, enquanto um terceiro palitava os dentes.

Inspecionei a caixa, a etiqueta, o papel. Não encontrei em lugar nenhum o nome de quem havia deixado o presente. Perguntei aos meus pais. Perguntei aos meus amigos. Liguei para o tio Pete. Todos negaram saber algo sobre o assunto.

Na época, considerei o episódio um mistério. Não havia me ocorrido que eu estava sendo observado. Todos nós estávamos sendo observados.

“Você a viu?”

Essa foi a primeira coisa que Kevin me disse no primeiro dia de escola, no segundo ano do ensino médio. Estávamos esperando tocar o sinal.

“Vi quem?”, perguntei.

“Rá!” Ele esticou o pescoço, analisando a multidão. Tinha testemunhado algo marcante, seu rosto demonstrava isso. Ele sorriu, ainda procurando. “Você saberá.”

Havia centenas de nós, parados de bobeira, gritando nomes, apontando para os rostos bronzeados de verão que não víamos desde antes das férias. Nosso interesse nos outros era sempre mais aguçado durante os quinze minutos antes do primeiro sinal do primeiro dia.

Soquei o braço dele. “Quem?”

O sinal tocou. Entramos.

Ouvi aquilo de novo na sala de aula, uma voz sussurrando atrás de mim enquanto fazíamos o juramento à bandeira:

“Está vendo ela?”

Ouvi aquilo nos corredores. Nas aulas de Inglês e de Geometria:

“Você a viu?”

Quem poderia ser? Uma nova aluna? Uma loira espetacular da Califórnia? Ou lá do leste, de onde vinha a maioria de nós? Ou uma dessas transformações de verão, alguém que sai em junho parecendo uma menininha e volta em setembro como uma mulher de corpo feito, um milagre de dez semanas?

E então, na aula de Ciências, ouvi um nome: “Estrela”.

Virei-me para o aluno do último ano que andava atrás de mim. “Estrela?” Perguntei. “Que tipo de nome é esse?”

“É isso mesmo. Estrela Caraway. Ela disse na sala de aula.”

“Estrela?”

“Sim.”

E então eu a vi. No almoço. Usava um vestido cor de gelo tão longo, que cobria seus sapatos. Tinha babados ao redor do pescoço e das mangas e, pela aparência, poderia ter sido o vestido de casamento de sua bisavó. Seu cabelo tinha cor de areia. Ele caía sobre os ombros. Havia algo amarrado às suas costas, mas

não era uma mochila. De início, pensei que fosse um violão em miniatura. Descobri mais tarde ser um ukelele.

Ela não carregava uma bandeja de almoço. Carregava uma bolsa grande de lona estampada com um girassol em tamanho real. O refeitório ficou totalmente silencioso quando ela entrou. Parou em uma mesa vazia, deixou a bolsa, pendurou a alça do instrumento na cadeira e se sentou. Tirou um sanduíche da bolsa e começou a comer.

Metade do refeitório continuou a olhar, metade começou a cochichar.

Kevin estava sorrindo. “O que eu te disse?”

Concordei.

“Ela está no primeiro ano”, disse ele. “Ovi dizer que estudava em casa até agora.”

“Talvez isso explique”, eu disse.

Ela estava de costas para nós, então eu não conseguia ver seu rosto. Ninguém se sentou com ela, mas nas mesas próximas, as pessoas se apertavam por um lugar. Ela parecia não notar. Parecia abandonada em um mar de rostos que a encaravam e cochichavam.

Kevin estava sorrindo de novo. “Está pensando no mesmo que eu?”, disse ele.

Sorri de volta. Concordei novamente. “*Cadeira Elétrica*.”

Cadeira Elétrica era o programa de TV interno de nossa escola. Tínhamos dado início a ele um ano atrás. Eu era o produtor/diretor, Kevin era o apresentador. Todo mês ele entrevistava um aluno. Até agora, a maioria deles tinha sido do tipo alunos de destaque, atletas, cidadãos-modelo. Notáveis da maneira usual, mas não especialmente interessantes.

De repente, os olhos de Kevin se arregalaram. A garota estava pegando seu ukelele. E agora ela o dedilhava. E estava cantando! Dedilhando, balançando a cabeça e os ombros, cantando “I’m looking over a four-leaf clover that I overlooked before”. Silêncio sepulcral por toda parte. Em seguida, veio o som de uma única pessoa aplaudindo. Procurei. Era a moça do caixa do refeitório.

E agora a garota estava em pé, pendurando a bolsa sobre o ombro e passando entre as mesas, dedilhando e cantando, empertigando-se e girando. Cabeças balançaram, olhos a seguiram, bocas se abriram. Incredulidade. Quando ela veio à nossa mesa, dei pela primeira vez uma boa olhada em seu rosto. Ela não era linda, não era feia. Um pontilhado de sardas cruzava o septo do seu nariz. De modo geral, ela parecia com uma centena de outras garotas na escola, exceto por dois detalhes. Não usava nenhuma maquiagem, e seus olhos eram os maiores que eu já tinha visto, como olhos de um cervo vistos na luz de faróis. Ela girou enquanto passava por nós, e sua saia vistosa roçou a perna da minha calça, e então marchou para fora do refeitório.

Três aplausos lentos vieram de uma das mesas. Alguém assobiou. Alguém gritou.

Kevin e eu nos olhamos boquiabertos.

Ele ergueu as mãos e formou uma moldura no ar. “Cadeira Elétrica. Próxima atração: Estrela!”

Dei um tapa na mesa. “Sim!”

Batemos forte as mãos.

Quando chegamos à escola no dia seguinte, Hillari Kimble estava em pé na porta, cercada por várias pessoas.

“Ela não é real”, disse zombando. “Ela é uma atriz, uma farsante.”

Alguém gritou: “Quem está nos enganando?”

“A administração. O diretor. Quem mais? Quem se importa?”, Hillari sacudiu a cabeça, tamanho o absurdo da pergunta.

Uma mão subiu no ar: “Por quê?”.

“Para manter o astral da escola”, ela rebateu. “Eles acham que este lugar estava muito caído ano passado. Pensam que se infiltrarem alguma maluca entre os alunos...”

“Como infiltram agentes antidrogas nas escolas!”, alguém mais gritou.

Hillari olhou para a pessoa e então continuou, “... algum doido que anime as coisas, então, talvez todos os jovens estudantes cheguem a ir a um jogo de vez em quando ou entrem para algum grupo”.

“Em vez de se pegarem na biblioteca!”, soou outra voz. E todos riram, e o sinal tocou, e nós entramos.

A teoria da Hillari Kimble se espalhou pela escola e foi amplamente aceita.

“Você acha que Hillari tem razão?”, Kevin me perguntou. “Que Estrela é uma infiltrada?”

Eu ri. “Olha o que você está falando.”

Ele abriu os braços. “O quê?”

“Esta é a Escola de Ensino Médio de Mica”, lembrei. “Não um escritório da CIA.”

“Talvez não”, ele disse, “mas espero que Hillari tenha razão.”

“Por que você espera isso? Se ela não for uma aluna de verdade, não poderemos levá-la para o Cadeira Elétrica.”

Kevin balançou a cabeça e sorriu. “Como de costume, senhor Diretor, você falhou em ver o quadro completo. Podemos usar o show para desmascará-la. Não percebe?” Ele fez a moldura com as mãos: “Cadeira Elétrica descobre fraude na educação!”

Olhei fixamente para ele. “Você quer que ela seja uma impostora, não é?”

Ele sorriu de orelha a orelha. “Com certeza. Nossa audiência será altíssima!”

Eu tinha de admitir: quanto mais eu a via, mais fácil era acreditar que ela era uma farsa, uma piada, qualquer coisa, menos real. Naquele segundo dia, ela vestia uma jardineira larga vermelho-brilhante com suspensórios, que parecia um shorts-macacão. Seu cabelo loiro claro estava arrumado para trás em duas tranças, cada uma delas amarrada com uma fita vermelha cintilante. Havia *blush* colorindo cada bochecha, o que suavizava algumas das grandes sardas do rosto. Ela parecia uma caipira. Ou a Betty, a pastora de ovelhas do *Toy Story*.

No almoço, estava sozinha de novo em sua mesa. Como da vez anterior, ao terminar de comer ela pegou seu ukulele. Mas dessa vez não o tocou. Ela se levantou e começou a caminhar entre as mesas. Ela nos observou. Olhou para um rosto, depois outro e mais outro. Um olhar firme, do tipo estou-observando-você, que você raramente recebe das pessoas, especialmente de estranhos. Parecia estar procurando alguém específico, e o refeitório inteiro tinha ficado muito desconfortável.

Quando se aproximou de nossa mesa, pensei: *E se ela estiver procurando por mim?* O pensamento me apavorou. Então virei para o outro lado. Olhei para Kevin. Eu o vi sorrir de modo tonto para ela. Ele balançou os dedos para ela e sussurrou, “Oi, Estrela”. Eu não ouvi uma resposta. Pude senti-la passando atrás da minha cadeira.

Ela parou duas mesas adiante. Sorria para um aluno gorducho do último ano, chamado Alan Ferko. O refeitório ficou em silêncio sepulcral. Ela começou a dedilhar o ukulele. E a cantar. Era “Parabéns a você”. Na parte do nome dele, ela não cantou apenas o primeiro, mas o nome completo:

“Parabéns, Alan Fer-koooooh.”

O rosto de Alan Ferko ficou vermelho como as fitas das tranças da pastora Betty. Houve uma onda de assobios e urros, mais por causa do Alan Ferko, acho eu, do que por conta dela. Enquanto Estrela ia embora, vi Hillari Kimble se levantar do outro lado do refeitório, apontando, dizendo algo que eu não podia ouvir.

“Vou te dizer uma coisa”, falou Kevin, enquanto nos juntávamos à multidão nos corredores, “é melhor que ela seja uma farsante.”

Perguntei o que ele queria dizer.

“Quero dizer que se ela for real, está metida em uma baita encrenca. Quanto tempo você acha que alguém que seja *realmente* daquele jeito vai durar por aqui?”

Boa pergunta.

A Escola de Ensino Médio de Mica (EEMM) não era exatamente um viveiro de rebeldes. É claro que havia variações individuais aqui e ali, mas dentro de limites bastante restritos. Todos nós usávamos as mesmas roupas, falávamos da mesma maneira, comíamos a mesma comida, ouvíamos as mesmas músicas.

Mesmo nossos *nerds* possuíam o selo EEMM. Se por acaso nos destacássemos de alguma maneira, rapidamente voltávamos para o mesmo lugar, como tiras de borracha.

Kevin estava certo. Era impensável que Estrela pudesse sobreviver – ou pelo menos não mudar – entre nós. Também ficou claro que Hillari Kimble estava pelo menos meio certa: essa pessoa que se chamava Estrela podia ou não ter sido uma invenção do corpo docente para animar a escola, mas, fosse o que fosse, ela não era real.

Não podia ser.

Diversas vezes naquelas primeiras semanas de setembro ela apareceu vestindo algo escandaloso. Um vestido estilo melindrosa de 1920. Um traje de índio norte-americano feito de camurça. Um quimono. Um dia ela vestiu uma minissaia jeans com meias verdes e, subindo por uma das pernas, havia um desfile de joaninhas de resina e broches de borboleta. “Normal” para ela eram vestidos e saias longas que se esfregavam no chão.

Dia sim, dia não, ela apresentava alguém novo com uma serenata de “Parabéns a você” no refeitório. Eu estava feliz por meu aniversário ser no verão.

Nos corredores, ela dizia oi para totais estranhos. Os alunos do último ano não conseguiam acreditar. Nunca tinham visto uma aluna do primeiro ano tão corajosa.

Na aula, ela sempre erguia a mão no ar e fazia perguntas, embora a pergunta raramente tivesse algo a ver com a matéria. Um dia ela perguntou sobre *trolls* na aula de História norte-americana.

Ela compôs uma canção sobre triângulos isósceles.

E cantou-a para sua turma de geometria plana. O título era “Três lados eu tenho, só dois são iguais”.

Ela se juntou à equipe de corrida *cross-country*. Nossos encontros eram sediados no campo de golfe do Country Club de Mica. Bandeiras vermelhas indicavam aos corredores o caminho a ser percorrido. Em sua primeira aparição, no meio da corrida, ela virou à esquerda quando todos os demais viraram à direita. Eles esperaram por ela na linha de chegada. Ela nunca apareceu. Foi dispensada da equipe.

Um dia uma garota gritou no corredor. Tinha visto um pequeno rosto marrom saltar da bolsa de lona com estampa de girassol da Estrela. Era seu rato de estimação. Ele passeava pela escola na bolsa todo dia.

Uma manhã, tivemos uma rara chuva para a época do ano, que caiu durante a aula de Educação Física. O professor disse para todos entrarem. No caminho para a aula seguinte, eles olharam pelas janelas. Estrela continuava do lado de fora. Na chuva. Dançando.

Nós queríamos defini-la, etiquetá-la como fazíamos uns com os outros, mas não conseguíamos ir além de “esquisita”, “estranha” e “patética”. O jeito dela nos

tirava do eixo. Uma única palavra parecia pairar no céu sem nuvens sobre a escola:

Ahn?

Tudo o que ela fazia parecia ecoar as palavras de Hillari Kimble: Ela não é real... Ela não é real...

E toda noite na cama eu pensava nela quando o luar entrava pela minha janela. Eu poderia ter baixado a persiana para deixar o quarto mais escuro e ser mais fácil dormir, mas nunca fiz isso. Naqueles momentos iluminados pela lua, eu adquiria um senso de interdependência das coisas. Gostava da sensação que a luz da lua me dava, como se ela não fosse o oposto do dia, mas sua parte oculta, seu lado privativo, algo fabuloso que ronronava no meu lençol branco como a neve, como um gato preto que vinha do deserto.

Foi durante uma dessas noites enluaradas que me dei conta de que Hillari Kimble estava errada. Estrela *era* real.

Nós brigávamos diariamente, Kevin e eu.

Minha função principal como produtor era recrutar pessoas para o Cadeira Elétrica. Depois que eu fechava com alguém, Kevin começava a pesquisar sobre a pessoa e preparar as perguntas.

Todos os dias ele me perguntava: “Você já fechou com ela?”.

Todo dia eu respondia que não.

Ele ficava frustrado.

“Como assim, não? Você não *quer* convidá-la?”

Eu dizia a ele que não tinha certeza.

Seus olhos se arregalavam. “Não tem certeza? Como pode não ter certeza? Nós concordamos no refeitório, semanas atrás. Estávamos até pensando em uma minissérie da Estrela. Seria um Cadeira Elétrica incrível.”

Dei de ombros. “Isso foi naquela época. Agora não tenho certeza.”

Ele olhou para mim como se eu tivesse três orelhas. “E o que falta para ter certeza?”

Dei de ombros.

“Bem, então”, ele disse, “eu vou convidá-la.” E se afastou.

“Se fizer isso, terá de encontrar outro diretor”, falei.

Ele parou. Eu quase conseguia ver o vapor subindo de seus ombros. Ele se virou e apontou. “Leo, às vezes você sabe ser um verdadeiro babaca.” E foi embora.

Aquilo foi péssimo. Kevin Quinlan e eu geralmente concordávamos em tudo. Tínhamos sido melhores amigos desde a chegada ao Arizona, na mesma semana, quatro anos antes. Nós dois pensávamos que o cacto que dá o figo-da-índia se parecia com uma raquete de pingue-pongue com bigode, e que os cactos saguaros pareciam luvas de dinossauros. Nós dois adorávamos *smoothie* de banana com morango. Ambos queríamos trabalhar na TV. Kevin frequentemente dizia que queria ser um apresentador de *talk show*, e ele não estava de brincadeira. Eu queria ser um jornalista e apresentar programas de esportes ou de notícias. Tínhamos bolado o Cadeira Elétrica juntos e convencido o corpo docente a nos deixar colocá-lo em prática. Foi um sucesso imediato. Logo se tornou o assunto mais comentado da escola.

Então, por que eu estava recusando?

Eu não sabia. Tinha alguns sentimentos indefinidos, mas a única coisa que conseguia identificar era um alerta: deixe-a em paz.

Naquela época, a “Tese da Hillari” (Kevin batizou assim) sobre a origem da Estrela tinha dado lugar a outras hipóteses:

Ela estava querendo ser descoberta por diretores de cinema.

Ela estava respirando vapores tóxicos.

Ela tinha ficado psicótica enquanto tinha aulas em casa.

Ela era uma alienígena.

O rato que ela trazia para a escola era apenas a ponta do *iceberg*. Ela possuía centenas de ratos em casa, alguns grandes como gatos.

Ela morava em uma cidade fantasma no meio do deserto.

Ela morava em um ônibus.

Os pais dela eram artistas de circo.

Os pais dela eram bruxos.

Os pais dela haviam tido morte cerebral e vegetavam em um hospital em Yuma.

Nós a assistimos se sentar na sala de aula e puxar de sua bolsa de lona uma cortina azul e amarela de babados, que ela colocou sobre os três lados de sua mesa. Nós a vimos instalar um vaso de vidro de sete centímetros e meio e colocar nele uma margarida branca e amarela. Ela fazia isso em cada aula da qual participava, seis vezes por dia. A margarida só estava fresca nas manhãs de segunda-feira. No último período, as pétalas pendiam. Na quarta-feira, as pétalas começavam a cair, e a haste a ceder. Na sexta-feira, a flor pendia sobre a borda do vaso sem água, e ponta virava um toco morto que derramava pólen amarelo na carteira.

Juntamo-nos a ela quando cantava *Parabéns a você* no refeitório. Ouvíamos quando ela nos cumprimentava pelos corredores e salas de aula, e nos perguntávamos como ela sabia nossos nomes e nossos aniversários.

Seus olhos arregalados davam a ela uma expressão de espanto permanente, e nos percebíamos sempre virando para trás para espiar sobre os ombros e tentar descobrir o que tínhamos deixado de notar.

Ela ria quando não havia piada. Dançava quando não havia música.

Não tinha amigos, embora fosse a pessoa mais amigável da escola.

Em suas respostas na aula, frequentemente falava de cavalos marinhos e estrelas, mas não sabia nada sobre futebol.

Dizia que na casa dela não havia TV.

Ela era fugaz. Ela era hoje. Ela era amanhã. Ela era o aroma mais suave da flor de um cacto, a sombra fugidia de uma coruja marrom. Nós não sabíamos o que fazer com ela. Em nossa mente, tentávamos fixá-la em um quadro de cortiça como uma borboleta, mas o alfinete simplesmente se soltava e ela voava para longe.

Kevin não era o único. Outros garotos me importunavam dizendo: “Coloque-a no Cadeira Elétrica!”.

Eu menti. Disse que ela ainda era do primeiro ano do ensino médio e que você tinha de estar pelo menos no segundo para participar do Cadeira Elétrica.

Enquanto isso, eu mantinha distância. Observava-a como se ela fosse um pássaro em um viveiro. Um dia, virei uma esquina e lá estava ela, vindo direto na minha direção, com a saia longa farfalhando suavemente, olhando diretamente para mim, cercado-me com aqueles olhos. Eu me virei e corri por outro caminho. Ao me sentar na aula seguinte, eu me senti quente, abalado. Perguntava-me se estava deixando transparecer minha idiotice. Estava me tornando um pateta? O sentimento que tive ao vê-la virando a esquina tinha sido próximo do pânico.

Então, um dia, depois da escola, eu a segui. Mantive uma distância segura. Como todos sabiam que ela não pegava ônibus, imaginei que fosse uma caminhada curta. Não foi. Nós passamos por toda a cidade, por centenas de jardins sem grama, feitos de cactos e pedras, pelo meio do centro comercial em estilo Tudor, e contornamos a região das indústrias de eletrônicos em torno da qual a cidade tinha sido criada apenas quinze anos antes.

Em determinado ponto, ela puxou um pedaço de papel de sua mochila e o consultou. Parecia que estava lendo os números das casas enquanto caminhava. De repente, virou em uma calçada, foi até a porta da frente e deixou alguma coisa na caixa de correio.

Eu esperei que se afastasse. Olhei em volta, não havia ninguém na rua. Fui até a caixa de correio, puxei e vi que era um cartão feito à mão. Abri. Cada letra maiúscula estava pintada de uma cor diferente. O cartão dizia: PARABÉNS! Mas não estava assinado.

Eu voltei a segui-la. Os carros entravam nas garagens. Era hora do jantar. Meus pais deveriam estar se perguntando onde eu estaria.

Ela tirou o rato da mochila e o colocou sobre o ombro. Montado lá, o rato ficou virado para trás, com seu pequeno rosto triangular espiando para fora das mechas de cabelo loiro claro. Eu não conseguia ver seus olhos negros miúdos, mas pensei que estivessem olhando para mim. Imaginei que ele estivesse falando para ela o que via. Distanciei-me ainda mais.

Sombras cruzaram a rua.

Passamos pelo lava-rápido e pela loja de bicicletas. Passamos pelo campo de Country Club de campo, a maior área de grama verde da cidade. Passamos pela

placa de “Bem-vindo a Mica”. Estávamos seguindo para oeste. Havia nós dois, a estrada, o deserto e o sol escaldante acima do monte Maricopas. Desejei ter trazido óculos escuros.

Depois de um tempo, ela desviou da estrada. Eu hesitei, então a segui. Ela caminhava diretamente na direção do sol poente, agora uma grande laranja empoleirada no topo das montanhas. Por um minuto, as montanhas ficaram com o mesmo tom lavanda escuro de sua saia que se arrastava na areia. A cada passo o silêncio aumentava, o que me fez sentir que ela sabia – desde o início – que estava sendo seguida. Ou ainda mais, que ela estava me conduzindo. Ela nunca olhava para trás.

Ela dedilhou seu ukulele. Cantou. Eu não conseguia mais ver o rato. Imaginei que cochilava na cortina de seu cabelo. Imaginei-o cantando junto com ela. O sol se pôs atrás das montanhas.

Para onde ela estava indo?

No crepúsculo, os cactos saguaros lançavam sombras de gigantes em todo o chão de seixos. O ar batia frio no meu rosto. O deserto cheirava a maçãs. Eu ouvi algo, um coioote? Pensei em cascavéis e escorpiões.

Parei. Observei-a se afastar. Resisti ao impulso de chamá-la, de alertá-la... do quê?

Virei-me e caminhei. Depois corri, de volta para a estrada.

Na Escola de Ensino Médio de Mica, Hillari Kimble era famosa por três coisas: sua boca, o golpe e Wayne Parr.

Sua boca fala sozinha, na maioria das vezes para reclamar.

O episódio que ficou conhecido como “o golpe da Hillari” aconteceu no segundo ano, quando ela tentou ser líder de torcida. Ela tinha o rosto, o cabelo e o porte adequados, e certamente tinha a boca, e por isso conseguiu entrar facilmente na equipe. E, então, ela deixou todos boquiabertos ao desistir, dizendo que só queria provar que conseguia. Disse que não tinha a intenção de ficar falando e pulando na frente de arquibancadas vazias (que geralmente estavam mesmo desse jeito). E, além de tudo, ela odiava esportes.

E sobre Wayne Parr, ele foi o namorado dela. Quanto à boca, ele era o oposto dela: raramente abria a dele. Nem precisava. Tudo o que ele tinha de fazer era aparecer. Era esse o trabalho dele: aparecer. Tanto para os padrões femininos quanto para os masculinos, Wayne Parr era lindo.

Mas ele era mais – e menos – que isso.

Em termos de conquistas, Wayne Parr parecia não ser ninguém. Não fazia parte de nenhum time, não participava de nenhuma equipe, não tinha ganhado nenhum prêmio nem tirado nenhuma nota A. Não tinha sido eleito para nada, homenageado por nada, e, ainda assim, embora eu só tenha percebido isso anos depois, ele era o grande líder do nosso desfile diário.

Nós não acordávamos de manhã e nos perguntávamos: “O que Wayne Parr estará vestindo hoje?”. Nem “O que Wayne Parr vai fazer hoje?”. Pelo menos, não de forma consciente. Mas, em algum nível subconsciente, era exatamente o que fazíamos. Wayne Parr geralmente não ia a jogos de futebol ou basquete, nem nós. Wayne Parr não fazia perguntas na aula, nem se estressava com professores ou discursos motivacionais antes de jogos e partidas, nem nós. Wayne Parr não se importava muito. Nem nós.

Wayne havia nos criado ou era simplesmente um reflexo de nós? Eu não sabia. Sabia apenas que se você descascasse, uma por uma, todas as camadas do grupo de alunos, você encontraria, no núcleo, não o espírito da escola, mas Wayne Parr. Foi por isso que, em nosso segundo ano, recrutei Wayne para o Cadeira Elétrica. Kevin ficou surpreso.

“Por que ele?”, disse Kevin. “O que ele já fez?”

O que eu poderia dizer? Que Wayne merecia ser assunto do Cadeira Elétrica exatamente porque *não tinha feito nada*, porque ele era simplesmente *muito bom em não fazer nada*? Eu tinha só um vago instinto, não as palavras. Apenas dei de ombros.

O ponto alto daquele Cadeira Elétrica veio quando Kevin perguntou a Wayne quem era seu herói, seu modelo. Essa era uma das perguntas padrão de Kevin.

Wayne respondeu: “GQ”.

Na sala de controle, demorei a entender. O som estava funcionando direito?

“GQ?”, Kevin repetiu espantado. “A revista *Gentleman’s Quarterly*?”

Wayne não olhou para Kevin. Olhou diretamente para a câmera. Ele acenou com a cabeça satisfeito. Chegou a dizer que queria se tornar modelo, e que sua ambição suprema era ser capa da GQ. E bem ali ele posou para a câmera. Ele tinha aquele olhar de desprezo perfeito de modelo, e, de repente, eu conseguia vê-lo: seu queixo quadrado, as bochechas esculpidas, os dentes e os cabelos perfeitos.

Isso, como eu disse, aconteceu no final do nosso segundo ano. Eu pensava que, naquela época, Wayne Parr sempre reinaria como nosso grande líder. Como poderia imaginar que logo ele seria desafiado por uma aluna de nariz sardento?

Kevin me ligou numa sexta-feira à noite. Ele estava no jogo de futebol americano. “Rápido! Venha logo! Largue o que estiver fazendo! Agora!”

Kevin era um dos poucos que iam aos jogos. A escola continuava ameaçando cancelar o futebol americano por causa do pequeno interesse do público. Diziam que a receita com os ingressos mal dava para pagar a conta de luz do campo.

Mas Kevin estava gritando no telefone. Eu entrei na picape e acelerei para o estádio.

Desci do carro. Kevin estava no portão, sacudindo o braço: “Corre!”.

Joguei os 2 dólares do ingresso pela janela do caixa e corri para o campo. “Daqui a visão é melhor”, ele disse, puxando-me para as arquibancadas.

Era hora do intervalo. A banda estava no campo com todos os quatorze participantes. Entre os alunos, ela era conhecida como “A menor banda parada do mundo”. Não havia número suficiente de participantes para montar letras ou formas reconhecíveis – a não ser a letra I maiúscula –, então eles não marchavam muito nos intervalos dos jogos. Na maioria das vezes, ficavam em pé, parados. Eram duas fileiras de sete cada, mais o aluno condutor. Sem dançarinas. Sem porta-estandarte. Sem meninas com bandeiras e fitas.

Mas não naquela noite. Naquela noite, Estrela Caraway estava no campo com eles. Enquanto tocavam, enraizados em seus lugares, ela pulava descalça ao redor da grama com seu vestido longo amarelo-limão. Ela andou de trave a trave. Rodopiou como um furacão de poeira. Marchou firme como um soldado de madeira. Tocou uma flauta imaginária. Ela pulou no ar e bateu os calcanhares descalços. As líderes de torcida ficaram embasbacadas nas laterais. Algumas pessoas assobiaram das arquibancadas. O restante – que mal ultrapassava o número de componentes da banda – sentou-se com um *O que está acontecendo?* estampado no rosto.

A banda parou de tocar e marchou para fora do campo. Estrela continuou. Ela estava girando para além da linha de quarenta jardas quando os jogadores voltaram. Eles se aqueceram por um minuto. Ela se juntou a eles: polichinelos, corridas no lugar alternadas com flexões. As equipes se posicionaram para o começo do segundo tempo. A bola foi posicionada no *tee* para o chute inicial. Ela permanecia no campo. O árbitro principal soprou o apito, apontou para ela. Agitou a mão para ela ir embora. Em vez disso, ela disparou em direção à bola.

Arrancou-a do *tee* e dançou com ela, girando e abraçando-a, erguendo-a no ar. Os jogadores olharam para os treinadores. Os treinadores olharam para os juízes no campo. Os juízes sopraram seus apitos e partiram para cima dela. O único policial a trabalho foi para o campo. Ela arremessou a bola por cima do banco do time visitante e saiu correndo, para fora do estádio.

Todos aplaudiram: os espectadores, as líderes de torcida, a banda, os jogadores, os juízes, os pais que trabalhavam na barraquinha de cachorro-quente, o policial, eu. Assobiamos e batemos nossos pés nas arquibancadas de alumínio. As líderes de torcida olharam encantadas de surpresa. Pela primeira vez, elas ouviam algo em retorno das arquibancadas. Deram piruetas e saltos mortais e fizeram até mesmo uma pirâmide de três níveis. O pessoal das antigas – ou tão das antigas quanto possível em uma cidade jovem como Mica – comentou nunca ter escutado tamanho entusiasmo.

No jogo seguinte, mais de mil pessoas apareceram. Todo mundo, exceto Wayne Parr e Hillari Kimble. Havia uma fila na bilheteria. O carrinho de cachorro-quente ficou sem comida. Um segundo policial foi convocado. As líderes de torcida estavam em seu auge. Elas gritavam para as pessoas na arquibancada: “EU QUERO UM E!”. A plateia respondia: “EEEE!”. (Nós éramos os Elétrons, em homenagem à indústria de eletrônicos da cidade.)

As líderes de torcida fizeram todos os seus malabarismos antes de o primeiro tempo terminar. A banda tocava de modo alto e vibrante. O time de futebol americano chegou a marcar um *touchdown*. Nas arquibancadas, cabeças continuavam balançando para as bordas do campo, para a entrada, para a escuridão iluminada por postes atrás do estádio. A sensação de expectativa cresceu quando terminou o primeiro tempo do jogo. A banda marchou habilmente para o campo. Até eles olhavam em volta.

Os músicos executaram sua programação. Chegaram a formar um círculo pequeno e torto. Pareciam se demorar no campo, extraindo suas notas, aguardando. Finalmente, de modo relutante, eles marcharam para a linha lateral. Os jogadores voltaram. Eles continuaram olhando em volta enquanto faziam seus aquecimentos. Quando o árbitro ergueu o braço e soou o apito para o segundo tempo começar, uma sensação de decepção caiu sobre o estádio. As líderes de torcida arriaram os ombros.

Ela não tinha vindo.

Na segunda-feira seguinte, tivemos uma surpresa no refeitório. A linda loira oxigenada Mallory Stillwell, capitã das líderes de torcida, estava sentada com

Estrela. Ela se sentou com ela, comeu com ela, conversou com ela, foi embora com ela. No horário da sexta aula, a escola inteira já sabia: Estrela tinha sido convidada para ser uma líder de torcida e tinha aceitado.

As pessoas em Phoenix devem ter ouvido nosso burburinho. Ela vestiria a saia e o suéter tradicional como todas as outras? Ela faria os cumprimentos tradicionais? Todas as líderes de torcida queriam isso, ou era uma ideia apenas da capitã? Elas estavam com ciúmes?

O treino das líderes de torcida atraiu uma multidão. Pelo menos uma centena de nós permaneceu no estacionamento naquele dia, vendo-a aprender os vivas, vendo-a pular para lá e para cá em seu vestido antigo longo.

Ela passou duas semanas treinando. Na metade da segunda semana, ela vestiu seu uniforme: suéter de algodão com gola V branco com bordas verdes, short verde e saia plissada branca. Ela parecia igual ao restante delas.

Ainda assim, para nós, ela não era uma verdadeira líder de torcida, e sim a Estrela vestida como uma. Ela continuou a dedilhar seu ukulele e cantar *Parabéns a você* para as pessoas. Ela ainda vestia saias compridas em dias sem jogos e ainda fazia das carteiras da escola sua casa. Quando chegou o Halloween, todos em sua sala de aula encontraram uma abóbora cheia de doces em suas mesas. Ninguém precisou perguntar quem tinha feito aquilo. Naquela época, a maioria havia decidido que gostava de tê-la por perto. Ficávamos ansiosos para ir à escola, para ver que esquisitice ela aprontaria. Ela nos dava assunto para comentar. Ela nos entreteinha.

Ao mesmo tempo, nós nos contínhamos. Porque ela era diferente. *Diferente*. Não tínhamos ninguém com quem compará-la, ninguém para colocá-la lado a lado. Ela era um território desconhecido. Perigoso. Tínhamos medo de chegar perto demais.

Além disso, acho que todos nós estávamos esperando para ver o resultado de um evento que se aproximava a passos cada vez mais largos cada dia que passava. O próximo aniversário seria o de Hillari Kimble.

A própria Hillari impôs as regras no dia anterior. No meio do almoço, ela se levantou de sua mesa e caminhou até Estrela. Durante meio minuto, ela só ficou em pé atrás da cadeira de Estrela. Silêncio por toda parte, exceto por ruídos na cozinha. Somente Estrela continuava mastigando. Hillari a contornou pela lateral.

“Meu nome é Hillari Kimble”, ela disse.

Estrela olhou para cima. Ela sorriu e disse: “Eu sei”.

“Meu aniversário é amanhã.”

“Eu sei.”

Hillari fez uma pausa. Seus olhos se estreitaram. Ela enfiou o dedo na cara de Estrela. “Nem pense em cantar para mim, estou te avisando.”

Somente aqueles sentados nas mesas próximas ouviram a resposta fraca de Estrela: “Não cantarei para você”.

Hillari deu um sorriso satisfeito e se afastou.

Assim que chegamos à escola no dia seguinte, o clima ficou espinhoso como os cactos da região. Quando o sinal tocou avisando do primeiro intervalo, saltamos pelas portas. Invadimos as filas do refeitório. Fizemos nossas escolhas de comida correndo e voamos para nossos lugares. Nunca tínhamos nos movido tão depressa e tão silenciosamente. No máximo, sussurrávamos. Sentamos e comemos. Estávamos com receio de esmagar nossas batatas fritas, com medo de perder alguma coisa.

Hillari foi a primeira a entrar. Ela marchou, liderando suas amigas, como um general invasor. Na fila da comida, ela jogou os alimentos na sua bandeja e encarou a atendente no caixa. Enquanto suas amigas vasculhavam a multidão procurando Estrela, Hillari olhou ferozmente para sua comida.

Wayne Parr entrou e sentou-se a várias mesas de distância, como se até ele estivesse com medo dela naquele dia.

Estrela finalmente entrou. Ela foi diretamente para a fila da comida, sorrindo alegremente como de costume. Tanto ela quanto Hillari pareciam não notar uma a outra.

Estrela comeu. Hillari comeu. Nós observamos. Somente o relógio se mexia.

Um funcionário da cozinha enfiou a cabeça para fora sobre o corre pratos e gritou: “Bandejas!”.

Uma voz gritou de volta: “Cale a boca!”.

Estrela terminou o almoço. Como de hábito, ela enfiou suas embalagens na sacola de papel, carregou a sacola até a lixeira só de papel, perto da janela de devolução de bandejas, e a largou lá. Depois, voltou para seu lugar. Pegou o ukulele. Nós paramos de respirar. Hillari encarou seu sanduíche.

Estrela começou a dedilhar e cantarolar. Ela se levantou. Caminhou entre as mesas, cantarolando, dedilhando. Trezentos pares de olhos a seguiram. Ela foi até a mesa de Hillari Kimble – e continuou andando, direto para a mesa onde Kevin e eu estávamos com a equipe do Cadeira

Elétrica. Ela parou e cantou *Parabéns a você*. O nome de Hillari viria no fim da música, porém, cumprindo sua promessa do dia anterior, ela não a cantou para Hillari – ela cantou para mim. Permaneceu perto do meu ombro e olhou para mim, sorrindo e cantando, e eu não sabia para onde olhar, se para minhas mãos ou para o rosto dela, então fiz um pouco de cada. Meu rosto estava queimando.

Quando ela terminou, os alunos explodiram de seu silêncio com aplausos selvagens. Hillari Kimble saiu do refeitório batendo os pés. Kevin olhou para Estrela, apontou para mim e disse o que todo mundo devia estar pensando: “Por que ele?”.

Estrela inclinou a cabeça, como se me estudasse. Ela sorriu de um modo travesso. Puxou minha orelha e disse: “Ele é bonito”. E foi embora.

Estava me sentindo de tudo quanto é jeito de uma só vez, e todos terminavam no toque da mão dela em meu ouvido – até que Kevin se aproximou e puxou o mesmo lóbulo da orelha. “Isso está ficando cada vez mais interessante”, disse ele. “Acho que é hora de irmos ver o Archie.”

A. H. (Archibald Hapwood) Brubaker vivia em uma casa de ossos. Mandíbulas, ossos da bacia, fêmures. Havia ossos em cada sala, cada armário, na varanda dos fundos. Algumas pessoas tinham gatos de pedra em seus telhados; Archie Brubaker tinha o esqueleto de Monroe, seu siamês falecido. Sente-se em seu banheiro e vai se encontrar de frente para o crânio levemente sorridente de Doris, um creodonte pré-histórico. Abra o armário da cozinha onde os mantimentos são guardados e vai encarar o fóssil do rosto de uma raposa extinta.

Archie não era aficionado pela morte, era paleontologista. Os ossos eram de escavações que ele havia feito pelo oeste norte-americano. Muitos eram realmente seus, encontrados em seu tempo livre. Outros, coletados para museus, mas escondidos em seu bolso ou em sua mochila. “Melhor ficar na minha geladeira que desaparecer na gaveta do porão de algum museu”, ele diria.

Quando não estava escavando ossos antigos, Archie Brubaker lecionava em universidades do leste. Havia se aposentado aos 65 anos. Aos 66, sua esposa, Ada Mae, morreu. Aos 67, ele se mudou com seus ossos para o oeste “para se juntar aos outros fósseis”.

Duas razões o levaram a escolher sua casa: (1) a proximidade com a escola de ensino médio (ele queria estar perto de jovens, pois não tinha filhos) e (2) o “Señor Saguaro”, que era um cacto gigante de nove metros de altura, que se elevava sobre o galpão de ferramentas no quintal. Ele tinha dois braços que saíam do alto do tronco, um esticado diretamente para o lado e o outro que fazia uma curva de noventa graus para cima, como se estivesse dando um *adiós*! O braço que acenava era verde do cotovelo para cima; todo o resto era marrom, morto. Grande parte da casca grossa e coriácea ao longo do tronco havia se soltado e caído em uma pilha sobre o pé enorme: o Señor Saguaro perdeu suas calças. Somente suas costelas, vigas verticais de madeira da espessura de um dedo, o mantinham em pé. Corujas marrons se aninhavam em seu peito.

O velho professor falava com frequência com o Señor Saguaro... e conosco. Ele não tinha licença para lecionar no Arizona, mas isso não o impediu de fazê-lo. Todo sábado pela manhã sua casa se transformava em uma escola. Alunos do quarto ano do ensino fundamental, do último ano do ensino médio, todos eram bem-vindos. Não havia nenhum teste, nenhuma classificação, nenhuma chamada de presença. Simplesmente, era a melhor escola a que já havíamos ido. Ele falava

de tudo, de creme dental a têniás, e de alguma maneira todos os assuntos se encaixavam. Ele nos chamava de “A Ordem Leal do Osso de Pedra”. Ele nos deu colares feitos à mão, e o pingente era um pequeno fóssil amarrado em couro cru. Anos antes, ele tinha dito em sua primeira aula: “Podem me chamar de Archie”. Ele nunca precisou repetir.

Depois do jantar naquele dia, Kevin e eu fomos até a casa de Archie. Embora a aula oficial ocorresse na manhã de sábado, os alunos eram bem-vindos a qualquer hora. “Minha escola”, dizia ele, “está em todo lugar e sempre estamos em aula”.

Nós o encontramos, como de costume, na varanda dos fundos, lendo e se balançando. A varanda, banhada pela luz vermelho-dourada do pôr do sol, ficava de frente para o monte Maricopas. O cabelo branco de Archie parecia emitir luz própria.

No momento em que nos viu, ele largou seu livro. “Alunos! Bem-vindos!”

“Archie”, dissemos, e depois nos viramos para cumprimentar o grande cacto, como era costume os visitantes fazerem: “Señor Saguaro”. Nós o saudamos.

Sentamos em cadeiras de balanço; a varanda estava cheia delas. “E aí, rapazes”, ele disse, “negócios ou diversão?”

“Perplexidade” eu disse. “Tem uma garota nova na escola.”

Ele riu: “Estrela.”

Kevin arregalou os olhos: “Você a conhece?”

“Se a conheço?”, ele disse. Ele pegou seu cachimbo e encheu-o de tabaco com aroma de cereja doce. Ele sempre fazia isso ao se preparar para uma longa palestra ou conversa. “Boa pergunta.” Ele acendeu o cachimbo. “Digamos que ela esteve aqui na varanda algumas vezes.” Soprou uma fumaça branca pelo canto da boca, fazendo formas parecidas com sinais de índios apaches. “Estava me perguntando quando vocês começariam a fazer perguntas”, ele riu para si mesmo. “Perplexidade... boa palavra. Ela é diferente, não é?”

Kevin e eu explodimos em risadas, concordando. Naquele momento, percebi quanto vinha desejando a confirmação de Archie.

Kevin exclamou: “É como se ela fosse de outra espécie!”.

Archie inclinou a cabeça, como se tivesse acabado de captar o som de um pássaro raro. A haste do cachimbo ancorou um sorriso irônico. Um aroma doce preencheu o ar em torno de nossas cadeiras de balanço. Ele olhou para Kevin. “Muito pelo contrário! Ela é uma de nós, mas de uma maneira mais radical. Ela é como nós, mais do que nós mesmos somos. Ela é, eu acho, quem nós realmente somos. Ou fomos.”

Archie falava daquele jeito de vez em quando, em charadas. Nem sempre sabíamos o que ele estava dizendo, mas nossos ouvidos não se importavam. Só queríamos ouvir mais. Enquanto o sol mergulhava nas montanhas, atirou um último raio nas sobrancelhas brilhantes de Archie.

“Ela estudava em casa, vocês sabem. A mãe dela a trouxe para mim. Acho que queria parar um pouco de bancar a professora. Ela vinha um dia por semana, há quatro, cinco... sim, cinco anos atrás.”

Kevin apontou para ele. “Você a criou!”

Archie sorriu e depois baforou. “Não, isso foi feito muito antes de mim.”

“Algumas pessoas estão dizendo que ela é algum tipo de alienígena que foi mandada para cá de Alfa Centauro, ou algo do tipo”, disse Kevin. Ele riu, mas de um modo não muito convincente. Ele meio que acreditava naquilo.

O cachimbo de Archie se apagou e ele o reacendeu. “Ela não é nada disso. Ela é uma terráquea, se é que um dia existiu um.”

“Então, ela não está fingindo?”, perguntou Kevin.

“Fingindo? Não. Se alguém está fingindo, somos nós. Ela é tão real quanto...”, ele olhou em volta; pegou o crânio pequeno em formato de cunha de Barney, um roedor do período paleoceno, de 60 milhões de anos de idade, e o ergueu, “...quanto o Barney.”

Eu senti uma pontadinha de orgulho de ter chegado a essa conclusão sozinho.

“Mas e o nome”, perguntou Kevin, inclinando-se para a frente. “Ele é verdadeiro?”

“O nome?”, Archie deu de ombros. “Todo nome é verdadeiro. Essa é a natureza dos nomes. Quando ela apareceu pela primeira vez, apresentou-se como Rato de Bolso. Depois, Torta de Lama. E depois... o foi que mesmo?... Hully-Gully, como a dança, acho eu. E agora...”

“Estrela.” A palavra saiu como um sussurro; minha garganta estava seca.

Archie olhou para mim. “O que lhe der na telha. Talvez nomes deversem ser assim, não? Por que ficar preso a um só durante uma vida inteira?”

“E os pais dela?”, perguntou Kevin.

“O que têm eles?”

“O que eles pensam?”

Archie deu de ombros. “Acho que concordam.”

“O que eles fazem?”, Kevin perguntou.

“Respiram. Comem. Cortam as unhas do pé...”

Kevin riu. “Você sabe o que eu quis dizer. Onde eles trabalham?”

“A mãe, até poucos meses atrás, era a professora da Estrela. Acho que agora ela faz figurinos para filmes.”

Kevin me cutucou. “As roupas malucas!”

“O pai dela, Charles, trabalha...”, ele sorriu para nós, “... adivinhem?”

“Na MicaTronics”, dissemos em uníssono.

Eu disse aquilo admirado, pois havia imaginado algo mais exótico.

Kevin disse, “Então, de onde ela é?”

Era uma pergunta natural, por se tratar de uma cidade tão jovem quanto Mica. Praticamente todo mundo tinha nascido em outro lugar.

As sobrancelhas de Archie subiram. “Boa pergunta.” Ele deu uma longa tragada no cachimbo. “Algumas pessoas diriam Minnesota, mas no caso dela...” Ele soltou a fumaça, e seu rosto desapareceu em uma nuvem cinza. Uma névoa doce cobriu o pôr do sol, e veio um aroma de cerejas, como se elas estivessem assando no Maricopas. Ele sussurrou, “Ela é uma *avis rara*”.

“Archie”, disse Kevin, “o que você está falando não faz muito sentido.”

Archie riu, “E alguma vez já fez?”.

Kevin pulou. “Quero levá-la para o Cadeira Elétrica. O *Chatão* Borlock aqui não quer.”

Archie me estudou através da fumaça. Pensei que via aprovação, mas quando ele falou, disse simplesmente, “Trabalhem para isso, rapazes”.

Conversamos até anoitecer. Dissemos *adiós* para o Señor Saguaro. Indo embora, Archie disse, mais para mim do que para Kevin, acho eu, “Vocês vão conhecê-la mais por suas perguntas do que pelas respostas dela. Continuem olhando para ela por muito tempo. Um dia, talvez, vocês vejam alguém conhecido”.

A mudança começou no Dia de Ação de Graças. No dia 1º de dezembro, Estrela Caraway já tinha se tornado a pessoa mais popular da escola.

Como aquilo tinha acontecido?

Será que foi sua participação como líder de torcida?

O último jogo de futebol americano da temporada foi o primeiro dela como líder de torcida. A arquibancada estava lotada: alunos, pais, ex-alunos. Nunca tanta gente tinha ido a um jogo de futebol americano ver uma líder de torcida.

Ela fazia todas as acrobacias e falas rotineiras. E mais. Na verdade, ela nunca parava de torcer. Enquanto as outras garotas descansavam, ela continuava pulando e gritando, perambulando. Ela ia para os cantos que sempre haviam sido ignorados: as pontas mais distantes das arquibancadas, os lugares dos espectadores atrás das traves, a lanchonete, onde pais assistiam a líder de torcida sacudindo os braços.

Ela corria diretamente pela linha de cinquenta jardas e juntava-se às outras líderes de torcida do time. Nós ríamos enquanto elas ficavam lá, boquiabertas. Ela fazia acrobacias em frente ao banco dos jogadores e era enxotada por um treinador. No intervalo, ela tocava seu ukulele com a banda.

No segundo tempo, ela fazia acrobacias. Dava piruetas e saltos mortais. Em determinado ponto, o jogo foi interrompido e três funcionários de camisa listrada correram em direção a uma zona de finalização. Ela havia escalado uma trave, andado se equilibrando até o meio da barra, e agora estava ali com os braços levantados sinalizando um *touchdown*. Mandaram que ela descesse, diante de aplausos em pé e câmeras que disparavam flashes.

Enquanto saíamos em bando depois da partida, ninguém comentou quanto o próprio jogo tinha sido entediante. Ninguém se importava com o fato de os Elétrons terem perdido de novo. Em sua coluna, no dia seguinte, o editor de esportes do *Mica Times* se referiu a ela como “a melhor atleta em campo”. Mal podíamos esperar pela temporada de basquete.

Teria sido uma reação à Hillary Kimble?

Dias depois do “Parabéns a Você”, ouvi um grito no corredor: “Não!”. Corri para lá. Uma multidão se reunia no topo de uma escada. Todos estavam olhando

para algo. Abri caminho entre eles. Hillari Kimble estava parada no andar de cima, sorrindo. Ela segurava Canela, o rato de Estrela, pelo rabo, prendendo-o no ar, sem ter nada entre ele e o primeiro andar. Estrela estava nos degraus debaixo, olhando para cima.

A cena congelou. O sinal para a próxima aula tocou. Ninguém se moveu. Estrela não disse nada, somente olhou. Os oito dedos das patas dianteiras de Canela se abriram todos. Seus pequenos olhos fixos estavam projetados para fora, negros como cravos-da-índia. Mais uma vez, alguém gritou: “Não faça isso, Hillari!”. De repente, Hillari o soltou. Alguém gritou, mas Hillari deixou o rato cair no chão perto dos pés dela. Ela deu um sorriso final para Estrela e saiu.

Teria sido Dori Dilson?

Dori Dilson era uma menina de cabelos castanhos do nono ano que escrevia poemas em um caderno de folhas soltas quase tão grande quanto ela, e cujo nome ninguém sabia, até o dia em que ela se sentou à mesa de Estrela durante o almoço. No dia seguinte, a mesa estava cheia. Estrela não almoçou mais – ou caminhou pelos corredores ou fez qualquer coisa na escola – sozinha.

Ou fomos nós?

Nós mudamos? Por que Hillari Kimble não lançou o rato para a morte? Ela viu algo em nossos olhos?

Qualquer que fosse a razão, na época em que voltamos do feriado de Ação de Graças, ficou claro que havia ocorrido uma mudança. De repente, Estrela não era perigosa, e nós corríamos para abraçá-la. Gritos de “Estrela!” corriam soltos pelos corredores. Nunca era demais dizer o nome dela. Ficávamos ansiosos por mencioná-la para estranhos e ver as expressões no rosto deles.

As garotas gostavam dela. Os garotos gostavam dela. E – mais notavelmente – a atenção vinha de todos os tipos de pessoas: ratos tímidos e princesas, atletas e intelectuais.

Nós a homenageávamos imitando-a. Um coral de ukeles tocou no refeitório. Apareceram flores nas mesas da sala de aula. Um dia choveu, e várias garotas correram para fora para dançar. Os ratos do *pet shop* do Mica Mall esgotaram-se.

A melhor chance de expressarmos nossa admiração veio na primeira semana de dezembro. Nós nos reunimos no auditório para o concurso de oratória. Patrocinado pela Liga das Mulheres Eleitoras do Arizona, o evento anual era aberto a qualquer estudante do ensino médio que quisesse demonstrar suas habilidades como orador para o público. O microfone seria dele por sete minutos para falar sobre qualquer assunto que quisesse. O vencedor poderia participar da competição distrital.

Em geral, somente quatro ou cinco alunos participavam do concurso no EEMM. Naquele ano, foram treze, inclusive Estrela. Você não precisava ser jurado para ver que ela tinha sido, de longe, a melhor. Ela fez um discurso animado – uma apresentação, na verdade – chamado “Coruja marrom, me chame pelo primeiro nome”. Seu vestido cinza-amarronzado, no estilo da época da Guerra de Secessão, era da cor do tema do discurso. Eu não conseguia ver suas sardas da plateia, mas as imaginei dançando em seu nariz enquanto ela balançava a cabeça de um lado para o outro. Quando terminou, batemos os pés no chão, assobiamos e gritamos pedindo mais.

Enquanto os jurados fingiam que estavam discutindo quem era o vencedor, foi mostrado um filme. Era um documentário curto sobre as finais estaduais do ano anterior. Ele apresentava o vencedor, um garoto de Yuma. Os momentos mais fascinantes do filme não vieram do período da competição, mas de suas consequências. Quando o garoto voltou para sua escola, todos se aglomeraram em torno dele no estacionamento: faixas, líderes de torcida, banda de música, confetes, serpentinas. Agitando os braços no ar, o herói retornava para a escola montado em ombros.

O filme terminou, as luzes foram acesas, os juízes declararam Estrela vencedora. Agora ela deveria ir para a competição distrital em Red Rock, disseram. As finais estaduais seriam sediadas em Phoenix, em abril. Mais uma vez, gritamos e assobiamos.

Essa foi a aclamação que lhe demos nas últimas semanas do ano. Mas também demos algo a nós mesmos.

Existem lagos no deserto de Sonoran. Você pode estar no meio de um deles sem saber, porque os lagos geralmente estão secos. Você também pode não perceber que, a alguns centímetros abaixo de seus pés, existem sapos hibernando. Seus batimentos cardíacos estão desacelerados, há uma ou duas batidas por minuto. Eles estão repousando, dormentes, esperando. Sem água, a vida desses sapos da lama é incompleta, eles não são totalmente eles mesmos. Por muitos meses, eles dormem dessa maneira dentro da terra. Então, vem a chuva, e uma centena de pares de olhos começa a pipocar da lama. À noite, uma centena de vozes coaxa na água iluminada pela lua.

E foi algo maravilhoso de ver, e maravilhoso de estar no meio: nós, sapos da lama, estávamos acordando por toda parte. Fomos inundados por pequenas atenções, por pequenos gestos, palavras. Gentilezas que pensávamos estar extintas ganharam vida. Durante anos, estranhos entrepassavam taciturnamente pelos corredores. Agora, nós nos olhávamos, cumprimentávamos, sorriamos. Se alguém tirava um A, os outros comemoravam junto. Se alguém torcia o tornozelo, os outros sentiam a dor. Descobrimos a cor dos olhos uns dos outros.

Ela liderou uma rebelião, uma rebelião *a favor*, e não contra. A favor de nós mesmos, os sapos da lama dormentes que havíamos sido durante tanto tempo.

Jovens cujas vozes nunca haviam sido ouvidas falaram na aula. A seção “Cartas ao Editor” ocupou uma página inteira da edição de dezembro do jornal da escola. Mais de uma centena de estudantes se candidatou ao Festival da Primavera. Um começou um grupo de fotografia. Outro passou a usar sapatos de camurça em vez de tênis. Uma menina tímida e simples pintou as unhas do pé de verde-bandeira. Um garoto apareceu de cabelo roxo.

Nada disso foi reconhecido publicamente. Não houve anúncios no alto-falante, nenhuma cobertura de TV, nenhuma chamada no *Mica Times*:

ALUNOS DO EEMM EM REBULIÇÃO: INDIVIDUALIDADE DESABROCHA

Mas aquilo estava lá, estava acontecendo. Eu estava acostumado a espreitar através das lentes, a enquadrar a imagem, e eu podia ver. Eu podia sentir. Eu estava mais leve, solto, como se algo que estava carregando tivesse caído. Mas eu não sabia o que fazer com aquilo. Não havia direção na minha liberdade. Eu não

sentia urgência em colorir o cabelo ou em jogar meus tênis fora. Assim, eu só curtia a sensação e via o grupo de alunos, antes amorfo, multiplicar-se em centenas de indivíduos. O próprio pronome “nós” parecia se quebrar e se espalhar em pedaços.

Ironicamente, enquanto nos descobríamos e nos diferenciávamos, um novo coletivo ganhou vida, ganhou vitalidade e presença, um espírito que não existia antes. Ele ecoava nas vigas do ginásio: “VAI, ELÉTRONS!”. Ele brilhava nos cantos. Na reunião de férias, as palavras do espírito da escola ganhavam asas.

“É um milagre!”, exclamei para Archie um dia ao chegar em sua casa.

Ele estava em pé na varanda dos fundos e não se virou. Tirou seu cachimbo dos lábios bem devagar. Falou como se se dirigisse ao Señor Saguaro ou às montanhas resplandecentes à frente.

“Espero que não seja”, ele disse. “O problema dos milagres é que eles não duram muito.”

E o problema das épocas ruins é que você não consegue dormir enquanto as vivencia.

Aquelas poucas semanas entre dezembro e janeiro foram uma era de ouro. Como eu poderia saber que, quando o fim viesse, eu estaria no meio daquilo?

Toda a minha resistência em levar Estrela ao Cadeira Elétrica desapareceu.

“Tudo bem”, eu disse para Kevin, “Vamos fazer. Agende a participação dela”. Ele começou a se afastar. Eu segurei o braço dele. “Espere... convide-a primeiro.”

Ele riu. “Ah certo. Como se ela fosse dizer não.”

Ninguém jamais havia dito não para o Cadeira Elétrica. Qualquer relutância em responder a perguntas pessoais ou embaraçosas sempre cedia à tentação de aparecer na TV. Mas se alguém conseguisse resistir àquela tentação, imagino que essa pessoa seria Estrela. Naquele dia, depois da escola, Kevin veio até mim com os polegares para cima e sorridente: “Está aprovado! Ela disse sim!”.

Primeiro, fiquei surpreso. Aquilo não se encaixava na opinião que eu tinha sobre ela. Eu não sabia que aquilo era uma prévia de algo que eu estava prestes a ver muito mais: por trás de seus talentos deslumbrantes e de sua autenticidade, ela era muito mais normal do que eu havia percebido.

Mas fiquei entusiasmado. Comemoramos. Fizemos um *high-five*. Imaginamos que seria o episódio mais popular do nosso programa.

Isso foi no meio de janeiro. Definimos que a data seria 13 de fevereiro, véspera do Dia dos Namorados. Queríamos que houvesse um mês inteiro de expectativa. Com o fim da minha resistência, mergulhei de cabeça. Planejamos uma campanha promocional. Pedimos aos alunos de artes para fazerem cartazes. Anotamos perguntas para Kevin fazer, caso os jurados ficassem confusos (e havia uma boa chance de isso acontecer). Não precisamos fazer, como de costume, uma convocação para montar o júri: dezenas de alunos se ofereceram como jurados voluntários.

E, então, as coisas mudaram novamente.

No pátio da nossa escola ficava um mural de madeira de um metro e meio, que tinha o formato do papa-léguas. Era um quadro de avisos, estritamente para uso dos alunos, sempre coberto e lotado de mensagens e anúncios. Um dia, encontramos o seguinte bilhete impresso colado no mural do papa-léguas:

“Eu prometo fidelidade ao Reino das Tartarugas Unidas da América e aos morcegos frugívoros de Bornéu, a um planeta incrível na via-láctea, em que há

justiça e burritos de feijão preto para todos.”

E havia as seguintes palavras escritas à mão por alguém no rodapé da folha: “É assim que ela faz seu juramento à bandeira”.

Ninguém precisou nos dizer quem era “ela”. Aparentemente, ela foi ouvida por acaso na sala de aula enquanto fazíamos o juramento a cada manhã.

Até onde eu sabia, não éramos um grupo especialmente patriota. Eu não ouvi as pessoas dizerem que estavam ofendidas. Alguns acharam aquilo engraçado. Alguns riram e acenaram com conhecimento de causa, como se quisessem dizer: “É ela de novo”. Nas manhãs seguintes, ouviu-se mais de um aluno recitando o novo “juramento”.

Dali a alguns dias, uma nova história começou a se espalhar descontroladamente entre os alunos. Uma aluna do último ano, Anna Grisdale, perdeu o avô que estava doente havia muito tempo. O funeral aconteceu na manhã de um sábado. Por um instante, tudo pareceu rotineiro: a multidão de pessoas na igreja, o cortejo de carros com faróis acesos, uma rodinha de pessoas agrupada em torno da sepultura para a despedida final. Após uma breve cerimônia fúnebre, o diretor da funerária entregou a todos uma flor de haste longa. Ao sair, cada pessoa de luto colocou sua flor sobre o caixão. Foi quando Anna Grisdale notou a presença de Estrela.

Em meio às suas lágrimas, Anna conseguiu ver que Estrela também estava chorando. Ela se perguntou se Estrela também havia estado na igreja. Mais que isso, perguntou-se por que Estrela estaria lá. Será que ela e seu avô tinham sido amigos sem o conhecimento de Anna? A mãe de Anna perguntou a ela quem era a menina desconhecida.

Depois disso, os presentes foram convidados à casa de Anna para o almoço. Cerca de trinta pessoas apareceram. Havia um bufê de tortas, saladas e doces. Estrela estava lá, conversando com os familiares e parentes, mas sem comer nem beber nada.

De repente, Anna ouviu a voz de sua mãe. Ela não souu mais alta que a dos outros, mas saiu diferente: “O que você está fazendo aqui?”.

Fez-se um silêncio repentino. Todo mundo ficou olhando.

Elas estavam em frente à janela panorâmica. Anna nunca tinha visto sua mãe tão brava. A senhora Grisdale tinha sido muito próxima de seu pai. Eles haviam construído um anexo na casa para que ele pudesse viver com eles.

Ela encarou Estrela. “Me responda.”

Estrela não respondeu. “Você nem mesmo o conhecia, não é?”

Estrela continuou em silêncio.

“Não é?”

E então a mãe de Anna abriu a porta da frente e apontou para fora, como se a banisse para o deserto. “Saia da minha casa.”

E, então, Estrela partiu.

Danny Pike tinha 9 anos. Ele adorava andar na bicicleta que havia ganhado de aniversário. Um dia, depois da escola, ele perdeu o controle e bateu em uma caixa de correio. Quebrou a perna, mas isso não foi o pior. Um coágulo apareceu em seu sangue. Ele foi levado de helicóptero para o Hospital Infantil em Phoenix, onde foi operado. Por um tempo, a situação se manteve incerta, mas depois de uma semana ele já estava de volta, em casa.

Tudo isso foi relatado pelo *Mica Times*, bem como a comemoração quando Danny chegou a sua casa em Piñon Lane. A foto de cinco colunas do *Times* mostrava Danny nos ombros do pai, cercado de um grupo de vizinhos. Ao fundo havia uma nova bicicleta e uma grande placa com os dizeres:

BEM-VINDO AO LAR, DANNY

Demorou alguns dias para uma foto enorme aparecer no mural de papaléguas. Nós nos reunimos em volta dele para ver algo que não havíamos notado antes. Uma seta feita com caneta vermelha de ponta grossa apontava para um dos pequenos rostos que lotavam o enquadramento. Era o rosto de uma garota, que brilhava como se Danny Pike fosse seu irmão mais novo que voltava dos mortos. Era Estrela.

E, então, lá estava a bicicleta.

Cada um dos diversos parentes de Danny – pais, avós etc. – achou que havia sido o outro familiar que tinha comprado uma bicicleta nova para o garoto. Vários dias se passaram até que descobrissem, para sua enorme surpresa, que não havia sido nenhum deles.

Então, de onde a bicicleta tinha vindo? Os alunos do ensino médio que ouviram a história e viram a foto tinham uma boa ideia. Aparentemente, a família Pike não. A bicicleta se tornou o centro de uma briga familiar. O pai de Danny ficou louco porque ninguém a quem ele perguntava admitia ter comprado a bicicleta, provavelmente porque ninguém tinha feito isso. A mãe ficou irada porque de maneira nenhuma, pelo menos por um ano, ela deixaria Danny voltar a pedalar.

Em uma noite, a bicicleta nova e ainda não pedalada acabou no meio-fio na frente da casa da família Pike, junto com as lixeiras. Na hora em que o caminhão de lixo veio no dia seguinte, ela tinha sumido. Danny ganhou uma arma de chumbinho no lugar dela.

O juramento à bandeira, o funeral de Grisdale, o caso de Danny Pike – essas coisas foram notadas, mas não tiveram impacto imediato na popularidade de

Estrela na escola. O mesmo não aconteceu com a animação de torcida e a temporada de basquete masculino.

Durante cada primeiro tempo dos jogos de basquete que aconteceram na escola, Estrela foi até a área dos adversários e fez uma acrobacia de líder de torcida. Ela começou com um movimento exagerado de bater a bola:

Drible! Drible!
Sis Bum Bibi!
Não mordemos!
Não mordemos!
Só dizemos...
 (gesto longo)
“E aí, amigos!”

(Dois dedos apontavam para o peito dela,)

“Nós somos os Elétrons!”

(apontando para eles) *“Quem – são – VOCÊÊÊÊS?”*

(então, ela virava a cabeça de lado e fazia uma concha na orelha com a mão, esperando ouvir algo.)

Uma ou duas líderes de torcida, ou talvez um torcedor ou dois gritavam de volta: “Somos os Wildcats!” ou “Somos os Cougars!” ou qualquer coisa parecida, mas a maioria simplesmente a encarava boquiaberta, como se dissesse: “Quem é isso?”. Algumas colegas líderes de torcida se divertiam, e outras ficavam mortificadas.

Nesse ponto, o único crime do qual Estrela poderia ter sido acusada seria o de piçagueira. Mas ela não parou por aí. Comemorava sempre que a bola caía na cesta, independentemente de que time tivesse marcado o ponto. Foi a visão mais estranha: o time adversário marcava, a multidão do EEMM se sentava na maior tristeza, enquanto Estrela, sozinha, aparecia aplaudindo.

No começo, as outras líderes de torcida tentaram controlá-la, mas era como tentar fazer um filhote de cachorro ficar quieto. Quando lhe deram a saia plissada, fizeram dela uma líder de torcida que nunca haviam imaginado. Ela não se limitava aos jogos de basquete. Ela aplaudia qualquer jogo, qualquer coisa, a qualquer momento. Ela aplaudia as grandes coisas, as homenagens, os vencedores de eleições, mas dava muito de sua atenção às pequenas coisas.

Nunca se sabia quando ia acontecer. Você podia ser um zé-ninguém do primeiro ano chamado Eddie. Enquanto andava pelo corredor, você via um papel de bala no chão, apanhava-o e jogava-o na lixeira mais próxima, e, de repente, lá estava ela na sua frente, sacudindo os braços, com seu cabelo dourado e sardas voando, engolindo você inteiro com aqueles olhos enormes, gritando uma musiquinha que ela criava na hora, alguma coisa sobre Eddie e a lixeira fazendo juntos um trabalho para acabar com o lixo. Uma multidão então se reúne, bate palmas no ritmo da musiquinha, e há muito mais olhos em cima de você do que em todos os dias anteriores da sua vida juntos. Você se sente idiota, exposto, estúpido. Quer fazer o mesmo que o papel de bala e se jogar dentro da lixeira. É a coisa mais dolorosa que já lhe aconteceu. Seu cérebro continua projetando um único pensamento: *Eu vou morrer... Eu vou morrer...*

E, então, quando ela finalmente terminava e as sardas se acomodavam de novo na ponta do nariz dela, você simplesmente não morria. Porque as pessoas estavam aplaudindo, esse era o motivo de você não morrer. Quem já morreu enquanto estava sendo aplaudido? E as pessoas estavam sorrindo para você. Pessoas que nunca tinha visto antes estavam sorrindo para você e dando tapinhas nas suas costas, apertando sua mão, e, de repente, parecia que o mundo inteiro estava chamando seu nome, e você se sentia tão bem que praticamente poderia flutuar da escola para casa. E quando ia para cama naquela noite, a última coisa que via antes de adormecer eram aqueles olhos, e a última coisa que sumia era aquele sorriso no seu rosto.

Talvez um dia você tivesse aparecido na escola com brincos realmente diferentes. Ou tirado dez em um teste. Ou quebrado um braço. Ou tirado o aparelho dos dentes. Ou talvez você nem mesmo fosse uma pessoa. Talvez fosse um desenho a carvão feito na parede por um gênio da arte. Ou um cara bem-apegoado no estacionamento.

Nós sacudíamos a cabeça e concordávamos que ela era uma menina abobada, quem sabe até mesmo oficialmente louca, mas nos afastávamos sorrindo e, talvez não disséssemos, mas pensávamos a mesma coisa: é bom ser reconhecido.

E se esse tivesse sido qualquer outro ano, as coisas poderiam simplesmente ter continuado daquele jeito. Aquele, porém, era o ano em que algo inacreditável estava acontecendo na quadra de basquete. Aquele era o ano em que nosso time estava ganhando. *Sempre* ganhando.

E aquilo mudou tudo.

No começo da temporada, ninguém notou. Exceto pelas duplas de tênis feminino, nunca havíamos tido boas equipes em nada. Nós sempre esperávamos

perder. Já nos sentíamos confortáveis em perder. Na verdade, a maioria nem prestava atenção naquilo, já que nem mesmo ia aos jogos.

No ano anterior, os Elétrons tinham vencido no basquete apenas em cinco de vinte e seis jogos. Naquele ano, venceram seu quinto jogo antes do Natal. No início de janeiro, tinham vencido a décima partida, e as pessoas começaram a notar que ainda havia um zero na coluna de derrotas.

“INVICTO!” avisava uma placa no mural de papa-léguas. Alguns diziam que estávamos vencendo por acaso. Outros falavam que os outros times é que eram piores que o nosso. Alguns achavam que a placa era mentirosa. Uma coisa era certa: o público dos jogos aumentou. No começo de fevereiro, tínhamos conseguido uma sequência de dezesseis vitórias, e não havia nenhum lugar vazio nas arquibancadas do ginásio.

Uma coisa ainda mais interessante estava acontecendo. De repente, não ficávamos mais conformados em perder. Na verdade, tínhamos nos esquecido de como era perder. A transformação tinha sido espantosa em termos de velocidade. Não houve período nem curva de aprendizagem. Ninguém precisou nos ensinar como era bom sermos vencedores. Em um dia estávamos entediados, indiferentes, éramos perdedores conformados; no outro, éramos fanáticos raivosos, que batiam os pés nas arquibancadas, que pintavam o rosto de verde e branco, e faziam “ola” como se tivéssemos treinado durante anos.

Nós nos apaixonamos pelo nosso time. Falávamos dele, usávamos a palavra “nós” em vez de “eles.” O artilheiro, Brent Ardsley, parecia ter uma aura dourada enquanto se movimentava pela escola. E quanto mais amávamos nosso time, mais odiávamos os adversários. Costumávamos invejá-los. Chegávamos a aplaudi-los para contrariar nossos times azarados. Agora, detestávamos os adversários e tudo relacionado a eles. Detestávamos seus uniformes. Detestávamos seus técnicos e seus torcedores. Nós os odiávamos porque estavam tentando estragar nossa campanha perfeita de vitórias. Nós nos ressentíamos de cada ponto marcado contra nós. E tínhamos raiva quando eles se atreviam a comemorar!

Começamos a vaiar. Essa foi nossa primeira experiência como vaiadores, mas você pensaria que éramos experientes. Vaiávamos o time adversário, vaiávamos o técnico adversário, os torcedores do outro time, os juizes, qualquer coisa que ameaçasse nossa temporada perfeita recebia vaia.

Vaiávamos até o placar. Odiávamos jogos que só eram definidos no último momento. Odiávamos suspense. Adorávamos jogos que eram decididos nos primeiros cinco minutos. Queríamos mais que vitórias, queríamos massacres. O único placar com o qual ficávamos totalmente felizes era de 100 a 0.

E bem lá no meio daquilo tudo, no meio daquela obsessão por uma temporada perfeita, estava Estrela, comemorando sempre que a bola caía na cesta, não importava qual time pontuasse, festejando tudo e todos. Foi em algum

momento de janeiro que os gritos começaram a ser disparados da arquibancada: “Ei, some daí!” Então vieram as vaías. Ela não parecia notar.

Ela não parecia notar mesmo.

De todas as características incomuns de Estrela, essa para mim era a mais marcante. As coisas ruins não a afetavam. Correção: as coisas ruins que aconteciam *com ela* não a afetavam. E as coisas ruins que aconteciam *conosco* a afetavam demais. Se fôssemos feridos, se estivéssemos tristes ou fôssemos vitimados pela vida de alguma outra maneira, ela parecia saber tudo sobre nós e se importar, e logo nós também fizemos isso. Mas as coisas ruins que aconteciam com ela – palavras duras, olhares desagradáveis, bolhas no pé – tudo isso ela parecia não perceber. Nunca a vi se olhar em um espelho, nunca a ouvi reclamar. Todos os seus sentimentos, todas as suas atenções fluíam para fora. Ela parecia não ter ego.

O décimo nono jogo da temporada de basquete foi jogado no campo da Red Rock. Nos anos anteriores, em jogos fora de nossa escola, as líderes de torcida estavam sempre em maior número que os torcedores da Mica; agora não. O comboio que passava pelo deserto naquela noite se estendia por alguns quilômetros. Quando nos instalamos, mal sobrou lugar para os torcedores do time da Red Rock.

Foi a pior chacina do ano. O Red Rock estava indefeso. No início do quarto tempo, nós estávamos na frente, por 78 a 29. O técnico colocou os reservas na quadra. Nós vaiamos. Queríamos uma centena de pontos. Queríamos sangue. O técnico colocou os titulares de volta na equipe. Enquanto uivávamos e trovejávamos nas arquibancadas, Estrela se levantou e saiu do ginásio. Os que perceberam que ela tinha saído acharam que ela havia ido ao banheiro. Eu continuei olhando na direção da saída. Ela nunca voltou. Faltando cinco segundos para o fim do jogo, os Elétrons marcaram o centésimo ponto. Nós surtamos.

Estrela tinha ficado do lado de fora da escola o tempo todo, conversando com o motorista do ônibus. As outras líderes de torcida perguntaram por que ela havia saído. Ela disse que estava com pena dos jogadores do Red Rocks. Sentia que sua comemoração só ia tornar o massacre ainda pior. Jogos assim não eram divertidos, disse ela. Seu trabalho não era se divertir, disseram a ela, seu trabalho era torcer pelo colégio de Mica, não importava o que acontecesse. Ela apenas as olhou.

O time e as líderes de torcida tinham vindo no mesmo ônibus. Quando os jogadores saíram do vestiário, as líderes de torcida contaram a eles o que havia acontecido. Eles bolaram uma pegadinha. Disseram a Estrela que alguém tinha esquecido alguma coisa no ginásio e pediram que ela fosse pegar. Quando Estrela

saiu, disseram ao motorista que todos já haviam embarcado, e o ônibus fez a viagem de duas horas de volta sem ela.

Um zelador do Red Rock levou-a de carro para casa naquela noite. No dia seguinte, na escola, as líderes de torcida disseram a ela que tudo tinha sido um mal-entendido e agiram como se sentissem muito. Ela acreditou nelas.

O dia seguinte era 13 de fevereiro. Dia do Cadeira Elétrica.

O Cadeira Elétrica aconteceu assim: no estúdio do centro de comunicações, havia duas cadeiras no palco: a infame cadeira elétrica – pintada de vermelho com chamas que subiam pelas pernas – e uma cadeira comum para o apresentador, Kevin. Fora dele, na lateral, havia duas fileiras de seis cadeiras cada, com a segunda fila mais elevada que a primeira. Era nela que o júri se sentava.

Era um júri apenas no nome. Os doze membros não votavam nem definiam um veredito. A função deles era fazer perguntas, dando ao Cadeira Elétrica seu calor: perguntas delicadas, perguntas embaraçosas, perguntas intrometidas, mas nenhuma pergunta maldosa ou ofensiva.

A ideia era fazer o convidado se contorcer, mas não torrar.

No espírito de uma inquisição de mentira, chamávamos o convidado de “réu”. E por que alguém iria querer ser um réu? Pelo encanto da TV. Pela chance de confessar – ou mentir – diante de uma câmera e diante de colegas, em vez de seus pais. Mas eu duvidava que esses motivos comuns se aplicassem à Estrela.

Havia três câmeras: uma para o palco, uma para o júri, e o Chico. O Chico era a câmera de mão para fazer *close-up*. De acordo com o senhor Robineau, nosso orientador educacional, um aluno chamado Chico uma vez implorou a ele para ser o garoto da câmera de *close-up*. O senhor Robineau deu uma chance a ele, mas Chico era tão magrelo que praticamente caiu com a câmera. O trabalho foi dado a outra pessoa, e Chico foi fazer musculação. No ano seguinte, Chico já tinha músculos, e a câmera era como um nada em seu ombro. Ele conseguiu o trabalho e foi brilhante nele. E batizou a câmera com o próprio nome. “Nós somos um”, ele disse. Quando se formou, seu nome ficou e, a partir de então, a câmera de *close-up* e seu operador formam uma unidade chamada Chico.

Um microfone de lapela do tamanho de um dedal era colocado no apresentador e no réu; o júri compartilhava um microfone de mão. Do lado oposto do palco ficava a sala de controle de vidro, isolada acusticamente do restante do estúdio. Era ali que eu trabalhava, usando meu fone de ouvido, observando os monitores, dirigindo as sequências. Eu ficava no ombro do diretor técnico, ou DT. Ele se sentava em uma mesa de botões, conseguindo as tomadas que eu pedia. Também na sala de controle ficava o pessoal de áudio e vídeo. O

senhor Robineau ficava lá como um supervisor acadêmico, mas basicamente os alunos conduziam tudo.

A função de Kevin era fazer as coisas começarem: apresentar o réu, fazer algumas poucas perguntas de abertura, animar as coisas se os jurados desanimassem. Geralmente, o júri entrava no clima. Perguntas típicas eram: “Incomoda você ser tão baixinho?”, “É verdade que gosta disso e daquilo?”, “Você acha que tem uma boa aparência?”, “Com que frequência você toma banho?”.

Isso quase sempre aumentava a diversão. No final da meia hora, enquanto os créditos subiam e o volume da música aumentava, sempre havia uma sensação boa no ar, e todo mundo – réu, jurados, equipe do estúdio – se misturava e virava aluno de novo.

Nós filmávamos os programas depois das aulas, então transmitíamos na mesma noite – no horário nobre – no canal de TV a cabo local. Atingíamos cerca de dez mil casas. Nossas pesquisas diziam que pelo menos quinze por cento dos alunos assistiam qualquer programa que passava. Nós tínhamos mais público que a maioria dos seriados populares. Esperávamos superar noventa por cento de audiência com o programa com a Estrela.

Mas eu tinha um segredo: desejava que ninguém assistisse.

No mês que se seguiu ao agendamento do programa, a popularidade de Estrela despencou. Nada mais de ukuleles no refeitório. Cada vez mais jovens viam seu comportamento de líder de torcida como algo que minava o time de basquete e seu recorde de vitórias. Eu tinha medo de que as vaías para ela pudessem se disseminar da quadra para o estúdio. Tinha medo de que as coisas ficassem feias no programa.

Quando Estrela veio naquele dia após as aulas, Kevin deu a ela as instruções habituais enquanto o senhor Robineau e eu verificamos o equipamento. Quando os membros do júri entraram, eles não estavam fazendo palhaçadas ou sapateando no palco como faziam normalmente. Eles foram direto para seus lugares. Estrela era a única que sapateava. E fazia caretas para as câmeras enquanto Canela, o rato, lambia seu nariz. Kevin estava todo animado, mas os rostos dos jurados pareciam impiedosos. Um deles era Hillari Kimble. Minha má impressão ficou ainda pior.

Voltei para a sala de controle e fechei a porta. Verifiquei a comunicação com as câmeras. Estávamos prontos. Kevin e Estrela assumiram seus lugares. Dei uma última olhada pelo vidro que separava o estúdio da sala de controle. Na próxima meia hora, veria o mundo através de quatro monitores. “Tudo certo, pessoal”, anunciei, “lá vamos nós.” Cortei o microfone do estúdio. Examinei meus

companheiros na sala de controle. “Todos prontos?” Todos afirmaram com a cabeça.

Naquele instante, Estrela ergueu uma das patas dianteiras do Canela e acenou para a sala de controle, dizendo em uma voz esganiçada: “Oi, Leo”.

Congelei. Fiquei desconcertado. Não sabia que ela sabia meu nome. Fiquei lá em pé como um idiota. Finalmente, balancei os dedos para o rato e balbuciei as palavras: “Oi, Canela”, embora eles não pudessem me ouvir do outro lado do vidro.

Respirei profundamente. “Certo, música pronta, vinheta pronta”, parei. “Música, vinheta.”

Eu vivia para aquele momento: começar o programa. Eu era o diretor, o maestro, eu pedia as tomadas. Nos monitores diante de mim, via o programa se desdobrar de acordo com meus comandos. Naquele dia, porém, não havia entusiasmo. Eu sentia apenas um pavor sombrio que serpenteava pelos cabos.

“Olá... bem-vindos ao Cadeira Elétrica...”

Kevin seguiu com o discurso de abertura. Ele adorava estar diante das câmeras. Ele era ideal para um show como aquele, e fazia bom uso de seu sorriso malandro e das sobrancelhas arqueadas no estilo eu-realmente-ouvi-você-dizer-isso?

Ele se virou para Estrela. Então, de improviso, esticou-se e tocou no nariz do Canela, que estava empoleirado no ombro da garota. “Quer segurá-lo?”, ela perguntou.

Kevin lançou seu olhar de eu-deveria? para a câmera. “Claro”, ele disse.

“Pronto, Chico, no rato”, falei ao microfone do *headset*.

“Pronto” vinha sempre primeiro na sequência de comando.

Chico deu um *zoom*.

“Chico.”

O DT enquadrou Chico. A câmera seguiu Canela das mãos de Estrela para as de Kevin. Mal o rato chegou ao colo de Kevin, correu até seu peito e disparou por entre dois botões de sua camisa. Kevin grunhiu e se contorceu. “Ele arranha!”

“Ele tem unhas”, disse Estrela calmamente. “Mas não vai machucá-lo.”

Chico focou em Canela colocando a cabeça para fora por entre os dois botões. O senhor Robineau ergueu o polegar em frente ao meu rosto.

Kevin fez sua cara de eu-não-sou-o-máximo? para a câmera. Ele se virou para Estrela. “Sabe, desde que você apareceu na escola este ano, queremos colocá-la na Cadeira Elétrica.”

Estrela olhou para ele. Ela se virou para a câmera que estava gravando. Começou a arregalar os olhos...

Algo estava acontecendo.

... e arregalou mais ainda...

“Chico!”, gritei.

Chico se moveu, agachando-se, fazendo um ângulo de baixo para cima. Excelente. “Mais perto, mais perto”, falei.

Os olhos admirados de Estrela praticamente preencheram a tela. Eu verifiquei o monitor de tomada longa. Ela estava congelada, rígida, como se estivesse eletrocutada na cadeira.

Alguém bateu no meu ombro. Eu me virei. O senhor Robineau estava rindo, dizendo algo. Eu tirei o fone do ouvido. “Ela está *fazendo graça*”, ele repetiu. E, de repente, eu entendi. Ela estava interpretando alguém na “cadeira elétrica” literalmente. Estava explorando ao máximo a situação, e pela cara de paisagem de Kevin e do júri, só o senhor Robineau e eu havíamos entendido a piada.

As mãos de Estrela agora estavam se erguendo dos braços da Cadeira Elétrica...

“Pronto, um”, falei. “Um!”

Desatento de início, o Câmera Um filmava-a agora, fazia a tomada longa, focando-a enquanto suas mãos deixavam os braços da cadeira, dedos abertos ao máximo, e você quase podia ver as pontas de seus dedos soltando fumaça...

Agente firme, rezei, não se mexa...

... enquanto seu olhar horrorizado se fixava na lateral da cadeira, a cadeira elétrica, e observava as chamas pintadas...

“AAAAAAAAAAAAAH!”

O grito dela dobrou os ponteiros do medidor como palmeiras em um furacão. O rato saltou da camisa de Kevin. A imagem da TV sacudiu quando meu Câmera Um titubeou, mas ele se recuperou e focalizou-a em pé agora, na borda dianteira do palco, curvando-se com sua traseira para a câmera, sacudindo a mão atrás de si, ventilando a fumaça de modo divertido.

Finalmente Kevin entendeu. Ele ficou doido.

“Um, recue, enquadre o Kevin. Pronto... Um.”

Kevin estava curvado, inclinando-se para fora da cadeira, de joelhos no palco. Sua risada encheu a sala de controle. O rato correu sobre suas mãos e pulou o único degrau do palco...

“O rato!”, gritei. “Dois, pegue o rato!”

Mas Dois não conseguiu pegar o rato porque o animal estava farejando seus pés e o Câmera Dois estava fugindo de sua câmera.

“Chico, o rato!”

Chico mergulhou. Ele estava rente ao chão, enchendo a tela com uma brilhante tomada ao vivo do rato indo na direção do júri. Os membros do júri começaram a escalar e subir em seus assentos.

Os “Prontos” já não valiam, as coisas começaram a acontecer rápido demais. Os câmeras estavam dançando, alimentando os monitores. Eu gritava comandos. O DT batia em seu painel de botões como algum tecladista de *hard rock*.

A atuação de Estrela continuou sendo a melhor que eu já vi. O senhor Robineau continuava apertando meu ombro. Como ele disse mais tarde, aquele foi o grande momento da história do Cadeira Elétrica.

Mas, por causa do que aconteceu depois, nenhum público jamais veria aquele episódio.

Em menos de um minuto, tudo voltou ao normal. Estrela recuperou o Canela e sentou-se de volta estilosamente na Cadeira Elétrica como se nada tivesse acontecido. Os olhos de Kevin brilhavam. Ele estava se contorcendo. Não podia esperar para começar a entrevista. Nem o júri podia, mas os olhos deles não estavam brilhando.

Kevin se forçou a parecer sério. “Então, seu nome... Estrela. É bastante incomum.”

Estrela lançou um olhar vazio.

Kevin ficou agitado. “Não é?”, ele disse.

Estrela deu de ombros. “Não para mim.”

Ela estava fazendo ele de bobo, pensei. “Chico”, eu disse no meu microfone, “focalize de perto o rosto dela.”

Uma voz foi ouvida vagamente fora do enquadramento da câmera. Kevin se virou. Um membro do júri tinha falado. “Júri, microfone”, eu disse. “Pronto, Dois.” O microfone foi passado para Jennifer St. John. “Dois.”

O microfone parecia um cone de sorvete preto diante do rosto de Jennifer. Sua voz não era agradável. “Qual é o problema com o nome original que seus pais deram a você?”

Estrela se virou lentamente para Jennifer. Ela sorriu. “Nenhum. Era um bom nome.”

“E qual era?”

“Susan.”

“Então por que você parou de usá-lo?”

“Porque eu não me sentia mais como Susan.”

“Então você simplesmente descartou Susan e se nomeou Estrela?”

“Não.” Ainda sorrindo.

“Não?”

“Rato de Bolso.”

Doze pares de olhos se arregalaram.

“O quê?”

“Eu me chamei de Rato de Bolso”, disse Estrela, suave como uma brisa. “Depois, Torta de Lama. E então Hully-Gully. E só *depois* Estrela.”

Damon Ricci arrancou o microfone de Jennifer St. John. “E então, o que você será da próxima vez? Bosta de Cachorro?”

Ai-ai, pensei, aí vamos nós.

Kevin entrou na conversa. “Então... você troca de nome sempre que fica cansada dele?”

“Sempre que ele não serve mais para mim. Eu não sou meu nome. Meu nome é algo que eu visto, como uma camisa. Ele gasta, eu fico maior que ele, eu o troco.”

“Então, por que Estrela?”

“Ah, não sei.” Ela cutucou o nariz do Canela com a ponta do dedo. “Estava andando no deserto uma noite, olhando para o céu...”, ela riu abafado, “como *não* olhar para o céu? E meio que a ideia do nome me veio, caiu em cima de mim.”

Kevin consultou sua ficha de perguntas preparadas. “O que seus pais acharam disso? Eles ficaram tristes por você não ter mantido o nome Susan?”

“Não. Foi praticamente ideia deles. Quando passei a me chamar de Rato de Bolso ainda pequena, eles começaram me chamar assim também. E nunca mais paramos.”

Outra voz distante do júri.

Cutuquei o técnico de som. “Microfone do júri. E mantenha todos os microfones abertos.” Eu odiava fazer aquilo.

Aquele era Mike Ebersole. “Perguntei se você ama o seu país...”

“Sim”, ela respondeu com vivacidade. “Você ama o seu?”

Ebersole ignorou a pergunta dela. “Por que você não faz o juramento à bandeira direito?”

Ela sorriu. “Parece direito para mim.”

“Para mim, parece que você é uma traidora.”

Tinha se estabelecido que os jurados deveriam fazer somente perguntas, e não declarações.

Uma mão apareceu no enquadramento e arrancou o microfone de Ebersole. A cara raivosa de Becca Rinaldi apareceu na Câmera Dois. “Por que você torce pelo time adversário?”

Estrela pareceu estar pensativa. “Acho que é porque sou uma líder de torcida.”

“Você não é *apenas* uma líder de torcida, sua galinha estúpida”, Becca Rinaldi rosnava no microfone, “era para você ser líder de torcida do *nosso* time. Uma líder de torcida de *Mica*.”

Olhei para o senhor Robineau. Ele estava virado de costas para os monitores. Olhava diretamente para o estúdio pela janela da sala de controle.

Estrela estava inclinada para a frente, olhando com um ar sério para Becca Rinaldi, sua voz estava miúda como a de uma garotinha. “Quando o time adversário marca um ponto e você vê quanto os torcedores dele ficam felizes, isso não deixa você feliz também?”

Becca rosnou: “Não”.

“Não te dá vontade de se juntar a eles?”

“Não.”

“Você nunca quis que o outro time ficasse feliz também?”

“Não.”

Estrela parecia genuinamente surpresa. “Você não quer sempre ser a vencedora... quer?”

Becca fez uma careta para ela, salientando sua mandíbula. “Sim. Sim, eu quero. Sim. Eu *sempre* quero ser a vencedora. É isso que eu faço. Eu torço para vencermos. É o que todos fazem.” Ela girou o braço indicando todo o estúdio. “Nós todos torcemos por Mica.” Ela apontou o dedo para o palco. “Para quem você torce?”

Estrela hesitou. Ela sorriu, jogou os braços para o alto e disse. “Torço *por todo mundo!*”

Kevin – resgatando-a, felizmente – bateu as mãos. “Ei, o que acha disso? Talvez isso devesse ser oficial. Talvez uma pessoa em cada distrito devesse ser indicada para ficar” – ele apontou o estúdio com o braço – “do lado de todo mundo!”

Estrela se esticou e deu um tapinha no joelho de Kevin. “Ela poderia usar o nome de todas as escolas em seu uniforme!”

Kevin riu. “Ele teria de ser grande como uma casa!”

Estrela bateu no próprio joelho. “Sendo assim, nenhuma letra. É ainda melhor.” Ela olhou para a câmera, levantou a mão no espaço à sua frente e disse: “Sem letras!”.

“Líder de torcida geral!”

“Líder de torcida de todo mundo!”

Kevin sentou-se em posição de sentido e colocou a mão sobre o coração. “Com liberdade e justiça... e uma líder de torcida para todos.”

Ebersole resmungou no microfone do júri: “E um rocambole de nozes para todos.”

Kevin abanou o dedo. “Não, não”, ele bronqueou. “Sem declarações do júri. Apenas perguntas.”

Renee Bozeman agarrou o microfone. “Certo, eu tenho uma pergunta. Por que você parou de estudar em casa?”

O rosto de Estrela ficou sério. “Eu queria fazer amigos.”

“Bem, sem dúvida você tem um jeito engraçado de demonstrar isso, deixando a escola inteira louca com você.”

Naquele momento, eu desejei nunca ter concordado com a participação de Estrela no Cadeira Elétrica. Estrela apenas a encarou. Chico preencheu a tela com o rosto dela.

“Passe para mim...” A voz de Jennifer St. John alcançou o microfone. “E fora da escola também. Você se intromete na vida de todo mundo. Enfia o nariz onde é chamada e onde não é. Por que faz isso?”

Estrela não teve resposta. Sua expressão irrequieta habitual desapareceu. Ela olhou para Jennifer. Olhou para a câmera, como se tentasse encontrar uma resposta nas lentes. De repente, ela olhou para o nada, para a sala de controle. Eu tirei meus olhos do monitor e, por um segundo, pensei que eles haviam encontrado os dela pela janela da sala de controle.

Eu vinha me perguntando quando Hillari Kimblealaria. Foi naquele momento. “Vou te dizer uma coisa, garota. Você é estúpida. Você é louca.” Hillari estava em pé, apontando o dedo para Estrela, mastigando o microfone. “Você deve ter vindo de *Marte* ou de algum...” Kevin ergueu uma mão tímida. “E não me venha com esse papo de nada de declarações, Kevin. De onde você veio, de *Marte* ou de algo parecido? Pronto, aí está a sua pergunta. Por que não volta para o lugar de onde veio? Essa é outra pergunta.”

Os olhos de Estrela encheram a câmera. *Não chore*, eu pedi.

Não havia limites para Hillari. “Você quer torcer para as outras escolas? Ótimo! Vá para elas! Não venha para a *minha* escola. Saia da *minha* escola!”

Outras mãos estavam agarrando o microfone.

“Eu sei qual é seu problema. Toda essa coisa esquisita que você faz? É só para chamar a atenção.”

“É pra conseguir um namorado!”

Os jurados riram. Eles se comportavam como um bando. Mãos agarraram o microfone. Kevin olhou ansioso para mim. Eu não podia fazer nada. Com todos os botões e interruptores sob meu comando, eu estava de mãos atadas para mudar algo do outro lado do vidro.

“Eu tenho uma pergunta simples para você. Qual é o seu problema? Hein? Hein?”

“Por que você não pode ser normal?”

“Por que quer ser tão diferente?”

“Issol! Tem algo de errado com a gente para você querer ser tão diferente de nós?”

“Por que você não usa maquiagem?”

Eles estavam todos em pé agora, apontando os dedos, avançando, gritando, estivessem com o microfone ou não.

“Você não gosta da gente, não é? Não é?”

O senhor Robineau virou a chave no console. “Chega”, disse ele.

Desliguei a chave de som do estúdio. “Chega. O programa acabou.”

O júri foi embora gritando.

Aquele foi o começo de um período que virou um borrão quando tento me lembrar dele. Incidentes pareciam se suceder e se misturar. Eventos se transformaram em sentimentos, sentimentos se transformaram em eventos. Cabeça e coração são historiadores contraditórios.

Aquele programa do Cadeira Elétrica nunca foi ao ar. O senhor Robineau destruiu a fita. É claro, isso não impediu que cada momento do programa fosse relatado. Na verdade, a maioria dos alunos sabia sobre ele quando a escola se abriu, no dia seguinte.

Do que eu me lembro em seguida, quando o último detalhe foi contado, é de um período de sussurros e espera. Tensão. O que aconteceria agora? A hostilidade declarada do júri contaminaria as salas de aula? Como Estrela reagiria? Esperavam-se respostas no dia seguinte, o Dia dos Namorados. Nos feriados anteriores – Dia das Bruxas, Dia de Ação de Graças, Natal, Dia da Marmota –, Estrela tinha deixado um pequeno mimo em cada mesa de sua sala. Será que ela faria o mesmo daquela vez?

A resposta foi sim. Cada aluno da sala 17 encontrou um doce em formato de coração em sua mesa naquela manhã.

Haveria um jogo de basquete naquela noite; disso eu me lembro. O maior jogo do ano. Os Elétrons tinham passado tranquilos e invictos pela temporada regular, mas agora a segunda temporada estava prestes a começar: os *playoffs*. Primeiro os distritos, depois os regionais, e finalmente o torneio estadual. Nunca tínhamos nem chegado à etapa dos distritos, mas agora visões de campeonatos dançavam em nossa cabeça. Os Elétrons – campeões de todo o Arizona! Não aceitaríamos menos do que isso.

O primeiro obstáculo em nosso caminho foi o Sun Valley, campeão da Liga de Pima. O jogo aconteceu na noite do Dia dos Namorados em uma quadra neutra em Casa Grande. Mica inteira esvaziou-se e seguiu para o jogo, ou assim parecia. Kevin e eu fomos na picape.

A partir do momento em que a multidão de Mica entrou no ginásio, nossos aplausos sacudiram as vigas. O grande M no suéter verde de Estrela se agitou quando ela correu e saltou com as outras líderes de torcida. Eu passei o mesmo

tempo observando-a e assistindo ao jogo. Ela comemorava quando marcávamos. Quando Sun Váley marcava, ela não fazia nada. Algo dentro de mim se sentiu melhor.

Mas não por muito tempo. Estávamos perdendo. Pela primeira vez no ano, estávamos nos arrastando no final do primeiro tempo. Na verdade, estávamos sendo massacrados, 21 a 9. A razão não era nenhum mistério. Apesar de o time de Sun Váley não ser tão bom quanto o nosso, eles tinham uma coisa que nós não tínhamos: uma estrela. Um garoto chamado Ron Kovac. Ele tinha dois metros de altura e marcava uma média de trinta pontos por jogo. Nossos jogadores pareciam cinco Davis sacudindo os braços contra Golias.

A vantagem do Sun Váley tinha aumentado para dezenove pontos no meio do segundo tempo. Nossos torcedores, outrora roucos, encontravam-se atordoados em silêncio, e foi quanto aconteceu. A bola estava solta no meio do campo. Diversos jogadores de cada time mergulharam nela. Naquele momento, Kovac estava correndo por eles, tentando evitar as mergulhadas, e seu pé direito prendeu no tênis de um jogador agachado – pelo menos foi o que os jornais disseram no dia seguinte. Naquele instante, isso aconteceu tão depressa que ninguém viu, embora diversas pessoas tenham dito ter ouvido um estalo agonizante, como o estalo de um galho. Tudo que sabíamos era que, de repente, Golias estava no chão se contorcendo e gritando, e seu pé direito não parecia nada bem, e treinadores, orientadores e jogadores do Sun Váley estavam voando pela quadra. Mas eles não foram os primeiros a chegar. Estrela, de algum modo, já estava lá.

Enquanto as próprias líderes de torcida de Kovac se sentaram boquiabertas e cabisbaixas no seu banco, Estrela se ajoelhou no chão de madeira. Ela segurou a cabeça dele em seu colo enquanto os outros cuidavam de sua perna quebrada. Suas mãos se moveram por seu rosto e sua testa. Ela parecia estar dizendo coisas para ele. Quando eles o levaram para fora em uma maca, ela os seguiu. Todo mundo – de ambos os lados – se levantou e aplaudiu. As líderes de torcida de Sun Váley saltaram como se tivessem acabado de marcar dois pontos. Luzes de ambulância brilharam pelas janelas do alto.

Eu sabia o que estava aplaudindo, mas me perguntava sobre os outros torcedores de Mica. Eles realmente estavam em pé em homenagem, ou por que estavam felizes de vê-lo ir embora?

O jogo continuou. Estrela voltou para o banco das líderes de torcida. Sem Kovac, foi uma tarefa simples vencer o Sun Váley. No começo do segundo tempo nós assumimos a liderança e seguimos assim até vencer, facilmente.

Duas noites depois nós perdemos para Glendale. Novamente, ficamos cada vez mais para trás conforme seguia o primeiro tempo, mas dessa vez não teve virada no segundo tempo. Dessa vez, os Elétrons enfrentaram não um, mas cinco jogadores melhores do que eles. Dessa vez, nenhum adversário quebrou o

tornozelo, embora, tenho certeza, em nosso desespero, alguns de nós tenhamos torcido por isso em segredo.

Estávamos em choque. Não podíamos acreditar. E então, enquanto os segundos do quarto tempo passavam, nós acreditamos. As comemorações pelo ginásio eram como uma saraivada de flechas que perfuravam nossa grande ilusão. Como podíamos ter sido tão estúpidos. Realmente pensávamos que a pequena Mica, invicta em sua própria liga de terceira divisão, conseguiria enfrentar as grandes potências do estado? Fomos seduzidos por grandes, tolas expectativas. Tínhamos nos enganado. Estávamos devastados. Havia sido tão maravilhoso ser vencedores. E tão certo para nós. Vencer, chegamos a acreditar, era nosso destino.

E agora...

Quando o treinador de Glendale colocou os novatos em campo para nos liquidar, as garotas de Mica choraram. Os garotos xingaram e viaaram. Alguns culpavam os juízes. Ou as redes. Ou as luzes. As líderes de torcida, em sua defesa, continuaram com as saudações. Elas nos olhavam com os olhos brilhando e rastros de rímel em suas bochechas. Elas erguiam os braços e gritavam e faziam tudo o que se espera de líderes de torcida, mas eram gestos vazios e sem emoção.

Exceto Estrela. Enquanto eu a observava atentamente, podia ver que ela era diferente. Suas bochechas estavam secas. Não havia ranhura em sua voz, nenhum peso em seus ombros. Do início do segundo tempo em diante, ela não se sentou. E nunca mais olhou para o jogo. Ela ficou de costas para a quadra. Ficou em pé, nos encarou e não deu a mínima atenção para a comemoração no ginásio. Perdíamos por trinta pontos com um minuto para acabar, ela, porém, torcia como se tivéssemos uma chance. Seus olhos brilhavam com uma ferocidade que eu nunca tinha visto. Ela balançou seus pulsos para nós. Desafiou nossa tristeza.

E então seu rosto ficou ensanguentado.

Um jogador de Glendale tinha acabado de enterrar a bola. Kevin bateu no meu joelho com o punho. Eu me virei e vi o rosto de Estrela, de repente coberto por uma máscara vermelha, e fiquei em pé gritando: “NÃO!!!”.

Mas aquilo não era sangue. Era um tomate. Alguém tinha salpicado a cara dela com um arremesso perfeito de tomate maduro, e quando o cronômetro zerou e os torcedores de Glendale pularam para a quadra, Estrela simplesmente ficou lá, seus olhos grandes nos encarando em total perplexidade através do sangue vermelho e polposo. Ondas de risadas amargas irromperam entre nós, até mesmo alguns aplausos.

Na manhã seguinte, em casa, encontrei um cartão. Estava em um caderno da escola que aparentemente eu não havia aberto por vários dias. Era um cartão de Dia dos Namorados, um daqueles cartõezinhos recortados de terceiro ano, que mostrava um pequeno garoto enrubescido e uma garota com sapatos boneca, e um grande coração vermelho entre eles com as palavras “EU TE AMO”. E como alunos de terceiro ano – e do ensino médio – frequentemente fazem, o remetente tinha assinado em código:

Ela deu um cartão para todo mundo na escola. Esse foi meu primeiro pensamento.

Quando vi Kevin na escola, quase perguntei a ele, mas me segurei. Esperei até o almoço. Tentei soar casual. Aproveitei a deixa no meio do único assunto importante naquele dia. A escola estava comentando. O jogo. A derrota. O tomate. Ah, sim, aliás, falando da Estrela: “Você chegou a receber um cartão?”.

Ele me olhou de um jeito engraçado. “Ouvi dizer que ela deu cartões para o pessoal da sala dela.”

“Sim”, eu disse, “foi o que eu ouvi também. Mas foi só isso? Ela deu cartão para mais alguém?”

Ele deu de ombros. “Não para mim. Por quê? Você ganhou um?”

Ele estava olhando para o outro lado da lanchonete, mordendo seu sanduíche, mas senti que estava me provocando. Eu balancei a cabeça. “Ah, não, só me perguntando.”

Na verdade, estava sentado sobre o cartão. Ele estava no bolso de trás do meu jeans. Enquanto isso, todos os olhos do refeitório se concentravam em Estrela. Acho que meio que esperávamos ver traços de molho vermelho ainda grudados em seu rosto. Ela se sentou à mesa de sempre com Dori Dilson e vários outros amigos. Parecia subjugada. Não tocou seu ukulele. Não brincou com seu rato. Apenas comeu e falou com as garotas na mesa.

Quando o horário de almoço terminou, ela se levantou, mas não foi direto para a saída. Em vez disso, desviou na direção da minha mesa. Entrei em pânico. Levantei-me num pulo, agarrei minhas coisas, soltei um “tenho que ir”, deixei Kevin de boca aberta, e me mandei. Não rápido o suficiente. Na metade do caminho para a porta, eu a ouvi atrás de mim: “Oi, Leo”. Meu rosto ficou quente. Tinha certeza de que cada olhar havia se virado para mim. Tinha certeza de que todos podiam ver o cartão no meu bolso. Fingi olhar para o relógio. Fingi que estava atrasado para algo. Corri do refeitório.

Eu me escondi nas sombras pelo resto do dia. Depois da escola, fui direito para casa. Fiquei no meu quarto. Só saí de lá para jantar. Disse aos meus pais que tinha um projeto para fazer. Andei de um lado para o outro. Deitei na minha cama e encarei o teto. Olhei pela janela. Coloquei o cartão na minha escrivaninha. Peguei-o. Eu o li. Reli. E reli. Repeti “Oi, Leo” de novo e de novo na minha cabeça. Joguei dardos na cortiça na parte de trás da minha porta. Meu pai

gritou: “Qual é o seu projeto, dardos?”. Eu saí. Dei uma volta na picape. Dirigi até a rua dela. No último cruzamento antes da casa dela, virei de volta.

Por horas, deitei sob meu lençol de luz do luar. Sua voz veio através da noite, da luz, das estrelas.

Oi, Leo.

De manhã – era um sábado – Kevin e eu fomos juntos até a casa de Archie para a reunião semanal da Ordem Leal do Osso de Pedra. Havia cerca de quinze de nós. Vestíamos nossos cordões de fósseis. Archie queria discutir o crânio do eoceno que segurava, mas todos os demais queriam conversar sobre o jogo. Quando contaram a Archie sobre o tomate, ele ergueu as sobrancelhas, mas fora isso sua expressão não mudou. Eu pensei, *isso não é novidade para ele, ele já sabe*.

Archie passou o encontro inteiro daquele jeito, assentindo, sorrindo e erguendo sobrancelhas. Despejamos nosso desapontamento nele, a devastação da perda. Ele disse muito pouco. Quando acabou, olhou para o crânio em seu colo, bateu nele e disse: “Bem, este camaradinho aqui perdeu o jogo também. Ele estava vencendo há dez milhões de anos ou mais, mas então as primeiras gramíneas começaram a crescer em torno dele e ele se viu em um campeonato diferente. Ele aguentou lá tão bem quanto pôde. Marcou seus pontos, mas continuou ficando cada vez mais para trás. O adversário era melhor, mais rápido, mais perspicaz. No jogo do campeonato, nosso rapaz aqui foi aniquilado. Não só ele não apareceu para a aula no dia seguinte, como nunca mais deu as caras, ponto. Eles nunca mais o viram novamente.”

Archie ergueu o crânio com focinho do tamanho de uma raposa até ele estar lado a lado com seu rosto. Um longo minuto se passou sem ele dizer nada, convidando-nos a ficar com nossos próprios pensamentos. Rostos olhando para rostos olhando para rostos. Dez milhões de anos de rostos em uma sala em um lugar chamado Arizona.

Segunda. Almoço.

Dessa vez permaneci no lugar quando Estrela, ao sair, veio na direção da minha mesa. Estava de costas para ela. Pude ver os olhos de Kevin seguindo-a, arregalando-se conforme ela se aproximava. Então seus olhos pararam. Sua boca formava lentamente um sorriso malicioso, e parecia que tudo havia parado, exceto o tilintar de panelas na cozinha, e a parte de trás do meu pescoço estava em chamas.

“De nada”, eu a ouvi dizer quase cantando.

Eu pensei: *Hein?* Mas então entendi o que era. E sabia o que tinha de fazer. Sabia que tinha de me virar e falar com ela, sabia que ela ficaria lá em pé até que eu fizesse isso. Era bobo e infantil estar aterrorizado por conta dela. Do que eu tinha medo, afinal?

Eu me virei. Senti-me pesado, como se me movesse pela água, como se estivesse enfrentando muito mais do que uma menina do primeiro ano com um nome incomum. Dei de cara com o girassol berrante em sua bolsa de lona – ele parecia pintado à mão – e, por fim, meus olhos encontraram os dela. Eu disse: “Obrigado pelo cartão”.

O sorriso dela ofuscou o do girassol. Ela foi embora.

Kevin estava sorrindo, balançando a cabeça. “Ela está apaixonada.”

“Bobagem”, falei.

“Ela está *mucho* apaixonada.”

“Ela é uma tonta, só isso.”

O sinal tocou. Pegamos nossas coisas e partimos.

Andei distraído pelo resto do dia. Um taco de beisebol não teria me acertado com tanta força quanto aquele sorriso. Eu tinha 16 anos. Naquele tempo, quantas centenas de sorrisos tinham sido direcionados a mim? Então por que esse parecia ser o primeiro?

Após as aulas, meus pés me carregaram para a sala dela. Eu estava tremendo. Meu estômago fervilhava. Não tinha ideia do que faria se a visse. Eu só sabia que *não* podia deixar de ir até ela.

Ela não estava lá. Corri pelos corredores. Corri para fora. Pessoas entravam nos ônibus. O motor dos carros roncava. Centenas de alunos estavam se

dispersando. Durante meses, ela havia estado por toda parte, agora não se encontrava em lugar nenhum.

Ouvi o nome dela. O *nome dela*. As mesmas sílabas, as mesmas sete letras que vinha escutando o ano inteiro e, de repente, o som acertou meu ouvido como um silvo de prata pura. Cheguei mais perto pelo lado para ouvir. Um grupo de garotas estava focando no caminho para um ônibus.

“Quando?”

“Hoje. Depois da aula. Agora mesmo!”

“Não acredito!”

“Não acredito que levou tanto tempo.”

“Expulsa? Eles podem fazer isso?”

“Claro. Por que não? A escola não é *dela*.”

“Eu a teria expulso há muito tempo. Aquilo foi traição.”

“Já vai tarde.”

Eu sabia do que elas falavam. O rumor vinha rolando há dias. Estrela tinha sido expulsa da equipe de líderes de torcida.

“Oi, Leo!”

Um coro de vozes femininas chamou meu nome. Eu me virei. Elas estavam em frente ao sol. Protegi os olhos. Elas cantaram em uníssono: “senhor Estrela!”. Elas riram. Eu acenei e corri para casa. Jamais teria admitido, mas estava entusiasmado.

A casa dela ficava a pouco mais de três quilômetros da minha, atrás de um pequeno shopping de dez lojas. Archie tinha me contado onde era. Eu caminhei. Não queria dirigir. Queria ir devagar nisso. Queria me sentir chegando mais perto, passo a passo, sentir a tensão aumentando como a efervescência de uma garrafa de refrigerante.

Eu não sabia o que faria se a visse. Sabia apenas que estava nervoso, com medo. Ficava mais confortável com ela como história do que como uma pessoa. De repente, intensamente, queria saber tudo sobre ela. Queria ver as fotos dela da época de bebê. Queria observá-la tomando o café da manhã, desembrulhando um presente, dormindo. Desde setembro ela tinha sido uma artista – ultrajante e sem igual – no palco da escola de ensino médio. Ela era o oposto de *cool*; ela se expunha cem por cento. De sua mesa decorada ao seu discurso de oratória, passando por seu desempenho no campo de futebol, ela se mostrava como era de verdade. E, ainda assim, agora eu sentia que não vinha prestando atenção. Sentia que havia perdido algo, algo importante.

Ela morava em Palo Verde. Para uma pessoa tão diferente, sua casa era surpreendentemente comum, pelo menos para os padrões do Arizona. Têrrea.

Adobes claros. Telhado de telha americana vermelho-barro. Nem uma placa de grama no pequeno jardim frontal, e sim cactos barril e cactos de figo-da-índia espinhosos, além de aglomerados de pedras.

Havia escurecido quando cheguei lá, como eu havia planejado. Caminhei para cima e para baixo do outro lado da rua. Ocorreu-me que poderiam me confundir com um ladrão, então dei a volta no quarteirão. Parei no Roma Delite para uma fatia de pizza. Comi apenas metade, corri de volta para fora. Não conseguia relaxar com sua casa fora do meu campo de visão. Não conseguia relaxar com ela no meu campo de visão.

De início, só ver a casa foi o suficiente. Então comecei a me perguntar se ela se encontrava lá dentro. Imaginei o que ela poderia estar fazendo. Havia luz em cada janela que eu conseguia ver. Havia um carro na entrada da garagem. Quanto mais tempo eu perambulava, mais perto queria estar. Atravessei a rua e praticamente passei correndo pela casa. Conforme passava, peguei uma pedra do jardim. Subi a rua, virei, olhei para a casa dela ao longe.

Sussurrei para o céu pontilhado: “É ali que Estrela Caraway mora. Ela gosta de mim.”

Voltei na direção da casa. A rua e as calçadas estavam desertas. A pedra estava quente em minha mão. Dessa vez, caminhei devagar enquanto me aproximava. Senti-me estranho. Meus olhos fixos em um triângulo de luz em uma janela cortinada. Vi uma sombra em uma parede amarela. Eu parecia estar à deriva, levitando, rumo à luz.

De repente, a porta da frente se abriu. Mergulhei atrás de um carro na calçada da garagem e me agachei perto do para-choque traseiro. Ouvi a porta fechar. Ouvi passos. Os passos acompanhavam o movimento de uma longa sombra projetada na calçada. Minha respiração parou. A sombra parou. Senti-me ao mesmo tempo ridículo e, de uma forma estranha, posicionado com perfeição, como se estar agachado perto daquele carro fosse precisamente o que a vida tinha reservado para mim naquele momento.

A voz dela veio de além da sombra. “Lembra quando me seguiu pelo deserto naquele dia depois da escola?”

Absurdamente, questionei-me se deveria responder, como se fazer isso pudesse – o quê? Me entregar? Eu me inclinei no metal liso do para-choque. Nunca me ocorreu ficar em pé, me revelar. Horas se passaram antes de eu finalmente resmungar: “Sim”.

“Por que você deu meia-volta e foi embora?”

Seu tom era casual, como se conversasse todas as noites com pessoas agachadas atrás do carro na calçada da garagem.

“Não me lembro”, eu disse.

“Estava com medo?”

“Não”, menti.

“Eu não deixaria você se perder, você sabe.”

“Eu sei.”

Uma pequena sombra se destacou da sombra maior. Ela veio na minha direção, oscilando sobre o caminho de seixos. Ela tinha uma cauda. Não era uma sombra. Era o rato, o Canela. Canela parou na ponta de um dos meus tênis. Ele ficou lá, olhando para mim. Colocou suas patas dianteiras em cima do meu tênis e enfiou o nariz nos cadarços.

“Está se familiarizando com o Canela?”

“Mais ou menos.”

“Está mentindo?”

“Mais ou menos.”

“Você tem medo de ratos?”

“Mais ou menos.”

“Você me acha bonita? Se responder mais ou menos, direi ao Canela para te morder.”

“Sim.”

“Sim, o quê?”

“Eu te acho bonita.” Pensei em adicionar um “mais ou menos” só para ser engraçado, mas não fiz isso.

“Acha o Canela bonitinho?”

Agora, o rato tinha subido totalmente no meu tênis. Eu podia sentir o peso dele. Queria sacudi-lo dali. A cauda dele descia pela calçada. “Sem comentários”, falei.

“Olha só, ouviu isso, Canela? Sem comentários. Ele não quer que as pessoas saibam que ele te acha bonitinho.”

“Acho que você está se deixando levar um pouco”, eu disse.

“Certamente, espero que sim”, ela disse. “Nada mais divertido do que se deixar levar. Você gostaria de levar o Canela para passar a noite? Ele adora dormir fora.”

“Não, obrigado.”

“Ah...” Sua voz saiu num muxoxo simulado. “Tem certeza? Ele não dá trabalho. Ele mal ocupa espaço. Tudo o que você precisa para alimentá-lo é um cereal crocante. Ou duas uvas. E ele não fará cocô no seu tapete. Fará, Canela? Prossiga, fique em pé e diga a ele que não. Em pé, Canela.”

Canela continuou no meu tênis. Os olhos dele brilhavam como pérolas negras.

“Ele não tem as orelhas mais lindas?”

Quem repararia nas orelhas de um rato? Eu olhei. Ela estava certa. “Sim, acho que tem.”

“Faça cafuné atrás das orelhas dele. Ele adora.”

Engoli em seco. Estiquei a ponta dos meus dois indicadores e fiz cafuné no pequeno espaço peludo atrás das orelhas do rato. Acho que ele gostou. Ele não se mexeu. E então, surpreendendo a mim mesmo, coloquei um indicador na frente do nariz dele e ele me lambeu. Nunca tinha me ocorrido que ratos faziam isso. A língua dele tinha a metade do tamanho da minha unha. Eu imaginava que ela fosse áspera, como a de um gato, mas era macia.

E então, ele não estava mais no meu pé – estava no meu ombro. Engasguei. Tentei tirá-lo num tapa, mas ele se enfiou na minha camisa com suas unhas. Enquanto isso, Estrela caiu na risada. Eu podia ver a sombra sacudindo.

“Deixe-me adivinhar”, ela disse. “O Canela pulou no seu ombro.”

“Acertou em cheio”, eu disse.

“E você está pensando em como ratos supostamente atacam o pescoço das pessoas.”

“Não estava”, eu disse, “mas agora que você falou...” Circundei meu pescoço com as mãos. Senti algo na minha orelha. Bigode. Eu gritei novamente. “Ele está comendo a minha orelha!”

Estrela riu ainda mais. “Ele está encostando o nariz em você. Ele gosta de você. Especialmente de suas orelhas. Ele nunca vai até uma orelha que ele não ama. Mas quando ele terminar, sua orelha estará mais do que limpa. Especialmente se tiver algum restinho de manteiga de amendoim nela.”

Eu podia sentir a língua miúda se esfregar nas fendas da minha orelha esquerda. “Faz cócegas!” Senti algo mais. “Sinto dentes!”

“Ele só está arrancando algo para você. Você deve ter algo incrustado aí. Tem lavado suas orelhas ultimamente?”

“Isso não é da sua conta.”

“Desculpe. Não queria que levasse para o lado pessoal.”

“Está desculpada.”

Tudo ficou quieto por um momento, exceto pelas fungadas na minha orelha. Eu podia ouvir o rato respirando. Sua cauda caiu dentro do bolso da frente da minha camisa.

“Quer confessar agora?”

“Confessar o quê?”, perguntei.

“Que está de fato começando a gostar de ter um roedor cutucando a sua orelha.”

Eu sorri. Assenti, desalojando o focinho do rato por um momento. “Eu confesso.”

Mais silêncio, uma respiração sutil na minha orelha.

“Bem”, disse ela enfim, “temos de ir agora. Diga boa noite, Canela.”

Não, eu pensei, *não vá*.

“Eu ainda tenho outra orelha”, eu disse.

“Se ele for para a outra, ele nunca mais vai querer largá-lo, e eu ficarei com ciúmes. Vêha, Canela. Hora de dizer tchau e ir dormir.

Canela continuou fungando.

“Ele não está vindo, está?”

“Não.”

“Então basta pegá-lo e colocá-lo no chão.”

Fiz o que ela disse. Assim que desci o rato, ele fugiu por sob o escapamento e sumiu de vista, do outro lado do carro.

A sombra recuou. Ouvi a porta da frente se abrir. A luz jorrou para fora. “Boa noite, Leo.”

“Boa noite”, respondi.

Eu não queria ir embora. Queria poder me encolher bem lá na entrada da garagem e dormir. Tinha estado agachado por muito tempo. Foi um sofrimento me levantar. Levei mais da metade do caminho para conseguir andar direito.

Apenas duas semanas antes, eu havia descoberto que ela sabia meu nome, e agora eu estava abobado de amor. Estava flutuando. Flutuei pela luz branca que banhava meus lençóis e dormi sob a lua. Na escola, eu era um balão amarelo, sorridente e indolente, que flutuava sobre as salas de aula. Senti um leve puxão no meu balão. Bem lá embaixo, Kevin me chamava: “Você está apaixonado, cara!”. Eu simplesmente sorri, passei por ele e escapei sonhador pela janela.

Esse estado durou até o almoço, quando, de repente, tornei-me semiconsciente. Tinha certeza de que todo mundo na escola sabia. Eles estariam esperando por mim, virando-se quando eu entrasse no refeitório, me encarando. Eu ficava desconfortável no centro das atenções, sempre tinha sido assim. Ficava feliz em permanecer atrás da câmera e deixar Kevin levar a fama na frente dela.

Então me escondi durante aqueles trinta minutos na sala dos equipamentos de musculação. Sentei em cima de um tatame enrolado, chutando uma bola de vôlei contra a parede oposta. Não tinha nada para comer – tinha pensado em comprar – mas não estava com fome.

Depois da escola, nós nos encontramos, mas não que eu tivesse precisado procurar.

Ela tirou o Canela da bolsa e o colocou em cima do ombro dela. “Cumprimento o Leo, Canela.”

Canela e eu demos um aperto de patas.

“Você acredita em lugares encantados?”, ela disse.

“Está falando comigo ou com o rato?”

Ela sorriu. Ela brilhava. “Com você.”

“Não sei”, eu disse. “Nunca pensei sobre isso.”

“Vou te mostrar um.”

“E se eu não quiser vê-lo?”

“Você acha que tem escolha?”

Ela agarrou minha mão e quase me tirou do chão, rindo alto, e nós voamos pelos pátios da escola, balançando as mãos para o mundo inteiro ver.

Caminhamos por quilômetros, passamos pelo parque comercial, por MicaTronics, pelo clube de golfe, pelo deserto. “Parece familiar?”, ela disse.

Agora, Canela pegava carona no meu ombro. E eu estava carregando o ukulele, dedilhando aleatoriamente. “É o lugar aonde viemos naquele dia”, eu

disse.

Ela bufou. “Nós? Eu estava vindo para cá, *você estava quase um quilômetro para trás.*” Ela cutucou meu ombro. “*Esgueirando-se atrás de mim.*” Ela me cutucou de novo, dessa vez mais forte, mas com os olhos cintilando. “*Me perseguindo.*”

Fingi estar horrorizado, magoado. “Perseguido? Eu não estava te perseguindo. Somente havia ficado para trás um pouco, só isso.”

“Me seguindo.”

Dei de ombros. “E daí?”

“Por quê?”

Eu poderia dar um milhão de razões, mas não havia palavras para expressá-las. “Não sei.”

“Você gosta de mim.”

Eu sorri.

“Você estava virado em mim. Minha beleza te deixou sem palavras. Você nunca tinha conhecido alguém tão fascinante. Pensava em mim a cada minuto que passava acordado. Sonhava comigo. Não podia resistir. Você não podia deixar de ver tamanho espetáculo. Você *teve* que me seguir.”

Eu me virei para o Canela. Ele lambeu meu nariz. “Não se dê tanto crédito. Era do seu rato que eu estava atrás.”

Ela riu, e o deserto cantou.

Para a pessoa que espera que todo deserto seja feito de dunas de areia barrenta, o Sonoran pode ser surpreendente. Não só não existem dunas, como também não existe areia. Pelo menos não o tipo de areia que você encontra na praia. O solo até tem uma cor arenosa, ou cinza, mas seu pé não afunda nele. Ele é duro, como se tivesse sido socado. E pedregoso. Além de brilhar com – bem, com o que mais seria? – mica.

Mas você não repara muito no chão. O que você nota são os saguaros. Para os recém-chegados do leste, é simples assim. O deserto parece ser uma terra infértil marrom de arbustos secos e espinhosos cujo único propósito é servir como cenário para saguaros majestosos. Então, pouco a pouco, as plantas do deserto começam a se identificar: a iúca glauca, os opuntias, figos-da-índia e cactos barris; os cactos buckhorn, chifres-de-veado e dedos-do-diabo, os tentáculos compridos do ocotillo rumo ao céu.

Fizemos um caminho tortuoso em volta da vida vegetal, para cima e para baixo em aluviões e declives, com o Maricopas elevando-se lilás ao longe.

“Quando você se virou e correu naquele dia” ela disse, “eu te chamei.”

“Me chamou?”

“Sussurrei.”

“Sussurrou? Queria que eu te escutasse como?”

“Não sei”, ela disse. “Apenas pensei que me ouviria.”

Dedilhei o ukulele. Endireitei os ombros. Dar uma carona para um rato melhora a postura.

“Você é tímido, não é?”, ela perguntou.

“O que te faz pensar isso?”

Ela riu. “Você ficou envergonhado quanto te puxei pela escola hoje? Com todo aquele pessoal olhando?”

“Nem.”

“Está mentindo?”

“Sim.”

Ela riu. Eu parecia ser bom em fazê-la rir.

Olhei para trás. Não era mais possível ver a estrada. “Você tem horas?”, perguntei.

“Ninguém tem as horas”, ela disse. “O tempo não pode ser possuído.” Ela jogou os braços para cima e girou até a saia multicolorida parecer um caramelo colorido. “O tempo é livre para todos!”

“Desculpe-me por ter perguntado”, eu disse.

Ela pendurou a bolsa de girassol no braço de um cacto e deu piruetas na direção do Maricopas. Num ímpeto maluco, tive vontade de me juntar a ela. Disse a mim mesmo que não podia porque estava carregando um ukulele e um rato. Peguei a bolsa dela e continuei.

Quando ela decidiu caminhar novamente como um humano normal, disse a ela que ela era uma pateta.

Ela parou, virou-se para mim e fez uma medida profunda. “Obrigada, meu bom senhor.”

Então, ela pegou meu braço como se estivéssemos andando em um passeio público e disse: “Grite, Leo”.

“Hein?”

“Jogue a cabeça para trás e coloque tudo para fora. Grite até explodir os ouvidos. Ninguém vai ouvir.”

“Por que eu ia querer fazer isso?”

Ela virou seus olhos admirados para mim. “Por que não ia?”

Apontei para o Canela. “Se ele gritar primeiro, então eu grito.” E mudei de assunto. “A gente vai chegar algum dia a esse lugar encantado?” Eu me senti bobo de dizer as palavras.

“Só mais um pouco”, ela disse.

Eu brinquei com ela. “Então, como você reconhece um lugar encantado quando chega a ele?”

“Você verá”, ela disse apertando minha mão. “Sabia que existe um país com ‘lugares encantados’ oficialmente designados?”

“Não... Onde seria esse país? Oz?”

“Islândia.”

“Imagine só.”

“Estou ignorando o seu sarcasmo. Acho que seria legal se tivéssemos isso por aqui. Você estaria caminhando ou cavalgando, e haveria um marco de pedra com uma placa de bronze: ‘Local Encantado. Ministério do Interior dos Estados Unidos.’”

“Nós acabaríamos com ele”, eu disse.

Ela me encarou sem o sorriso. “Acabaríamos?”

Eu me senti mal, como se tivesse arruinado algo. “Na verdade não”, disse a ela. “Não se houvesse uma placa com os dizeres: ‘Não seja um porcalhão.’”

Um minuto depois ela parou. “Chegamos.”

Olhei ao redor. O lugar não poderia ser mais comum. A única presença marcante era um saguaro alto e acabado, um monte de gravetos, em pior estado que o Señor Saguaro de Archie. O restante eram moitas cinza, bolas de feno e alguns figos-da-índia. “Pensei que ele pareceria diferente”, comentei.

“Especial? Teatral?”

“Isso, eu acho.”

“Este é um tipo diferente de cenário”, ela disse. “Tire os sapatos.”

Nós tiramos nossos sapatos.

“Sente-se.”

Nós nos sentamos, pernas cruzadas. Canela desceu pelo meu braço e foi para o chão.

Estrela gritou: “Pare!”. Ela apanhou o rato e o colocou na bolsa. “Corujas, falcões, cobras. Ele seria uma refeição saborosa.”

“Então”, eu disse, “quando o encantamento começa?”

Estávamos sentados um do lado do outro, olhando as montanhas.

“Começa com o nascimento da Terra.” Os olhos dela estavam fechados. Seu rosto dourado no pôr do sol. “Ele nunca para. Ele é sempre. Apenas é.”

“Então o que fazemos?”

Ela sorriu. “Esse é o segredo.” Suas mãos em concha repousaram em seu colo. “Não fazemos nada. Ou o mais perto de nada que conseguirmos.” O rosto dela se virou devagar para mim, embora os olhos permanecessem fechados. “Você já fez nada?”

Eu ri. “Minha mãe acha que eu faço isso o tempo inteiro.”

“Não conte a ela que eu disse isso, mas sua mãe está enganada.” Ela ficou de costas para o sol. “É realmente difícil não fazer nada por completo. Mesmo apenas sentando aqui, desse jeito, nosso corpo está se agitando, nossa mente está conversando. Há toda uma agitação acontecendo dentro de nós.”

“Isso é ruim?”, perguntei.

“É ruim se queremos saber o que está acontecendo fora de nós mesmos.”

“Não temos olhos e ouvidos para isso?”

Ela assentiu. “É o suficiente na maior parte do tempo. Mas às vezes eles atrapalham. A Terra está falando conosco, mas não podemos ouvi-la por conta de todo o barulho que nossos sentidos estão fazendo. Às vezes precisamos apagá-los, desligar nossos sentidos. Então – talvez – a Terra consiga nos tocar. O universo falará conosco. As estrelas sussurrarão.”

O sol brilhava laranja agora, recortando os cumes de cor púrpura das montanhas.

“Então como eu me torno esse nada?”

“Não tenho certeza”, ela disse. “Não existe uma resposta para isso. É preciso encontrar sua própria maneira. Às vezes eu tento me anular. Imagino uma grande borracha rosa e retangular, e ela se mexendo para a frente e para trás, indo e vindo, e ela começa nos dedos dos meus pés, para a frente e para trás, indo e vindo, e então acontece – puf! – meus dedos desaparecem. E depois meus pés. E aí meus tornozelos. Mas essa é a parte fácil. A parte difícil é apagar meus sentidos – meus olhos, minhas orelhas, meu nariz, minha língua. E por último meu cérebro. Meus pensamentos, minhas memórias, todas as vozes dentro da minha cabeça. Essa é a parte mais difícil, apagar os pensamentos.” Ela riu discretamente. “Minha cachola. E então, se eu tiver feito um bom trabalho, sou apagada. Vou embora. Não resta nada. E o mundo fica livre para fluir para mim como água em uma vasilha vazia.

“E?”, perguntei.

“E... eu vejo. Eu ouço, mas não com meus olhos e ouvidos. Não estou mais fora do meu mundo, nem dentro dele, na verdade. E sabe do que mais? Não existe mais diferença entre mim e o universo. A fronteira se foi. Eu sou ele e ele sou eu. Sou uma pedra, um espinho de cactos. Sou a chuva.” Ela sorriu de modo sonhador. “É disso que eu mais gosto, de ser a chuva.”

“Sou a primeira pessoa que você traz aqui?”

Ela não me respondeu. Encarou as montanhas, se banhava na calda do sol, o rosto mais sereno e tranquilo que eu já tinha visto.

“Estrela...”

“Shhh.”

Foi esse o último som que fizemos por um longo tempo. Ficamos sentados lado a lado, em posição de lótus, de frente para o oeste. Fechei os olhos. Tentei ficar totalmente quieto e descobri de imediato que ela estava certa. Eu podia imobilizar meus braços e minhas pernas, mas dentro de mim era como o horário de pico no centro de Phoenix. Eu nunca tinha estado tão consciente da minha respiração e dos meus batimentos cardíacos, sem mencionar outros resmungos e murmúrios variados. E minha cabeça – ela simplesmente não fecharia. Cada

pergunta, cada devaneio a quilômetros de distância vagueou para o meu cérebro, procurando algo, arranhando para chamar minha atenção.

Mas tentei. Tentei a borracha, mas ela nem chegou a arrancar meu primeiro dedo do pé. Tentei imaginar que eu era serragem carregada para longe pelo vento. Que fui engolido por uma baleia. Dissolvido como um sal de fruta. Nada funcionou. Eu não conseguia me fazer desaparecer.

Espiei. Sabia que não deveria fazer isso, mas fiz. Claramente, ela tinha se anulado. Tinha ido embora. Ela era serenidade. Seus lábios sorrindo levemente. A pele dourada. As pontas brilhantes dos cabelos. Parecia que ela havia sido mergulhada em luz do sol e deixada lá para secar. Senti uma pontada de ciúmes de que ela pudesse estar sentada perto de mim e não saber disso. Que ela podia estar em algum outro lugar mais maravilhoso e que eu não pudesse estar lá também.

Então eu vi o rato. Ele havia escapado da bolsa. Estava sentado nela do mesmo jeito que nós, suas patas dianteiras – continuo pensando nelas como mãos pequenas, já que eram tão parecidas com mãos humanas – penduradas diante dele. Ele também não se movia. Ele também encarava o pôr do sol, seu couro da cor de uma moeda de cobre nova. Seus olhos de grãos de pimenta estavam totalmente abertos.

Eu sabia que aquele deveria ser um truque que ela havia ensinado, ou um comportamento imitativo de roedor. Ainda assim, não podia deixar de pensar que havia mais naquilo, que o amiguinho bigodudo estava tendo sua própria experiência – o que podia incluir digestão no estômago de um bicho se os temores de Estrela se concretizassem. Tão quieto quanto possível, eu me estiquei e o peguei. Segurei-o com ambas as mãos. Ele não lutou nem se contorceu, mas voltou a se virar de frente para o pôr do sol com seu queixo miúdo no meu indicador. Eu podia sentir seus batimentos cardíacos na ponta dos dedos. Eu o trouxe para mais perto do meu peito. Desafiei qualquer animal selvagem a chegar mais perto.

Respirei profundamente e fechei os olhos para outra tentativa de encantamento. Não acho que tive sucesso. Acho que Canela foi uma borracha melhor do que eu. Eu tentei. Tentei tanto que quase gritei, mas parecia que eu não conseguia me abandonar, e o cosmos não me visitou. Não conseguia parar de me perguntar que horas eram.

Então algo aconteceu. Algo pequeno. Estava consciente de pisar em uma linha, de dar um passo em um território novo para mim. Um território de paz, de silêncio. Eu nunca havia experimentado um silêncio tão absoluto, tamanha quietude. A agitação dentro de mim prosseguia, mas em uma altura menor, como se alguém a tivesse diminuído no botão de volume. E uma coisa misteriosa aconteceu. Embora eu jamais tenha perdido totalmente a consciência de mim mesmo, acho que perdi o Canela, por assim dizer. Eu não sentia mais sua

pulsção, sua presença, em minhas mãos. Parecia que não estávamos mais separados, que éramos um só.

Quando o sol desceu atrás das montanhas, eu o senti como um leve frescor no meu rosto.

Não sei quanto tempo meus olhos permaneceram fechados. Quando eu os abri, ela tinha partido. Alarmado, me virei abruptamente de um lado para o outro. Ela se encontrava em pé, ao longe, sorrindo. A noite havia chegado. Enquanto meus olhos permaneceram fechados, o lilás sombrio das montanhas tinha se espalhado por sobre o deserto.

Calçamos nossos sapatos. Fomos em direção à estrada. Imaginei que ela fosse me interrogar, mas ela não o fez. Em um momento a lua não estava lá, e então em outro ela estava, e depois uma estrela brilhante. Caminhamos pelo deserto de mãos dadas e calados.

Estávamos sozinhos. Éramos os únicos na escola.

Pelo menos foi o que senti nos dias seguintes.

Conforme seguia em meu dia, eu a sentia seguindo no dela. Sentia os movimentos, a presença dela em partes distantes do prédio. Caminhando pelos corredores entre uma aula e outra, eu não precisava vê-la, sabia que ela estava lá: invisível no agrupamento vindo em minha direção, a um passo de virar uma esquina cinco portas de sala à frente. Eu era atraído pela luz de seu sorriso. Quando nos aproximávamos, o barulho e os alunos ao nosso redor se desmanchavam e ficávamos completamente sozinhos, efêmeros, sorrindo, mantendo firme o olhar um do outro, portas e muros inexistentes, duas pessoas em um universo de espaço e estrelas.

E então, um dia, comecei a descobrir que nos encontrávamos mais sozinhos do que havia imaginado.

Era uma quinta-feira. Normalmente, naquele dia, após a terceira aula, Estrela e eu passaríamos um pelo outro no segundo andar perto da sala dos professores. Sorriríamos e diríamos oi, depois continuaríamos em nosso caminho para aulas diferentes. Naquele dia, por impulso, continuei ao lado dela.

“O que acha de uma escolta?”, perguntei.

Ela sorriu de um jeito malicioso. “Alguém em mente?”

Nós tocamos nossos mindinhos e seguimos em frente. A próxima aula dela era no primeiro andar, então descemos pela escada mais próxima. Caminhávamos lado a lado. Foi quando notei.

Ninguém falou conosco.

Ninguém nos cumprimentou.

Ninguém sorriu para nós.

Ninguém nos olhou.

Uma escadaria abarrotada e nenhum ombro, nenhuma manga encostou em nós.

Alunos que subiam os degraus desviavam para o corrimão ou para a parede. Exceto por Estrela, que tagarelava no meu ouvido, a conversinha barulhenta habitual havia desaparecido.

Notei principalmente os olhos. Rostos se erguiam dos degraus, mas os olhares nunca encontravam os nossos. Eles seguiam direto por nós, como se fossem raios

gama. Ou passavam raspando por nossas orelhas e se esbarravam entre as paredes e outros olhos. Tive um ímpeto de olhar para mim mesmo, para ter certeza de que eu existia.

No almoço, eu disse para Kevin: “Ninguém olha para mim”.

Ele olhava para o sanduíche.

“Kevin!”, ralhei. “Agora *você* está fazendo o mesmo.”

Ele ergueu a cabeça rindo. Olhou-me direto nos olhos. “Desculpe.”

Geralmente havia outras pessoas na mesa. Hoje, apenas nós dois. Eu me inclinei sobre meu almoço. “Kevin, o que está havendo?”

Ele desviou o olhar, depois olhou novamente para mim. “Estava me perguntando quando você notaria. Meio que torcendo para você não notar.”

“Notar o *quê* ?”

Ele parou para morder um pedaço do sanduíche de salada de atum. Levou um tempo mastigando. Bebeu laranja por um canudo. “Pra começo de conversa, o problema não é com você.”

Recuei. Estiquei as mãos. “Não é comigo. O que quer dizer com isso?”

“O problema é com quem você está.”

Eu sentei lá, piscando, olhando para ele. “Estrela?”

Ele assentiu com a cabeça.

“Certo. O que tem ela?”

Ele me olhou mais um pouco, mastigou, engoliu, tomou um gole, olhou para longe, olhou de volta. “Eles não estão falando com ela.”

A explicação não colou. “O que quer dizer? Eles quem?”

Ele apontou com a cabeça para o mar de mesas e alunos que comiam. “Eles.”

“Quem eles?”, eu disse, muito desequilibrado para rir da minha gramática.

Ele umedeceu os lábios. “Todos eles.” Ele deu de ombros. “Bem, quase todos.” Seus olhos apontaram algo por sobre meu ombro. “Ainda tem duas garotas que se sentam com ela.”

Olhei para trás. No auge da popularidade de Estrela, os alunos puxavam cadeiras de outras mesas para se apertar em torno da dela. Agora havia apenas Estrela, Dori Dilson e uma menina do nono ano.

“Então, o que está havendo exatamente?”

Ele sugou pelo canudo. “O tratamento de silêncio está em andamento. Estão dando um gelo nela.”

Eu ainda não acreditava naquilo. “O que quer dizer com ‘estão dando um gelo nela’? O que aconteceu? Todos se reuniram no ginásio e votaram sobre o assunto?”

“Não foi oficial. Apenas aconteceu. A coisa ganhou força.”

Fiquei boquiaberto. “Quando? Quando começou? Como? Por *quê* ?” Eu estava começando a gritar.

“Não sei exatamente. Depois dos acontecimentos no jogo de basquete, eu acho. Aquilo realmente incomodou um monte de gente.”

“Os acontecimentos do jogo de basquete?”

Ele assentiu.

“Os acontecimentos do jogo de basquete...”, repeti abobado.

Ele largou o sanduíche. “Leo, não aja como se não soubesse do que estou falando. Animar a torcida do outro time? O que você pensou, que as pessoas achariam *bonitinho*?”

“É o jeito dela, Kevin. Foi inofensivo. Bizarro, talvez, mas inofensivo. É o jeito *dela*.”

Ele assentiu devagar com a cabeça. “Sim, bem, acho que é isso que estou dizendo. Não é apenas uma coisa que ela fez. É o conjunto da obra. Não me diga que nunca notou. Lembra-se de um certo tomate?”

“Kevin, alguns meses atrás todo mundo aplaudiu em pé no auditório quando ela venceu o concurso de oratória.”

“Ei!”, ele ficou na defensiva. “Diga isso a *elas*.”

“Uma pessoa jogou o tomate. Uma.”

Kevin riu. “É, e milhares queriam jogar. Você notou as palmas quando aconteceu? As pessoas a culparam, pela derrota do time. Por nossa temporada invicta ir ralo abaixo.”

Eu não estava certo de que Kevin ainda falava sobre “eles”.

“Kevin...”, me senti suplicando. “Ela era apenas uma *líder de torcida*.”

“Leo”, ele disse apontando, – “você me perguntou o que estava acontecendo e eu respondi.” Ele se levantou e levou a bandeja para a esteira.

Olhei fixamente para a cadeira vazia até ele voltar.

“Kevin... as músicas de “Parabéns a você”, os cartões de Dia dos Namorados, todas as coisas legais que ela faz pelas pessoas, isso não vale nada?”

O sinal tocou.

Ele se levantou. Recolheu seus livros. Deu de ombros. “Acho que não.”

Durante o resto do dia, e no dia seguinte, e no seguinte, fiquei cada vez mais paranoico. Ao caminhar com ela pela escola e em volta dela, fiquei intensamente consciente de que a natureza de nossa solidão havia mudado. Ela não era mais a doçura aconchegante de um túnel do amor, mas um isolamento congelante. Nós nunca tínhamos de desviar, nunca precisávamos mudar de caminho por conta de alguém; todos desviavam de nós. Os grupos nos corredores se afastavam de nós. Exceto Hillari Kimble. Sempre que passávamos por ela, ela se inclinava na nossa direção com um sorriso triunfante no rosto.

Quanto a Estrela, ela parecia não notar. Tagarelava constantemente na minha orelha. Enquanto eu sorria e assentia com a cabeça para ela, uma camada de gelo se formava na minha nuca.

“Os amishes na Pensilvânia têm uma palavra pra isso.”

“Qual é?”, perguntei.

“Ostracismo.”

Eu estava na casa do Archie. Precisava conversar com alguém.

“Bem, é o que está acontecendo.”

“O evitado, por assim dizer, fez algo que vai contra a igreja, então é excomungado. A comunidade inteira participa. A menos que ele se arrependa, ninguém fala com ele pelo resto de sua vida. Nem mesmo sua família.”

“O quê?!”

“É isso mesmo. Nem mesmo sua família.”

“E a esposa dele?”

“Esposa. Filhos. Todo mundo.” O cachimbo dele se apagou. Ele o reacendeu com um palito de fósforo. “Acredito que a ideia seja afastá-lo. Mas alguns permanecem, continuam trabalhando na fazenda, jantando. Se ele passa o sal para a esposa, ela o ignora. Se o bispo tivesse influência nessa área, os porcos e as galinhas iam ignorá-lo também. É como se ele não existisse.”

Assenti e disse: “Conheço a sensação”.

Estávamos na varanda dos fundos. Olhei para o Señor Saguaro.

Ele disse: “Isso acontece quando você não está com ela?”.

“Não”, eu disse. “Pelo menos, acho que não. Mas quando estou com ela, sinto como se fosse direcionado a mim também.”

Uma pequena nuvem de fumaça saiu do canto de sua boca. Ele sorriu tristemente. “Pobre golfinho. Apanhado em uma rede de pesca de atuns.”

Peguei Barney, o crânio de roedor do paleoceno. Perguntei-me se alguém estaria segurando a cabeça do Canela daqui a 60 milhões de anos. “Então, o que devo fazer?”

Archie acenou com a mão para eu não esquentar. “Ah, bem, essa é a parte fácil. Fique longe dela: seu problema está *kaput*, acabado.”

Escarnei. “Grande conselho. Você sabe que não é tão simples assim.”

Ele sabia, é claro, mas queria que eu dissesse. Eu contei a ele sobre o cartão de Dia dos Namorados, a noite na entrada da casa dela, o passeio no deserto. A pergunta que veio à minha mente soou boba, mas persistiu: “Você acredita em lugares encantados?”.

Ele pegou o cachimbo de sua boca e olhou diretamente para mim. “Certamente.”

Fiquei confuso. “Mas você é um cientista. Um homem da ciência.”

“Um homem dos ossos. Você não pode estar com ossos até o pescoço e não acreditar em lugares encantados.”

Olhei para Barney. Passei meus dedos pelo traço firme de sua mandíbula de cinco centímetros, áspera como a língua de um gato. Sessenta milhões de anos nas minhas mãos. Olhei para Archie. “Por que ela não pode ser...”

Ele terminou a frase por mim: “... como todo mundo?”.

Ele se levantou e desceu da varanda para o deserto

– para o seu quintal dos fundos que, exceto pelo galpão onde guardava suas ferramentas de escavação, era o deserto. A natureza compunha o cenário. Desci Barney e me juntei a ele. Caminhamos em direção ao Señor Saguaro.

“Não como todo mundo”, eu disse. “Não exatamente. Não totalmente. Mas... Archie...” Parei. Ele parou. Fiquei totalmente de frente para ele. Meus pensamentos e sentimentos eram uma confusão selvagem e conflitante. Após olhar para ele de um jeito estúpido por um longo tempo, soltei: “Ela torceu para o outro time!”.

Archie tirou o cachimbo da boca, como se para digerir melhor minhas palavras. Ergueu um dedo no ar. E assentiu solenemente. “Ah, sim.”

Voltamos a andar.

Caminhamos pelo galpão de ferramentas, pelo Señor Saguaro. De vez em quando eu pegava uma pedra e jogava-a na direção do Maricopas lilás.

Então Archie disse quase em um sussurro: “Não é fácil descrevê-la em palavras, não é?”.

Balancei a cabeça.

“Uma garota incomum”, ele disse. “Pude perceber isso desde o início. E os pais dela, tão comuns, de um jeito bom, quanto poderiam ser. Como essa menina ficou assim? Eu costumava me perguntar. Às vezes eu achava que ela é que deveria me ensinar. Ela parece estar em contato com algo que o resto de nós deixa escapar.” Ele olhou para mim. “Não acha?”

Concordei com a cabeça.

Ele virou o bojo de mogno de seu cachimbo de cabeça para baixo e bateu nele com o nó dos dedos. Uma pequena trilha de cinza se derramou sobre uma moita morta de algarobeira.

Ele apontou a haste do cachimbo para mim. “Sabe, existe um lugar que todos nós habitamos, mas não pensamos muito nele, temos pouca consciência a respeito dele, e ele dura menos de um minuto por dia.”

“Que lugar é esse?”, perguntei.

“Ele existe de manhã, para a maioria de nós. Trata-se daquele período, daqueles poucos segundos quando estamos abandonando o sono, mas ainda não

estamos realmente acordados. Durante aqueles poucos segundos, somos algo mais primitivo do que aquilo que estamos prestes a nos tornar. Acabamos de dormir o sono de nossos mais distantes antepassados, e algo deles e do mundo deles ainda está apegado a nós. Durante aqueles breves momentos, somos informes, incivilizados. Não somos as pessoas que conhecemos como nós mesmos, e sim criaturas mais sintonizadas com uma árvore do que com um teclado. Somos ilimitados, inominados, naturais, suspensos entre o que foi e o que será, o girino antes do sapo, a lagarta antes da borboleta. Somos, por momentos breves, nada e tudo que poderíamos ser. E então..."

Ele puxou sua cartucheira e abasteceu o cachimbo novamente. O aroma de cereja se espalhou. Ele riscou um fósforo. O bojo do cachimbo, como algum predador, ou sedutor, puxou a chama. "... e então, ah... abrimos nossos olhos e o dia está diante de nós, e" – ele estalou os dedos – "nos tornamos nós mesmos".

Como muitas das palavras de Archie, elas pareceram não entrar pelos meus ouvidos, mas se instalar em minha pele para se enterrar como pequenos ovos que esperam a chuva da minha maturidade, quando poderão eclodir e eu finalmente as entenderei.

Caminhamos em silêncio. Florações amarelas haviam aparecido em um cacto e, por alguma razão, aquilo me deixou incrivelmente triste. O lilás das montanhas se espalhava como aquarela.

"Eles a *odeiam*", eu disse.

Ele parou. Olhou atentamente para mim. Ele me virou e nós voltamos. Ele colocou seu braço em volta do meu ombro. "Vamos consultar o Señor Saguario."

Logo estávamos diante do gigante desamparado. Nunca entendi como o Señor conseguia transmitir uma sensação de dignidade, até mesmo de majestade, considerado seu esqueleto esquelético e quase transparente e o ridículo emaranhado rígido de casca sobre seus pés, suas calças caídas. Archie sempre falava com ele com uma formalidade respeitosa, como se falasse com um juiz ou uma autoridade estrangeira.

"Bom dia, Señor Saguario", ele começou. "Acredito que conheça meu amigo e membro fundador da Ordem Leal do Osso de Pedra, o senhor Borlock." Ele sussurrou um aparte para mim: "Estou um pouco enferrujado, mas acho que vou usar espanhol agora. Ele prefere assim em assuntos delicados". Ele se virou novamente para o cacto. "*Parece, señor Borlock aquí es la víctima de un 'ostracismo' de sus compañeros estudiantes en el liceo. El objeto principal del 'ostracismo' es la enamorada del señor Borlock, nuestra propia señorita Niña Estrella. El está en búsqueda de preguntas.*"

Enquanto falava, Archie olhou para cima, na direção do buraco que servia de ninho para a coruja marrom. Agora ele se virava para mim e sussurrava: "Pedi que ele nos desse perguntas".

“Perguntas?”, sussurrei. “O que acha de respostas?”

Mas ele estava se virando novamente, apontando a cabeça para o grande cacto, os dedos nos lábios – “Shhhhhh” –, seus olhos fechados.

Esperei.

Por fim, ele assentiu e se virou mais uma vez na minha direção. “O estimado Señor diz que só existe uma pergunta.”

“E qual é?”, eu quis saber.

“Ele diz que tudo se resume a isso – se é que estou traduzindo corretamente: você dá mais valor ao afeto de quem? Ao dela ou ao dos demais? O Señor diz que tudo acontecerá a partir daí.”

Eu não tinha certeza de que entendia o Señor mais do que entendia Archie metade do tempo, mas não disse nada e fui para casa. Na cama naquela noite, enquanto o luar se elevava até o meu queixo, percebi que de fato entendia a pergunta. Eu só não queria respondê-la.

Duas vezes por semana os resultados do torneio estadual de basquete eram colocados no papa-léguas de madeira, no pátio. Os times sobreviventes estavam agora na fase da seletiva, depois viriam as regionais, e aí, com apenas dois times, o grande show, o campeonato do estado do Arizona. Glendale, o time para o qual havíamos perdido, recebia uma atenção amarga e masoquista no papa-léguas, com pontuações em números enormes, enquanto continuavam a ganhar e avançar pelo torneio.

Enquanto isso, Estrela estava envolvida no seu próprio torneio, o concurso de oratória. Como vencedora de Mica, ela se qualificou para a “conversa eliminatória” distrital, como o *Times* a chamava. Ela aconteceu no auditório da Escola de Ensino Médio de Red Rock e, que surpresa, Estrela venceu essa etapa também. A próxima parada eram as finais estaduais em Phoenix, na terceira sexta-feira de abril.

Na minha sala de aula, quando anunciaram no alto-falante que Estrela havia conquistado o título distrital, eu quase deixei escapar uma comemoração, mas me segurei. Várias pessoas vaiaram.

Preparando-se para as finais, Estrela praticava comigo. Na maioria das vezes, íamos para o deserto. Ela não usava anotações, nem suas palavras pareciam ser memorizadas. Cada vez que fazia o discurso, ele era diferente. Ela parecia adicionar novo material conforme ele brotava em sua cabeça. Combinava as palavras com tanta perfeição que o discurso não lembrava nem um pouco um discurso, mas sim a voz de uma criatura selvagem, tão natural quanto o grasnado de um corvo ou o uivo de um coioote à meia-noite.

Eu me sentava de pernas cruzadas no chão, e o Canela se sentava em mim. Nós a ouvíamos em êxtase, e assim, eu meio que acreditava, também o faziam as bolas de feno e os cactos, o deserto, as montanhas, todos ouvindo a menina de saia longa. Que vergonha, pensei, em empacotar a apresentação dela em um cronograma e apresentá-la para fileiras de poltronas pretas aveludadas em um auditório. Uma vez, por incrível que pareça, uma coruja marrom pousou no topo de um saguaro a menos de três metros de onde ela discursava. Ela parou por um minuto inteiro antes de se enfiar em seu buraco.

É claro, nós fazíamos outras coisas também. Caminhávamos. Conversávamos. Andávamos de bicicleta. Embora eu tivesse carteira de

motorista, comprei uma bicicleta barata de segunda mão para poder pedalar com ela. Às vezes ela liderava o caminho, às vezes, eu. Sempre que podíamos, andávamos lado a lado.

Ela era uma luz flexível: brilhava em cada esquina do meu dia.

Ela me ensinou a me divertir. Ensinou-me a refletir. Ensinou-me a rir. Meu senso de humor sempre havia sido suficiente para todo mundo; mas, por ser tímido e introvertido, eu o mostrava com moderação: eu era sorridente. Na presença dela, eu joguei a cabeça para trás e ri alto pela primeira vez na vida.

Ela via coisas. Eu não sabia que havia tanto para ver.

Ela sempre cutucava meu braço e dizia: “Veja!”.

Eu olhava em volta e não via nada. “Onde?”

Ela apontava. “Lá!”

No começo, eu ainda não conseguia ver. Ela podia estar apontando para uma porta, uma pessoa ou o céu. Mas essas coisas eram tão comuns aos meus olhos, tão indistinguíveis, que eles as registrariam como “nada”. Eu caminhava em um mundo cinza de nada.

Então ela parava e me mostrava que a porta da frente da casa pela qual passávamos estava azul. E que da última vez que havíamos passado por ali ela era verde. E até onde ela conseguia dizer, alguém que morava naquela casa pintava a porta da frente de cores diferentes várias vezes ao ano.

Ou ela sussurrava para mim que um homem velho, sentado sozinho no banco do shopping Tudor Village, estava carregando seu aparelho auricular na mão, e que ele estava sorrindo, vestia paletó e gravata como se estivesse indo a algum lugar especial, e que havia uma bandeira norte-americana atravessada em sua lapela.

Ou ela se ajoelhava e me puxava com ela para me mostrar formigas, duas, arrastando pela calçada a perna cortada de um besouro vinte vezes o tamanho delas. Era como se dois homens, tão fortes quanto as formigas, estivessem carregando uma árvore adulta de um extremo ao outro da cidade.

Depois de um tempo, comecei a ver melhor. Quando ela dizia “Veja!” e eu acompanhava a direção para a qual o dedo dela apontava, eu via. Isso acabou se tornando uma competição: quem veria primeiro? Quando finalmente fiz isso – disse “Veja!”, apontei e puxei a manga da camisa dela –, fiquei tão feliz quanto um aluno do primeiro ano que ganha uma estrelinha em seu caderno.

E havia mais na visão dela do que aquilo. O que ela via, ela sentia. Os olhos dela se conectavam diretamente com o coração. O senhor no banco, por exemplo, a fez chorar. As formigas cortadeiras a fizeram rir. A porta de muitas cores a colocaram em tamanho frenesi de curiosidade que precisei arrastá-la embora; ela sentia que não conseguiria seguir com a vida dela até bater em uma porta assim.

Ela me disse como conduziria o jornal *Mica Times* se fosse a editora. A seção de crimes ficaria na página 10; formigas, senhores e portas pintadas na primeira página. Ela criou as chamadas:

FORMIGAS ARRASTAM CARGA MONSTRUOSA POR TRILHA VASTA E BARRENTA

SORRISO MISTERIOSO: SENHOR DE IDADE COCHILA NO TUDOR VILLAGE

PORTA IMPLORA: BATA EM MIM!

Eu disse a ela que queria ser um diretor de TV. Ela me disse que queria ser motorista de uma caminhonete-lanchonete prateada.

“Hein?”, eu perguntei.

“Você sabe”, ela disse, “as pessoas trabalham a manhã inteira e então chega o meio-dia. As secretárias nos escritórios saem pela porta, os trabalhadores de construções soltam seus capacetes e martelos, e todo mundo está com fome; eles olham adiante, e lá estou eu! Não importa onde estejam, não importa onde trabalhem, eu estou presente. Eu tenho uma frota inteira de caminhonetes-lanchonetes prateadas. Elas vão a toda parte. ‘Deixe o almoço vir até você!’ Esse é o meu *slogan*. Só de ver minhas caminhonetes-lanchonetes prateadas, eles já ficam felizes.” Ela descreveu como instalaria os painéis laterais e como todo mundo praticamente desmaiaria na nuvem de aromas maravilhosos. Comida quente, comida fria, chinesa, italiana, você escolhe. Até mesmo um bufê de saladas. “Eles não conseguem acreditar na quantidade de comida que coloco na minha caminhonete. Não importa onde você esteja – no deserto, nas montanhas, mesmo nas minas subterrâneas –, se você quer meu serviço de lanchonete prateada, eu chego até você. Eu encontro um caminho.”

Eu a acompanhei de perto em missões. Um dia ela comprou uma planta pequena, uma violeta africana em um vaso de plástico à venda por 99 centavos em uma drogaria.

“Para quem é isso?”, perguntei a ela.

“Não estou totalmente certa”, ela disse. “Só sei que alguém que mora na Marion Drive está no hospital para uma cirurgia, então pensei que quem quer que esteja esperando em casa poderia estar precisando de um pouco de conforto.”

“Como você sabe essas coisas?”, perguntei.

Ela deu um sorriso travesso. “Tenho meus métodos.”

Fomos até a casa na Marion Drive. Ela enfiou a mão na mala atrás do selim da sua bicicleta. Tirou um punhado de fitas. Escolheu uma roxo-clara que combinava com a cor das florações diminutas e enfiou o restante das fitas de volta na mala do selim. Amarrou a fita roxa em torno do vaso. Eu segurei a bicicleta dela enquanto ela colocava a planta na porta da frente.

Pedalando de volta, perguntei: “Por que você não deixa um cartão ou algo com o seu nome no presente?”.

Minha pergunta a surpreendeu. “Por que deveria?”

A pergunta dela me surpreendeu. “Bem, não sei, é só o modo como as pessoas fazem as coisas. Elas esperam por isso. Elas recebem um presente e querem saber de onde ele veio.”

“Isso é importante?”

“Sim, eu acho...”

Nunca finalizei meu pensamento. Meus pneus tremeram quando parei a bicicleta de supetão. Ela parou na minha frente. Vltou. Olhou para mim.

“Leo, o que houve?”

Sacudi a cabeça. Sorri. Apontei para ela. “Foi você.”

“Eu o quê?”

“Dois anos atrás. Meu aniversário. Encontrei um embrulho na escada da frente. Uma gravata de porco-espinho. Nunca descobri quem a havia me dado.”

Ela caminhou colocando a bicicleta ao meu lado. Sorriu. “Um mistério.”

“Onde você a encontrou?”, perguntei.

“Não encontrei. Pedi para minha mãe fazer uma.”

Ela não pareceu querer se estender no assunto. Começou a pedalar e seguimos nosso caminho.

“Onde estávamos?”, ela disse.

“Recebendo crédito”, eu disse.

“O que me diz sobre isso?”

“Bem, é legal receber reconhecimento.”

Os raios de sua roda traseira giraram por trás da cortina de sua saia longa. Ela parecia uma fotografia de cem anos atrás. Ela virou seus olhos grandes para mim. “É mesmo?”, ela disse.

Nos fins de semana e após o jantar, entregamos várias violetas envasadas. E balões de PARABÉNS! E cartões de muitos sentimentos. Ela fazia os próprios cartões. Não era uma grande artista. As pessoas eram bonecos de palito. Todas as meninas tinham saias triangulares e tranças. Você nunca confundiria os cartões dela com um do Hallmark, mas eu nunca vi cartões tão cordiais. Eles eram significativos da maneira que um cartão de Natal caseiro de uma criança de escola era significativo. Ela nunca escrevia o nome dela.

Finalmente, depois de eu encher muito a paciência dela, ela me disse como sabia o que acontecia na vida das pessoas. É simples, ela disse. Ela lia o jornal diário. Não as notícias da página principal ou da página de esportes, nem os quadrinhos, os resumos de TV ou as fofocas de Hollywood. Ela lia as partes que a maioria das pessoas ignorava, as partes sem títulos e imagens, a roça do jornal: as entradas em hospitais, os obituários, os anúncios de aniversário e casamento, o registro da polícia, o calendário de futuros eventos.

Na maioria das vezes, ela lia a encheção de linguiça.

“Adoro encheção de linguiça!”, ela exclamou.

“O que é encheção de linguiça?”, perguntei.

Ela explicou que eram os pequenos itens considerados não importantes o suficiente para ser uma história ou ganhar um título. Eles jamais ganhavam uma extensão maior do que uma coluna, nunca mais do que dois a cinco centímetros de altura. Eram encontrados mais comumente no fim das páginas internas, onde os olhos raramente passam. Se os editores pudessem, eles nunca usariam esses enchimentos. Mas às vezes um repórter não escreve palavras o bastante, e a história não ocupa todo o espaço até o fim da página. O papel não pode ter um espaço em branco lá, então o editor enfia um enchimento. Uma encheção de linguiça não precisa ser “notícia”. Ela não precisa ser importante. Ela nem mesmo precisa ser lida. Tudo o que ela precisa fazer é ocupar espaço.

Uma encheção de linguiça pode vir de qualquer lugar e falar de quase tudo. Ela pode te contar quantos quilos de arroz um chinês típico come durante a vida. Ou dizer algo sobre os besouros de Sumatra. Ou vir de mais abaixo, da rua. Ela pode mencionar que o gato do fulano está desaparecido. Ou que o sicrano tem uma coleção de bolinhas de gude antigas.

“Pesquise esses espaços como um prospector cava atrás de ouro”, ela disse.

“Então é isso? Você lê os jornais?”

“Não, isso não é tudo. Também tem um lugar onde eu corto o cabelo. Eu sempre ouço bastante coisa por lá. E, claro, existem os quadros de avisos. Você faz ideia de quantos quadros de avisos existem na cidade?”

“Claro”, falei tirando sarro, “conto o número deles todos os dias.”

“Eu também”, ela disse sem brincar. “Até agora, contei quarenta e um.”

De imediato, não consegui pensar em nenhum, exceto o papa-léguas de madeira. “O que você aprende nesses quadros de avisos?”

“Ah.. que alguém acabou de abrir um negócio. Que alguém perdeu um cachorro. Que alguém precisa de um acompanhante.”

“Quem anuncia que precisa de um acompanhante?”, perguntei. “Quem precisa de um tanto assim?”

“Pessoas solitárias”, ela disse. “Pessoas de idade. Somente alguém para se sentar com elas por um tempo.”

Imaginei Estrela se sentando em uma sala escura com uma velhinha. Não conseguia me imaginar fazendo o mesmo. Às vezes ela parecia muito melhor do que eu.

Estávamos passando pelo Pisa Pizza. “Há um quadro de avisos ali”, ela disse.

Ele ficava logo depois da porta. Estava abarrotado com notícias e cartões de visita. Apontei para um que dizia “Empregos temporários: ligue para Mike”, ligue para este número. “Então, o que este aqui te diz?”, perguntei com um tom mais desafiador do que pretendia.

Ela leu. “Bem, pode ser que o Mike tenha perdido seu emprego regular e não consiga achar outro, então está se oferecendo. Ou talvez ele tenha um emprego regular que não é suficiente para cobrir as despesas. Ou ele não é muito cuidadoso, ou não pode bancar uma folha inteira de papel. Este é só um fragmento.”

“E o que você faria por ele?”, perguntei.

“Hum... não sei. Meus pais poderiam estar precisando que alguém executasse uma tarefa temporária. Ou talvez eu. Ou talvez eu pudesse apenas enviar um cartão a ele.”

“Que tipo de cartão ele receberia?”

“Um cartão do tipo mantenha-seu-queixo-erguido.” Ela me cutucou. “Ei, quer jogar um jogo com cartões?”

Eu tive a sensação de que ela não estava falando de jogo de memória. “Claro”, respondi.

Ela disse que o havia inventado. “Você só precisa dos seus olhos e de mais uma pessoa. Eu escolho alguém na rua, no shopping, numa loja, onde quer que

seja, e o sigo. Digamos que seja uma mulher. Eu a sigo por quinze minutos, nem um minuto a mais. Eu cronometro meu tempo. O jogo é: após quinze minutos observando-a, eu tenho de adivinhar de que tipo de cartão ela precisa.”

“Mas como você o entrega a ela?”, perguntei. “Você não sabe onde ela mora.”

“Verdade. É só até aí que a brincadeira vai. Por isso é só um jogo. É só por diversão.” Ela se aconchegou em mim e sussurrou em minha orelha: “Vámos jogar”.

Eu disse que sim.

Ela disse que precisávamos de um shopping. Geralmente evitávamos o Mica Mall, pois havia muitos alunos do EEMM, com seu tratamento de silêncio, que passeavam por lá. Dirigimos dezesseis quilômetros para o Redstone Mall. Era uma tarde de sábado.

Escolhemos uma mulher. Saia-short verde-limão. Sandálias brancas. Deduzimos que ela tinha por volta de quarenta e poucos anos. Estava comprando um *pretzel* simples – comum, salgado – no Auntie Anne’s. Ela carregou o *pretzel* em um pequeno saco de papel branco. Nós a seguimos dentro da Suncoast Video. Nós a ouvimos perguntar pelo filme *Harry e Sally – Feitos um para o outro*. Eles não o tinham. Ela passou pela Sonoma, então voltou e entrou. Perambulou, tocou na cerâmica com a ponta do dedo, sentindo superfícies. Parou diante dos pratos de jantar. Ergueu um com a pintura de um café francês. “Van Gogh”, sussurrou Estrela. A mulher pareceu pensar sobre o prato, chegou a fechar os olhos, segurando-o contra o peito com ambas as mãos, sentindo as vibrações. Mas depois ela o colocou de volta e saiu. Seguiu para a Sears. Lingerie. Roupas de cama. Eu estava desconfortável, espionando detrás de uma estante de coisas com babados. Ela estava mexendo em camisolas quando o tempo acabou.

Estrela e eu nos reunimos para debater no corredor.

“Certo”, ela disse, “o que você acha?”

“Acho que me sinto como um espião”, comentei.

“Um bom espião”, ela disse.

“Você primeiro”, eu disse.

“Bem, ela é divorciada e solitária. Não usa aliança. Quer alguém na vida dela. Uma vida caseira. Ela queria ser a Sally e que o Harry dela aparecesse. Ela prepararia o jantar para ele e se aconchegaria nele de noite. Ela tenta comer alimentos com pouca gordura. Trabalha em uma agência de viagens. Saiu em um cruzeiro gratuito no ano passado, mas só encontrou gente esquisita no barco. O nome dela é Clarissa, ela tocava clarineta no ensino médio e seu sabonete predileto é Irish Spring.”

Fiquei de queixo caído. “Como você sabe disso tudo?”

Ela riu. “Eu não sei. Só estou adivinhando. É o que torna o jogo divertido.”

“Então, que cartão você enviaria a ela?”

Ela colocou o dedo nos lábios. “Hummm... para Clarissa eu enviaria um cartão do tipo enquanto-estiver-esperando-seu-Harry-seja-boa-consigo-mesma. E você?”

“Eu enviaria um...”, refleti sobre a frase, “... dizendo não-deixe-Harry-flagrá-la-tirando-meleca.”

Foi a vez de ela ficar perplexa. “Hein?”

“Você não a viu cutucando o nariz?”, perguntei. “Na Suncoast?”

“Não exatamente. Eu vi a mão dela ir até o nariz, como se ela estivesse coçando ou algo parecido.”

“Sim, ou algo parecido. Estava tirando meleca, foi isso. Ela foi rápida e furtiva. Uma verdadeira profissional.”

Ela me deu um empurrão brincalhão. “Você está brincando.”

Estendi as mãos. “Estou falando sério. Ela estava em pé em frente às comédias. Seu dedo foi e, quando voltou, havia algo nele. Ela carregou para lá e para cá por cerca de um minuto. E então, quando estava saindo da Suncoast, quando achou que ninguém estava olhando, ela se livrou dela com um peteleco. Eu não vi onde caiu.” Ela olhou fixamente para mim. Ergui a mão direita e coloquei a esquerda sobre o coração. “Eu juro.”

Ela caiu na risada, e riu tão alto que fiquei com vergonha. Agarrou meu braço com ambas as mãos para não cair no chão. Os frequentadores do shopping nos olharam.

Planejamos cartões para mais duas pessoas naquele dia: uma mulher que gastou seus quinze minutos inteiros tateando jaquetas de couro – nós a chamamos de Betty – e um homem que chamamos de Adão, por conta de seu pomo de Adão enorme, que rebatizamos de abóbora de Adão. Nenhum outro tirador de melecass.

E eu me diverti. Se foi por conta do jogo ou simplesmente por estar com ela, eu não sei. Só sei que fiquei surpreso de quão próximo eu me senti de Clarissa, Betty e Adão depois de observá-los por apenas quinze minutos.

Ao longo do dia, Estrela foi perdendo dinheiro. Ela era a fada madrinha das moedinhas: um centavo aqui, um centavo ali. Jogadas na calçada, deixadas em uma prateleira ou banco. Mesmo as de vinte e cinco centavos.

“Eu odeio troco”, ela disse. “É tão... ruidoso.”

“Você percebe quanto dinheiro pode perder em um ano?”, perguntei.

“Você já viu o rosto de uma criança quando ela vê uma moeda na calçada?”, ela disse.

Quando sua bolsa de moedas estava vazia, dirigimos de volta para Mica. Ao longo do caminho, ela me convidou para comer na casa dela.

Archie havia dito que os Caraway eram pessoas normais, mas eu ainda não conseguia imaginar Estrela vindo de um lar comum. Sempre esperei um resquício da cena *hippie* da década de 1960. Faça amor, não faça guerra. A mãe dela com uma saia longa e uma flor no cabelo. O rosto do pai enquadrado por costeletas, dizendo um monte de “Que massa!” e “É isso aí!”. Pôsteres do Grateful Dead. Abajures psicodélicos.

Então, fiquei surpreso. A mãe dela vestia shorts e uma camiseta enquanto trabalhava no pedal de uma máquina de costura com os pés descalços. Ela costurava uma fantasia de camponesa russa para uma peça a ser apresentada em Denver. O sr. Caraway estava em uma escada portátil do lado de fora, pintando os peitoris das janelas. Nada de costeletas; na verdade, muito pouco cabelo. A casa em si poderia ser de qualquer pessoa. Móvel lustrada de madeira vergada, tapetes jogados sobre os pisos de madeira maciça, sotaques do sudoeste: um vaso de casamento estilo Anasazi aqui, uma gravura de Georgia O’Keeffe ali. Nada para declarar: “Viu só? Ela veio *daqui*”.

O mesmo com o quarto dela. Tirando a casinha azul e amarela de madeira compensada do Canela em um canto, ele poderia pertencer a qualquer garota da escola. Permaneci na porta.

“O que foi?”, ela perguntou.

“Estou surpreso”, eu disse.

“Com o quê?”

“Pensei que seu quarto fosse diferente.”

“Como assim?”

“Não sei. Mais... você.”

Ela sorriu. “Pilhas de recortes de jornais? Uma operação de fabricação de cartões?”

“Algo do tipo.”

“Isso fica no meu escritório”, ela disse. Ela liberou o Canela. Ele correu para debaixo de sua cama. “Este é o meu quarto.”

“Você tem um escritório?”

“Sim.” Ela enfiou o pé embaixo da cama. Quando o tirou, Canela havia subido nele. “Eu queria ter um lugar só para mim quando fosse trabalhar. Então consegui um.”

Canela correu para fora do quarto.

“E onde fica?”, perguntei.

Ela colocou o dedo nos lábios. “Segredo.”

“Aposto que conheço uma pessoa que sabe onde é”, disse.

Ela ergueu as sobrancelhas.

“Archie.”

Ela sorriu.

“Ele estava falando de você”, eu disse. “Ele gosta de você.”

“Ele significa muito para mim”, ela disse. “Penso nele como meu avô.”

Minha inspeção descobriu dois itens curiosos. Um deles era uma tigela de madeira cheia até a metade com cabelos loiros.

“São seus?”, perguntei.

Ela assentiu. “Para pássaros que procuram material para fazer ninho. Eu os coloco lá fora na primavera. Venho fazendo isso desde pequena. Tenho mais sucesso ao norte do que aqui.

O outro item estava em uma prateleira. Era uma carroça pequena, do tamanho do meu punho. Era feita de madeira e parecia ter sido um brinquedo antigo. Estava repleta de seixos. Vários outros seixos repousavam ao redor das rodas de carroça.

Apontei para ela. “Que é isso? Uma coleção de pedras?”

“É minha carroça feliz”, ela disse. “Na verdade, ela também poderia ser chamada de uma carroça infeliz, mas prefiro feliz.”

“E do que se trata?”

“Tem a ver com como eu me sinto. Quando algo me deixa feliz, eu coloco um seixo na carroça. Se estou triste, tiro uma pedra. Há vinte pedras no total.”

Contei três sobre a prateleira. “Então há dezessete na carroça agora, certo?”

“Certo.”

“Então isso significa o quê? Que você está bastante feliz?”

“Certo novamente.”

“Qual o maior número de seixos que a carroça já teve?”

Ela deu um sorriso manhoso. “Você está olhando para ele.”

A carroça não parecia mais apenas uma pilha de pedras.

“Geralmente”, ela disse, “fica mais equilibrado. Ela chega a dez, algumas indo para um lado ou para o outro. Indo e voltando, indo e voltando. Como a vida.”

“E quão próximo de ficar vazia ela já chegou?”, perguntei.

“Ah...” Ela virou o rosto para o teto e fechou os olhos. “Uma vez chegou a três.”

Fiquei chocado. “Sério? Você?”

Ela me olhou fixamente. “Por que não *eu*?”

“Você não parece fazer o tipo.”

“Que tipo?”

“Não sei...” Procurei as palavras certas.

“O tipo três-seixos?”, ela me ajudou.

Dei de ombros.

Ela pegou um seixo da prateleira e, com um sorriso, o colocou na carroça.
“Bem, pode me chamar de Senhorita Imprevisível.”

Eu me juntei à família para o jantar. Três de nós comemos bolo de carne. O quarto – adivinhem quem – era estritamente vegetariano. Ela ganhou um bolo de tofu.

Os pais dela a chamavam de “Estrela” tão casualmente quanto se ela se chamasse Jennifer.

Após o jantar, nós nos sentamos na porta da frente. Ela trouxe sua câmera para fora. Três crianças, duas meninas e um menino, brincavam em uma entrada de garagem do outro lado da rua. Ela tirou várias fotos deles.

“Por que está fazendo isso?”, perguntei.

“Está vendo o menininho de boné vermelho? O nome dele é Peter Sinkowitz. Ele tem 5 anos. Estou montando a biografia dele, algo assim.”

Pela décima vez naquele dia ela havia me pegado de guarda baixa. “Biografia?” Peter Sinkowitz costeava a calçada da garagem em uma banana plástica de quatro rodas; as duas garotinhas estavam correndo e gritando atrás dele. “Por que você faria isso?”

Ela tirou uma foto. “Você não gostaria que alguém viesse a você hoje e te desse um caderno chamado

A vida de Leo Borlock? E ele fosse um registro, como um diário, do que você fez nessa e naquela data quando era pequeno? Cobrindo os dias dos quais não consegue mais se lembrar? E houvesse imagens, e até algumas coisas que você deixou cair ou jogou fora, como um papel de bala? E isso fosse feito por alguma vizinha do outro lado da rua, e você nem soubesse que ela estava fazendo isso. Não acha que quando tivesse seus 50 ou 60 anos, daria uma fortuna para ter algo assim?”

Pensei a respeito. Havia passado dez anos desde os meus seis. Parecia ser um século. Ela tinha razão sobre uma coisa: eu não me lembrava muito a respeito daqueles dias. Mas, na verdade, tampouco me importava com eles.

“Não”, eu disse, “acho que não. E de qualquer modo, não acha que os pais dele estão fazendo isso? Álbuns de família e tudo mais?”

Uma das garotinhas deu um jeito de arrancar o carrinho de banana de Peter Sinkowitz. Peter começou a gritar.

“Tenho certeza que sim”, ela disse tirando outra foto. “Mas ele terá posado e sorrido para essas fotos e esses momentos. Não são tão reais quanto este. Algum dia ele vai amar esta foto de si mesmo berrando, enquanto uma garotinha foge

dirigindo seu brinquedo. Eu não o sigo por aí como fizemos com Clarissa. Só fico de olho nele, e um par de vezes na semana eu anoto o que o vi fazendo naquele dia. Farei isso por mais alguns anos, então darei o caderno para os pais dele darem a ele quando ele for mais velho e estiver pronto para apreciá-lo.” Um olhar enigmático surgiu no meu rosto. Ela me cutucou com o cotovelo. “O que foi?”

“Hein?”, eu disse.

“Você está me olhando de um jeito realmente engraçado. O que foi?”

Deixei escapar: “Você está querendo ser canonizada?”

Eu me arrependi das palavras assim que elas saíram. Ela apenas me olhou, demonstrando estar magoada.

“Desculpe-me”, falei. “Não quis soar desagradável.”

“E como você quis soar?”

“Espantado, eu acho.”

“Com o quê?”

Eu ri. “O que você acha? Com *você*.” Eu ri de novo. Fiquei em pé na frente dos degraus, olhando para ela. “Olhe só para você. É sábado. Eu passei o dia inteiro com você, e você gastou esse dia inteiro fazendo coisas para outras pessoas. Ou prestando atenção em outras pessoas. Ou seguindo outras pessoas. Ou tirando fotos de outras pessoas.”

Ela me olhou. A mágoa tinha sumido de seus olhos, mas não a perplexidade. Ela piscou. “E daí?”

“E daí... que eu não sei o que estou dizendo.”

“Parece que está dizendo que sou obcecada por outras pessoas. É isso?”

Talvez fosse o ângulo, mas seus olhos de gazela, me fitando de baixo para cima, pareciam maiores do que nunca. Tive de fazer um esforço enorme para manter meu equilíbrio e não despencar dentro deles. “Você é diferente”, eu disse, “disso eu tenho certeza.”

Ela bateu os cílios e sorriu de modo sedutor. “Você não gosta do que é diferente?”

“Claro que eu gosto”, eu disse, talvez um pouco rápido demais.

Um ar de descoberta repentina iluminou o rosto dela. Ela esticou o pé e bateu no meu tênis. “Eu sei qual é o seu problema.”

“Sério? E qual é?”

“Você está com ciúmes. Está bravo porque estou prestando toda essa atenção em outras pessoas e não o suficiente em você.”

“Certo”, resmunguei. “Estou com ciúme de Peter Sinkowitz.”

Ela se levantou. “Você me quer toda pra você, não é?” Ela deu um passo na minha direção. A ponta de nossos narizes se tocaram. “Não quer, senhor Leo?” Os braços dela enlaçaram meu pescoço.

Estávamos na calçada em frente à casa dela, à vista de todos. “O que está fazendo?”, perguntei.

“Estou te dando alguma atenção”, ela murmurou. “Você não quer atenção?”

Eu estava perdendo minha batalha por equilíbrio.

“Eu não sei”, me ouvi dizendo.

“Você é realmente bobo”, ela sussurrou no meu ouvido.

“Sou?”

“Sim. Por que você acha que existem dezoito seixos na minha carroça?” E, então, o espaço remanescente entre nossos lábios desapareceu e eu caí de cabeça em seus olhos, bem ali em Palo Verde, após o jantar. E posso dizer a vocês: não havia nenhuma santa me beijando.

Aquela foi a melhor época, quando estávamos sozinhos, juntos, fora da escola. Dávamos longas caminhadas pela cidade e no deserto, indo ao seu lugar encantando. Nós nos sentávamos em bancos de parques e observávamos as pessoas. Apresentei-a aos *smoothies* de banana com morango. Peguei a picafe emprestada e fui com ela até Red Rock e Glendale. Nos fins de semana, visitávamos Archie. Em sua varanda dos fundos, conversávamos sobre milhares de coisas e ríamos, sufocávamos com sua fumaça de cachimbo e comíamos pizza. Ela apresentou seu discurso do concurso de oratória ao Señor Saguaro. Nunca falamos do ostracismo. Eu amava os fins de semana.

Mas depois dos domingos sempre vinham as segundas-feiras.

E o ostracismo – agora estava claro – tinha chegado a mim. Foi menos absoluto para mim do que para ela, mas estava lá. Eu o via nos olhos que desviavam dos meus, nos ombros que se viravam, na conversa que parecia mais baixa ao meu redor agora do que antes. Lutei contra isso. Testei seus limites. No pátio, entre as aulas, no refeitório, eu chamava os outros só para ver se eles responderiam. Quando alguém virava e acenava, eu me sentia agradecido. Se alguém falava comigo, especialmente sem eu ter falado antes, eu tinha vontade de chorar. Eu nunca tinha me dado conta de quanto precisava da atenção dos outros para confirmar minha própria presença.

Disse a mim mesmo que o ostracismo era mais doloroso para mim do que para Estrela. Disse a mim mesmo que ela se encontrava muito ocupada sendo ela mesma para notar que era ignorada – e, de fato, ela continuava a dar aos aniversariantes uma serenata de ukulele, decorar sua mesa e distribuir gentilezas variadas. Eu disse a mim mesmo que ainda que ela notasse, ela não se importaria.

Entendi por que isso estava acontecendo comigo. Aos olhos do corpo estudantil, ela era parte da minha identidade. Eu era o “namorado dela”. Era o sr. Estrela.

Os alunos diziam coisas. Não para mim, não diretamente, mas falavam na minha direção para eu escutar mesmo quando fingiam que eu não estava por perto. Diziam que ela era uma egoísta egocêntrica que monopolizava o centro das atenções. Diziam que ela pensava ser algum tipo de santa – eu me contorci com essa – e que era melhor do que o resto de nós. Que ela queria que todos os

demais se sentissem culpados por não serem tão legais e espetaculares quanto ela. Que ela era uma impostora.

Na maioria das vezes, diziam que ela era culpada pelo Mica Elétrons não ter sido campeão de basquete do estado do Arizona. Kevin tinha razão: quando ela começou a comemorar por outros times, ela fez algo ruim para o seu próprio time. Ver um dos seus animando o adversário fez algo com a moral do time que nem horas de treinamento poderiam superar. E a gota d'água – todos pareciam concordar – foi o jogo com o Sun Valley, quando Estrela correu pela quadra para ajudar Kovac, a estrela do adversário. Tudo isso foi afirmado pelo astro do nosso time, o próprio Ardsley, que disse que quando ele viu uma líder de torcida de Mica confortar o inimigo, a força de vontade dele se esvaiu. Ela era a razão de eles terem perdido o jogo seguinte tão vergonhosamente para o Red Rock. Eles a odiavam por isso, e nunca a perdoariam.

Diferentemente de Estrela, eu estava consciente da raiva constante de nossos companheiros de escola, agitando-se como cobras sob uma varanda. Na verdade, eu não só estava consciente disso como às vezes também entendia o ponto de vista deles. Houve inclusive momentos em que algo pequeno e retraído dentro de mim concordou com eles. Então eu a via sorrindo e mergulhava nos olhos dela, e o mau momento ia embora.

Eu vi. Eu ouvi. Eu entendi. Eu sofri. Mas pelo bem de quem eu estava sofrendo? Continuei a pensar na pergunta do Señor Saguaro: *Você dá mais valor ao afeto de quem, ao dela ou ao dos demais?*

Fiquei com raiva. Eu me ressentia por ter de escolher. Eu me recusava a escolher. Imaginava minha vida sem ela e sem eles, e não a queria de nenhuma das duas maneiras. Eu fingia que não seria assim para sempre. Sob o luar mágico na minha cama à noite, fingia que ela se tornaria mais parecida com eles e que eles ficariam mais parecidos com ela, e que no fim eu teria tudo.

Então ela fez algo que tornou impossível fingir.

“Papa-léguas.”

Ninguém disse a palavra para mim diretamente, mas continuei ouvindo-a desde que cheguei à escola naquele dia, vários dias depois do beijo na calçada. A palavra parecia mais largada para trás do que falada, então continuei andando na direção dela:

“Papa-léguas.”

Será que havia algo no papa-léguas de madeira que eu deveria ler?

Eu tinha sala de estudos no terceiro período; investigaria o assunto nessa ocasião. No meio-tempo, tinha espanhol no segundo período. Enquanto me dirigia para o meu lugar, olhei pela janela que dava para o pátio. Havia algo escrito no papa-léguas, certamente, mas eu não precisaria ir lá fora para ler. Eu podia ler o quadro de onde estava. Poderia tê-lo lido de um avião em voo baixo. Um papel branco – não, era um lençol – cobria o pássaro inteiro. Pintado no lençol com amplas pinceladas vermelhas havia um coração de Dia dos Namorados circundando as palavras:

ESTRELA
AMA
LEO

Meu primeiro impulso foi arrastar a professora de espanhol para a janela e dizer: “Olha só! Ela me ama!”. Meu segundo impulso foi correr para fora e arrancar o recado de lá.

Até então, eu nunca tinha sido alvo de sua extravagância pública. Senti uma estranha afinidade repentina com Hillari Kimble: entendi por que ela tinha dito a Estrela para não cantar para ela. Eu me senti sob os holofotes em um palco vazio.

Não conseguia me concentrar no meu dever da escola e em nada mais. Eu estava um caos.

No almoço naquele dia, tive medo de olhar para ela. Pelo menos havia um lado bom: eu ainda não tinha conseguido reunir coragem para me sentar com ela todos os dias. Continuei alimentando minha conversa com o Kevin. Senti a presença dela, os olhos dela, três mesas à minha esquerda. Sabia que ela estava sentada lá com Dori Dilson, a única amiga que não a havia abandonado. Senti o

cutucão fraco de seu olhar na minha nuca. Ignorando minhas vontades, minha cabeça se virou por conta própria e lá estava ela: sorrindo vigorosamente, acenando com grandiosidade, e – o horror! – me mandando um beijo. Virei a cabeça de volta e arrastei Kevin para fora do refeitório.

Quando finalmente me atrevi a olhar de novo para o pátio, descobri que alguém tinha arrancado o recado. Tachinhas nos cantos prendiam quatro pedaços rasgados de lençol na madeira compensada.

Dei um jeito de evitá-la usando caminhos diferentes entre as aulas, porém, ela me encontrou depois da escola e veio atrás de mim gritando enquanto eu tentava sair de fininho: “Leo! Leo!”.

Ela correu para mim, sem fôlego, explodindo, seus olhos brilhando no sol. “Você viu?”

Eu assenti. Continuei andando.

“E aí?” Ela me seguia na expectativa, batendo no meu ombro. “O que você achou?”

O que eu poderia dizer? Não queria ferir os sentimentos dela. Apenas dei de ombros.

“Uau! Isso é impressionante, não?” Ela estava zombando de mim. Ela enfiou a mão na bolsa e tirou seu rato. “Talvez ele seja tímido, Canela. Talvez ele diga a você quanto ficou entusiasmado ao ver o recado.” Ela o deixou no meu ombro.

Resmunguei. Espantei o rato de mim e ele despencou no chão.

Ela o pegou e o acariciou, o tempo inteiro olhando para mim emudecida. Eu não podia encará-la. Virei-me e fui embora, sozinho.

Ela gritou: “Acho que você não vai querer me ouvir praticando meu discurso, né?”.

Eu não respondi. Não olhei para trás.

No dia seguinte, tive de lidar com o impacto total do recado. Pensei que havia realmente sofrido com os respingos do ostracismo de Estrela, mas isso não era nada agora que a inundação completa tinha vindo na minha direção.

É claro que Kevin – ainda bem – falou comigo; do mesmo modo que alguns poucos amigos. Mas o resto era silêncio, um segundo deserto imposto sobre aquele onde eu já vivia, onde “Oi” era algo tão raro quanto a chuva. Fui para o pátio de manhã antes do sinal de entrada, e tudo o que vi foram rostos virados. As pessoas abriam caminho ao passar por mim, chamando por outros. Portas foram fechadas na minha cara. Havia risada, havia brincadeiras, mas isso continuava passando por cima de mim como uma pedra achatada desliza na água.

Em uma manhã, enquanto ajudava uma professora, vi alguém, chamado Renshaw, caminhando pelo pátio. Eu mal conhecia o garoto, mas éramos os únicos no pátio naquele momento, e eu tinha de, por assim dizer, cutucar o ninho de marimbondo. “Renshaw!”, chamei. Não havia nenhuma outra voz além da

minha. “Renshaw!” Ele não se virou, não acenou, nem desacelerou. Ele continuou se afastando de mim, abriu a porta e se foi.

E daí? Continuei dizendo a mim mesmo. Por que você se importa? Vocês nunca se falaram. O que Renshaw significa para você?

Mas eu me importava. Eu não podia evitar me importar. Naquele momento, não havia nada no mundo que eu quisesse mais do que um cumprimento de Renshaw. Rezei para que ele abrisse a porta com tudo e eu o ouvisse dizer: “Foi mal, Borlock, eu não estava ouvindo. O que você quer?”. Mas a porta continuou fechada e eu soube qual era a sensação de ser invisível.

“Eu sou invisível”, disse para Kevin, no almoço. “Ninguém me ouve. Ninguém me vê. Sou o maldito homem invisível.”

Kevin apenas olhou para o seu almoço e sacudiu a cabeça.

“Quanto tempo isso vai durar?”, perguntei.

Ele deu de ombros.

“O que eu fiz?” Minha voz saiu mais alta do que eu queria.

Ele mastigou. Olhou para mim. Por fim, ele disse: “Você sabe o que fez”.

Olhei para ele como se ele fosse louco. Eu o importunei para ouvir algo mais, mas é claro que ele tinha toda razão. Eu sabia exatamente o que tinha feito. Tinha me ligado a uma pessoa impopular. Esse havia sido meu crime.

Os dias se passaram. Continuei a evitar Estrela. Eu a queria. Eu os queria. Parecia que eu não poderia ter os dois, então não fiz nada. Corri e me escondi.

Mas ela não desistiu de mim. Ela me caçou. Um dia, encontrou-me no estúdio de TV depois da aula. Senti dedos deslizarem pela minha nuca, segurando minha gola, me puxando para trás. A equipe ficou olhando. “Senhor Borlock”, eu a ouvi dizer, “precisamos conversar.” Pela voz dela, soube que não estava sorrindo. Ela soltou minha gola. Eu a segui para fora do estúdio.

No pátio, um casal que conversava no banco embaixo da palmeira nos viu chegando e correu, então nos sentamos lá.

“Então”, ela disse, “já estamos terminando?”

“Eu não quero.”

“Então por que está se escondendo de mim?”

Eu me forcei a encará-la, forcei-me a conversar, senti o bom senso surgir. “Algo precisa mudar. É tudo o que sei.”

“Você quer dizer, como uma troca de roupas? Ou uma troca de pneu? Eu devo trocar um pneu da minha bicicleta? Isso seria suficiente?”

“Não tem graça. Você sabe o que quero dizer.”

Ela viu que eu estava zangado. O rosto dela ficou sério.

“As pessoas não estão falando comigo”, eu disse. Olhei fixamente para ela. Eu queria que tudo ficasse bem claro. “Pessoas que conheço desde que me mudei para cá. Elas não falam comigo. Elas não me *veem*.”

Ela se esticou e esfregou levemente o dorso da minha mão com a ponta do dedo. Os olhos dela estavam tristes. “Sinto muito por as pessoas não verem você. Não é divertido não ser visto, não é?”

Afastei a mão. “Bem, diga você qual é a sensação. Não te incomoda que ninguém fale com você?” Foi a primeira vez que mencionei a exclusão abertamente com ela.

Ela sorriu. “Dori fala comigo. Você fala comigo. Archie fala comigo. Minha família fala comigo. O Canela fala comigo. O Señor Saguario fala comigo. *Eu* falo comigo.” Ela inclinou a cabeça e me encarou, esperando por um sorriso em resposta. Eu não sorri. “Você vai parar de falar comigo?”

“Não é esse o ponto”, eu disse.

“E qual é?”

“O ponto é...”, tentei ler o rosto dela, mas não consegui, “... o que move seus ponteiros?”

“Agora eu sou um *relógio*!”

Eu me virei. “Está vendo? Não consigo falar com você. É tudo uma grande piada.”

Ela colocou meu rosto entre as mãos e me virou para ela. Só esperava que as pessoas não estivessem nos observando pelas janelas. “Certo, sério agora. Vã em

frente, pergunte o que me move de novo. Ou qualquer outra coisa, qualquer pergunta.”

Balancei a cabeça. “Você simplesmente não se importa, não é?”

Aquilo a deixou perplexa. “Se me importo? Leo, como pode dizer que não me importo? Você foi comigo a lugares. Entregamos cartões e flores. Como pode dizer...”

“Não foi isso que eu quis dizer. Você não se importa com o que as pessoas pensam.”

“Eu me importo com o que *you* pensa. Eu me importo...”

“Eu sei – você se importa com o que o Canela e o Señor Saguario pensam. Estou falando da escola, da cidade. Estou falando de todo mundo.”

Ela pensou um tempo nas palavras. “Todo mundo?”

“Isso. Você não parece se importar com o que os outros pensam. Você não parece *saber* o que os outros pensam. Você...”

Ela me interrompeu: “E você sabe?”

Pensei por um momento. Assenti, ríspidamente. “Sim. Sim, eu acho que sei. Estou em contato com todo mundo. Sou um deles. Como poderia não saber?”

“E isso importa?”

“É claro que importa. Veja”, corri o braço apontando a escola ao nosso redor, “veja o que está acontecendo. Ninguém fala com a gente. Você não pode simplesmente não dar a mínima para o que os outros pensam. Você não pode simplesmente ir animar o outro time e esperar que sua própria escola te ame por isso.” Palavras em que eu vinha pensando há semanas escapavam da minha língua agora. “Kovac – Kovac, caramba! O que foi *aquilo*?”

Ela ficou atônita. “Quem é Kovac?”

“Kovac. O cara do Sun Valley. A estrela do basquete. O cara que quebrou o tornozelo.”

Ela continuava atônita. “O que tem ele?”

“O que tem ele? O que há com *you*? O que você estava fazendo lá no chão com ele, com a cabeça dele no seu colo?”

“Ele estava com dor.”

“Ele era o *inimigo*, Estrela! Susan. Tanto faz. O *inimigo*!” Ela me encarou em silêncio. Havia piscado ao ouvir o “Susan”. “Havia milhares de pessoas de Sun Valley por lá. Ele tinha o *próprio* pessoal para cuidar dele, os *próprios* treinadores, os *próprios* companheiros de equipe, o colo das *próprias* líderes de torcida. E você tinha o *seu* próprio time para se preocupar.” Eu gritava. Levantei-me e me afastei. Voltei e me inclinei na direção dela. “Por quê?”, perguntei. “Por que você não deixou que ele fosse cuidado pelo próprio pessoal dele?”

Ela me olhou por um longo tempo, como se pudesse encontrar sua justificativa no meu rosto. “Eu não sei”, disse enfim, vagamente. “Eu não pensei.

Só fiz.”

Recuei. Estava tentado a dizer: *Bem, espero que esteja satisfeita, porque eles te odeiam pelo que você fez*, mas não tive coragem.

Agora estava com pena dela. Sentei-me novamente ao lado dela. Segurei sua mão. Sorri. Falei tão gentilmente quanto possível. “Estrela, você não pode simplesmente fazer as coisas do seu jeito. Se você não tivesse passado a vida inteira tendo aulas em casa, você entenderia. Não pode simplesmente acordar de manhã e dizer que não se importa com o que o resto do mundo pensa.”

Os olhos dela estavam arregalados, sua voz fraca como a de uma menininha. “Não posso?”

“Não, a menos que queria ser uma eremita.”

Ela sacudiu a barra da saia no meu tênis, limpando-o. “Mas como você acompanha a opinião do resto do mundo? Às vezes eu mal posso acompanhar a mim mesma.”

“Não é algo sobre o qual você tenha de pensar a respeito”, eu disse. “Você apenas sabe. Porque está conectada.”

No chão, a bolsa dela mudou ligeiramente: Canela estava agitado. O rosto de Estrela passou por uma série de expressões, terminando em um beicinho e uma explosão repentina e soluçante: “Eu não estou conectada!” Ela se esticou, nós nos abraçamos no banco do pátio e voltamos juntos para casa.

Continuamos essa conversa pelos dias seguintes. Expliquei o jeito das pessoas para ela. Disse que ela não podia animar todas as torcidas. Ela perguntou: por que não? Eu disse que uma pessoa pertence a um grupo, você não pode pertencer a todos. Ela perguntou: por que não? Eu disse: você não pode invadir o funeral de um total estranho. Ela perguntou: por que não? Eu disse: você simplesmente não pode. Ela perguntou: por quê? Eu disse o porquê. Disse que você tem de respeitar a privacidade das outras pessoas, que existe algo chamado não ser bem-vindo. Disse que nem todos gostam de ter alguém com um ukulele cantando “Parabéns a você” para si. Ela perguntou: eles não gostam?

Essa coisa de grupo, eu disse, é bastante forte. É provavelmente um instinto. Você encontra isso por toda parte, desde pequenos grupos, como famílias, a grandes grupos, como uma cidade ou escola, e até grupos realmente grandes como um país inteiro. “E o que me diz de um realmente, mas *realmente* grande”, ela disse, “como um planeta?” Que seja, disse eu. A questão é: em um grupo todo mundo age mais ou menos da mesma forma, essa é meio que a maneira de o grupo se manter unido. Ela perguntou: todo mundo? Bem, a maioria, disse eu. É para isso que servem as prisões e os hospitais psiquiátricos, para manter as coisas

dessa forma. Ela perguntou: “Você acha que eu deveria estar na prisão?” “Eu acho que você deveria tentar se parecer mais com o restante de nós”, eu disse.

“Por quê?”, ela disse.

“Porque”, eu disse.

“Diga-me”, ela disse.

“É difícil”, eu disse.

“Diga”, ela disse.

“Porque ninguém gosta de você”, eu disse. “É por isso. Ninguém gosta de você”.

“Ninguém?”, ela disse. Os olhos dela me cobriram como se fossem o céu. “Ninguém?”

Tentei me fazer de idiota, mas não estava funcionando. “Ei”, eu disse, “não olhe para mim. Estamos falando sobre eles. *Eles*. Se dependesse só de mim, eu não mudaria nada. Você está bem para mim do jeito que é. Mas não estamos sozinhos, estamos? Vivemos em um mundo repleto deles, gostemos disso ou não”.

“É onde eu tento me manter, com eles. Eu não mencionei a mim mesmo. Não disse faça isso por mim. Não disse que se você não mudar, pode tratar de me esquecer. Nunca disse isso”.

Dois dias depois, Estrela desapareceu.

Normalmente, eu a via no pátio antes da escola, mas naquele dia eu não a vi. Normalmente, eu passava por ela entre as aulas pelo menos uma ou duas vezes antes do almoço. Não naquele dia. De fato, quando olhei em direção à sua mesa no almoço, lá estava Dori Dilson, como sempre, mas havia outra pessoa sentada com ela. Nada de Estrela.

Saindo do refeitório, ouvi risos atrás de mim. E depois uma voz, a de Estrela: “O que você precisa fazer para conseguir a atenção de alguém neste lugar?”.

Eu me virei, mas não era ela. A garota em pé, sorrindo na minha frente, estava de jeans e sandálias, tinha as unhas e os lábios pintados de vermelho escuro, olhos pintados, anéis nos dedos e nos dedões do pé, brincos de argola pelos quais eu podia atravessar a mão, cabelo...

Olhei estupefato enquanto os alunos passavam. Ela deu um sorriso de palhaçada. Estava começando a parecer vagamente familiar. Arrisquei sussurrar: “Estrela?”.

Ela piscou os cílios cor de chocolate. “Estrela? Que tipo de nome é esse? Meu nome é Susan.”

E, simples assim, Estrela tinha partido e sido substituída por Susan. Susan Julia Caraway. A garota que ela poderia ter sido o tempo todo.

Eu não conseguia tirar meus olhos dela. Ela abraçava seus livros. A bolsa de lona de girassol tinha sumido. O rato tinha sumido. O ukulele tinha desaparecido. Ela girou lentamente para que eu pudesse inspecioná-la, boquiaberto e atônito. Nada bobo, nada diferente que eu pudesse ver. Ela parecia magnificamente, lindamente, gloriosamente comum. Ela parecia igual a uma centena de outras garotas da escola. Estrela tinha desaparecido em um mar de *elas*, e eu estava muito animado. Ela deslizou um pedaço de chiclete para dentro da boca e mastigou ruidosamente. Piscou para mim. Esticou a mão e encostou em meu queixo, do jeito que minha avó faria, e disse: “E aí, bonitão?”. Eu a agarrei, ali mesmo do lado de fora do refeitório, no meio do fluxo de pessoas. Não me importava se os outros estavam vendo. Na verdade, torcia para estarem. Eu a agarrei e a apertei. Nunca havia estado tão feliz e tão orgulhoso na minha vida.

Nós velejamos pelo tempo. Demos as mãos nos corredores, nas escadas, no pátio. No refeitório, peguei-a e puxei-a para a nossa mesa. Olhei em volta para

convidar Dori Dilson, mas ela tinha sumido. Fiquei sentado lá sorrindo enquanto Kevin e Susan tagarelavam e fofocavam comendo seus sanduíches. Eles brincaram sobre sua desastrosa participação no Cadeira Elétrica. Susan sugeriu que eu participasse do Cadeira Elétrica um dia, e Kevin disse que não, ele é tímido demais, e eu disse não sou mais, e todos rimos.

Ele era verdade. Eu não andava, eu desfilava. Eu era o namorado de Susan Caraway. Eu. Sério? *Daquela* Susan Caraway? Aquela com as presilhas minúsculas e anéis de dedão? É, essa mesma, minha namorada. Pode me chamar de sr. Susan.

Comecei a falar “nós” em vez de “eu”, como em “Nós o encontraremos lá” ou “Nós gostamos de fajitas”.

Sempre que podia, eu dizia o nome dela em voz alta, como se estivesse soprando bolhas de sabão. O resto do tempo, eu dizia isso para mim mesmo.

Susan... Susan...

Fazíamos nosso dever de casa juntos. Passávamos tempo com Kevin. Em vez de seguir desconhecidos, íamos para o cinema e enfiávamos as mãos juntos no superbalde de pipoca de seis dólares. Em vez de sair para comprar violetas africanas, comprávamos tortinhas Cinnabons e lambíamos a cobertura dos dedos um do outro.

Fomos ao Pisa Pizza. Passamos pelo quadro de avisos dentro da porta. Dividimos uma pizza: metade pepperoni, metade anchovas.

“Anchovas! Eca!”, eu disse.

“O que tem de errado com anchovas?”, ela perguntou.

“Como você consegue comer isso? Ninguém come anchovas.”

Eu estava meio que brincando, mas o rosto dela estava sério. “Ninguém?”

“Ninguém que eu conheça.”

Ela pegou as anchovas de suas fatias e as colocou em seu copo de água.

Tentei impedi-la. “Ei...”

Ela empurrou minha mão para longe. Derrubou a última anchova no copo. “Não quero ser ninguém.”

Na saída, ignoramos o quadro de avisos.

Ela era louca por compras. Era como se tivesse acabado de descobrir que roupas existiam. Ela comprava blusas, calças, shorts, bijuteria customizada e maquiagem. Comecei a notar que suas roupas tinham algo em comum: todas tinham o nome da marca exibidos em destaque. Ela parecia comprar não por causa de cor ou estilo, mas sim por causa do tamanho da etiqueta da marca.

Ela constantemente me perguntava sobre o que os outros jovens faziam, compravam, diziam, pensavam. Ela inventou uma pessoa fictícia que chamava de Maria-vai-com-as-outras. “A Maria-vai-com-as-outras gosta disso?” “A Maria faria isso?”

Às vezes ela errava, como nas risadas. Por vários dias ela teve acessos de riso. Ela não apenas ria, mas gargalhava. Cabeças viravam-se no refeitório. Eu estava tentando arrumar coragem para dizer algo quando ela olhou para Kevin e para mim e disse: “A Maria riria tanto assim?”. Kevin fitou seu sanduíche. Eu timidamente sacudi a cabeça em negativa. As gargalhadas pararam, e a partir daquele momento ela fez uma perfeita imitação de uma adolescente de bico, chateada.

Em todos os aspectos ela parecia ser uma adolescente típica, comum, tradicional.

E não estava funcionando.

No início, eu nem notei nem me importei muito que a exclusão continuasse. Estava ocupado demais sendo feliz com o fato de agora ela ser, no meu ponto de vista, uma de nós. Meu único arrependimento era o de que não poderíamos jogar a temporada de basquete de novo. Na minha cabeça, eu a imaginava dedicando toda sua força e sua energia exclusivamente aos Elétrons. Teríamos ganhado partidas só com a torcida dela.

* * *

Foi ela quem disse primeiro: “Eles ainda não gostam de mim”. Estávamos em pé do lado de fora do estúdio de TV depois da aula. Como sempre, as pessoas estavam passando como se não estivessemos lá. Seu lábio tremia. “O que estou fazendo de errado?” As lágrimas deixaram seus olhos ainda maiores.

Apertei sua mão. Disse a ela para esperar um pouco. Comentei que as finais estaduais de basquete aconteceriam em Phoenix naquele sábado, e isso encerraria a temporada e abriria caminho para seus crimes de torcida serem esquecidos.

Sua maquiagem estava borrada. Eu a tinha visto ela triste muitas vezes antes, mas sempre por causa de outra pessoa. Dessa vez era diferente. Dessa vez era por causa dela mesma, e eu estava impotente para ajudar. Eu não conseguia descobrir um jeito de animar a animadora de torcida.

Naquela noite fizemos o dever de casa juntos na casa dela. Entrei rapidamente em seu quarto para dar uma olhada no seu vagão da felicidade. Havia apenas duas pedras nele.

Quando voltei para a escola no dia seguinte, havia alguma coisa diferente no murmurinho do pátio. Os alunos que chegavam estavam parados, alguns passeavam randomicamente, alguns em grupos, mas conforme me aproximei, havia uma clareira distinta em torno da palmeira. Andei lentamente naquela direção e através da multidão pude ver que alguém – Susan – estava sentada no banco. Ela estava sentada com as costas retas e sorrindo. Estava segurando um bastão de trinta centímetros com uma garra na ponta. Pendurada em seu pescoço por um barbante, estava uma placa que dizia: FALE COMIGO E EU COÇAREI

SUAS COSTAS. Ninguém estava interessado. Ninguém ficava a menos de cinco metros dela.

Rapidamente eu me virei. Andei de volta pela multidão. Fingi que estava procurando alguém. Fingi que eu não a tinha visto. E rezei para o sinal tocar.

Quando eu a vi mais tarde naquela manhã, a placa tinha sumido. Ela não falou nada sobre o assunto. Nem eu.

Na manhã seguinte ela veio correndo até mim no pátio. Seus olhos brilhavam pela primeira vez em dias. Ela me segurou com ambas as mãos e me sacudiu. “Vai ficar tudo bem! Vai terminar! Eu tive uma visão!”

Ela me contou. No dia anterior ela havia ido para seu lugar encantado depois do jantar, e foi lá que teve essa visão. Ela havia se visto retornando vitoriosa do concurso estadual de oratória do Arizona. Tinha conquistado o primeiro lugar. A melhor do estado. Quando retornava, era recebida como heroína. A escola inteira a cumprimentava no estacionamento, como no filme da assembleia. Havia fitas, confete e cornetas, e o prefeito e o conselho municipal estavam lá, e havia uma parada, em que ela desfilava eufórica no banco de trás de um conversível, segurando o disco prateado do vencedor para todos verem, e os rostos felizes de seus colegas de classe eram espelhados no troféu brilhante. Ela me contou isso, jogou os braços para o alto e gritou: “Eu vou ser popular!”.

Faltava uma semana para a competição. Todo dia ela praticava sua apresentação. Um dia ela chamou o pequeno Peter Sinkowitz e seus colegas e apresentou o discurso para nós de sua calçada. Nós aplaudimos e assobiamos. Ela agradeceu efusivamente e eu também comecei a compartilhar sua visão. Vi as fitas voando e ouvi a multidão comemorando, e acreditei.

“... e desejamos tudo de bom para você, Susan Caraway.”

O anúncio no alto-falante ecoou na portaria da escola, e nós partimos para Phoenix. O motorista era o sr. McShane, representante da equipe de professores do colégio para a competição estadual. Susan e eu nos sentamos no banco de trás. Os pais de Susan estavam indo no próprio carro e nos encontrariam em Phoenix.

Enquanto saíamos do estacionamento, ela apontou um dedo para o meu rosto. “E o senhor não fique muito convencido. Eu tinha permissão de convidar dois amigos. Você não foi o único que convidou.”

“Então quem foi o outro?”, perguntei.

“Dori.”

“Bem, então acho que vou ficar convencido. Dori não é outro garoto.”

Ela sorriu. “Não, ela não é um deles.” De repente, ela abriu seu cinto – estávamos cada um em uma janela de trás. “Senhor McShane”, ela anunciou, “estou mudando de lugar para ficar mais perto do Leo. Ele é tão atraente, que eu não consigo me controlar.”

No espelho retrovisor, os olhos do professor se apertaram. “Como preferir, Susan. É o seu dia.”

Ela deslizou no assento e se prendeu no cinto do meio. Me cutucou. “Ouvindo isso? É o meu dia. Tenho direito a qualquer coisa.”

“Então, o que aconteceu quando você convidou Dori Dilon?”

“Ela disse não. Está brava comigo.”

“Deu para notar.”

“Desde que me tornei Susan. Ela acha que eu me traí. Simplesmente não entende quão importante é ser popular.”

Eu não soube o que responder sobre isso. Estava me sentindo um pouco desconfortável. Felizmente, não saber o que dizer não foi um problema muito grande para mim durante aquela viagem de duas horas, porque Susan tagarelou como a antiga Estrela o tempo todo.

“Mas eu conheço Dori”, ela disse, “e eu vou te contar algo.”

“O que é?”

“Amanhã, quando voltarmos, ela estará na frente da multidão comemorando por mim.”

Mais tarde, descobri que depois que deixamos a escola, o diretor tinha usado o sistema de som novamente. Ele anunciou que deveríamos estar de volta no sábado e sugeriu que todos estivessem lá para nos encontrar, independentemente de termos ganhado ou perdido.

Perder, aparentemente, nunca tinha passado pela cabeça da própria competidora.

“Você faria um favor para mim?”, ela disse.

“Claro.”

“Sabe o disco prateado grande que vai para o vencedor? Eu sou tão desastrada com pratos em casa. Você poderia segurá-lo para mim quando a multidão vier correndo? Eu tenho medo de deixá-lo cair.”

Eu a encarei. “Que multidão? Como assim correndo?”

“No estacionamento da escola. Quando voltarmos amanhã. Tem sempre uma multidão esperando pelo herói que volta pra casa. Lembra-se do filme na escola? Da minha visão?” Ela inclinou a cabeça e fitou meus olhos. Ela bateu na minha testa com o punho. “Olá. Tem alguém em casa?”

“Ah, *essa* multidão.”

Ela fez que sim com a cabeça. “Exatamente. É claro que estaremos seguros enquanto estivermos no carro. Mas depois que sairmos, ninguém sabe o que pode acontecer. Essas multidões podem ficar bem loucas. Não é mesmo, senhor McShane?”

O professor assentiu. “Foi o que ouvi dizer.”

Ela falou comigo como se estivesse ensinando alguém do primeiro ano: “Leo, isso nunca aconteceu em Mica antes, ter um vencedor do concurso de oratória do estado do Arizona. Um dos seus alunos. Quando eles souberem, vão ficar malucos. E quando me virem com aquele troféu...” Ela revirou os olhos e assobiou. “Só espero que as coisas não saiam do controle.”

“A polícia vai mantê-los na linha”, eu disse. “Talvez eles até chamem a Guarda Nacional.”

Ela arregalou os olhos. “Você acha mesmo?” Ela não percebeu que eu estava brincando. “Bem, não estou realmente com medo por minha causa. Eu não me incomodo com um pouco de empurra-empurra. Você acha que eles vão empurrar, senhor McShane?”

No espelho, os olhos dele se voltaram para nós. “Não dá pra saber.”

“E se eles quiserem me carregar em seus ombros por aí, tudo bem também. Mas é bom que...”, ela me cutucou, “...bom mesmo que eles *não mexam* com o meu troféu. É por isso que *voce*”, – outra cutucada –, “vai segurá-lo. Com força.”

Desejei que o sr. McShane dissesse algo. “Susan”, eu disse, “você não acha que está sendo precipitada?”

“Contando com os pintinhos antes de a galinha botar os ovos?”

“Exatamente.”

“Ouvi dizer que não é bom fazer isso.”

“Exatamente.”

Ela pensou cuidadosamente. “Isso nunca fez muito sentido para mim. Afinal, se você *sabe* que eles vão nascer, por que não contar com eles?”

“Porque você não tem como saber. Não há garantias. Odeio ter de dizer isso, mas você não é a única pessoa na competição. Outra pessoa *poderia* vencer. Você *poderia* perder. É possível.”

Ela pensou nisso por um instante e então balançou a cabeça. “Não. Não é possível. Então...” Ela levantou os braços e abriu um enorme sorriso. “Por que esperar para me sentir ótima? Comemore agora, esse é meu lema.” Ela se aconchegou perto de mim. “Qual é o seu lema, garotão?”

“Não conte com os pintinhos antes da hora.”

Ela estremeceu, jocosa. “Uuuu. Você é tão pessimista, Leo! Qual é o seu lema, senhor McShane?”

“Dirija com cuidado”, ele disse. “Você pode ter uma vencedora no carro.”

Isso a fez gargalhar.

“Senhor McShane”, eu falei, “você não está ajudando.”

“Lamento”, ele mentiu.

Eu só olhei para ela. “Você estará em uma competição estadual. Não está nem um pouco nervosa?”

O sorriso desapareceu. “Sim, estou. Estou muito nervosa. Só espero que as coisas não saiam do controle quando voltarmos para a escola. Nunca fui adorada por multidões antes. Não estou certa de como vou reagir. Espero que não fique com o nariz empinado. Você acha que sou do tipo que fica com o nariz empinado, senhor McShane?”

Levantei minha mão. “Posso responder isso?”

“Acho que não tem nada de errado com seu nariz”, disse o professor.

Ela me cutucou com o cotovelo. “Ouvii isso, seu sabichão?” Ela fez sua expressão de convencida, que rapidamente desapareceu quando jogou os braços para cima e gritou: “Eles vão me amar!”.

O sr. McShane balançou a cabeça e ri. Desisti em silêncio.

Ela apontou para fora. “Vêja, até o deserto está comemorando.”

Parecia ser verdade. Os cactos e os arbustos normalmente monótonos estavam repletos de cores de abril, como se um grande pintor tivesse passado pelo cenário com um pincel, pintando de amarelo aqui e vermelho ali.

Susan lutava contra o cinto de segurança. “Senhor McShane, podemos parar aqui, só por um minuto? Por favor?” Quando o professor hesitou, ela acrescentou: “Você disse que é meu dia. Tenho direito ao que eu quiser”.

O carro seguiu até uma parada no acostamento de cascalho. Em um instante ela havia saído e corria pelo deserto. Ela pulou, girou e deu cambalhotas entre as plantas espinhosas nativas. Cumprimentou uma iúca, dançou com um saguaro.

Arrancou uma florção vermelha de um cacto barril e prendeu-a no cabelo. Praticou sorrir, assentir com a cabeça e acenar – com uma mão, com duas mãos – para a multidão apaixonada no retorno da heroína. Ela arrancou um espinho de um cacto e, com um gesto teatral de um palhaço de circo, fingiu palitar os dentes com ele.

O sr. McShane e eu estávamos encostados no carro, rindo, quando de repente ela parou, inclinou a cabeça e olhou em outra direção. Ela ficou assim, imóvel, por quase dois minutos e, então, abruptamente se virou e voltou para o carro.

Seu rosto estava pensativo. “Senhor McShane”, ela disse enquanto o professor acelerava, “você conhece algum pássaro extinto?”

“Pombo-viajante”, ele disse. “Esse é provavelmente o mais conhecido. Dizem que costumava haver tantos deles que eles escureciam o céu quando passavam voando. E tem a moa.”

“Moa?”

“Um pássaro enorme.”

“Como um condor?”, perguntei.

Ele riu. “Um condor não bateria no joelho de uma moa. Elas fariam um avestruz parecer pequeno. Tinham três metros e meio, quatro metros de altura. Talvez o maior pássaro que já existiu. Não conseguiam voar. Viviam na Nova Zelândia. Foram extintas centenas de anos atrás. Mortas por pessoas.”

“Que tinham metade do seu tamanho”, disse Susan.

O sr. McShane assentiu com a cabeça. “Mmm. Escrevi um estudo sobre moas quando estava na escola. Achava-as fascinantes.”

Os olhos de Susan estavam brilhando. “As moas cantavam?”

O professor pensou a respeito. “Não sei. Não sei se alguém sabe.”

Susan olhou pela janela para o deserto que passava. “Eu ouvi um tordo lá atrás. E ele me fez pensar em algo que Archie disse.”

“O senhor Brubaker?”, perguntou o sr. McShane.

“Sim. Ele disse que acreditava que tordos podem fazer mais do que imitar outros pássaros. Digo, outros pássaros vivos. Ele acha que eles também podem imitar os sons de pássaros que não existem mais. Acha que os sons de pássaros extintos são passados ao longo dos anos de tordo para tordo.”

“É uma ideia interessante”, disse o sr. McShane.

“Ele diz que quando um tordo canta é como se ele estivesse jogando fósseis no ar. E que ninguém sabe que canções de criaturas antigas podemos estar ouvindo por aí.”

As palavras de Archie Brubaker pairaram no silêncio do carro. Como se lesse meus pensamentos, o sr. McShane desligou o ar-condicionado e baixou as janelas. Cabelos voaram em um cheiro fraco e esfumaçado de algarobeira.

Depois de algum tempo, senti o toque da mão de Susan. Os dedos dela se entrelaçaram nos meus.

“Senhor McShane”, ela falou suavemente, “estamos dando as mãos no banco traseiro.”

“Ah não!”, ele disse. “Adolescentes cheios de hormônio.”

“Você não acha que ele é lindo, senhor McShane?”

“Nunca parei para pensar nisso”, disse o professor.

“Bem, veja”, ela disse segurando meu rosto e puxando para a frente. O professor me fitou brevemente no espelho retrovisor.

“Você está certa. Ele é bonito.”

Susan soltou meu rosto que estava ficando vermelho. “Viu? Ele não é simplesmente apaixonante?”

“Eu não iria tão longe.”

Um minuto mais tarde: “Senhor McShane...” Agora senti algo em meu ouvido. “Estou colocando meu dedo no ouvido dele...”

Esse tipo de besteira continuou até contornarmos uma chapada e vermos uma névoa marrom no horizonte que anunciava nossa chegada à cidade de Phoenix.

Os pais dela nos encontraram na entrada do hotel onde Susan, o sr. McShane e eu tínhamos um quarto cada um para passar a noite. Depois de fazer o *check-in*, nós cinco almoçamos no bufê do restaurante do hotel. Então, observamos Susan entrar em um ônibus que a levaria com dezoito outros competidores para a Escola de Ensino Médio Phoenix West. Havia trinta e oito competidores; dezenove deles já haviam se apresentado naquela manhã.

Até o final da tarde, seriam escolhidos dez finalistas. A final aconteceria naquela noite.

Para ser franco, nenhum de nós ficou surpreso quando Susan passou para a etapa seguinte. Ela era incrivelmente boa. A surpresa foi que seu discurso era novo. Não foi o discurso que ela apresentou na escola de Mica. Não foi o discurso que ela vinha praticando por semanas na minha frente e na de Peter Sinkowitz e alguns saguaros. Não foi o que eu tinha ouvido no dia anterior.

Mas era incrível.

Havia alguns elementos do discurso antigo nele, e muitos elementos tão recentes quanto aquela manhã. Como uma borboleta, suas palavras fluíam de imagem para imagem. Ela saltava de um passado distante (Barney, crânio de roedor do paleoceno do Archie) para o presente (Canela), até o futuro distante (a morte do sol). Do mais comum (o velho que cochilava em um banco no Tudor Village) até o mais extraordinário (uma galáxia recém-descoberta, a noventa por cento do caminho até o final do universo). Ela comentou sobre caminhões prateados de comida e marcas famosas de roupa e lugares encantados, e quando disse que seu melhor amigo ofereceu ao seu rato de estimação uma volta em seu ombro, meus olhos se encheram de lágrimas. Era uma mistura, uma confusão, e de alguma forma ela juntou tudo isso, de algum modo ela teceu uma narrativa de cada coisa diferente até chegar à voz de um tordo solitário cantando no deserto. Ela chamou seu discurso de *Talvez eu tenha ouvido uma moa*.

O auditório estava meio cheio, principalmente com pequenos grupos de alunos e pais de escolas concorrentes. Depois que um competidor terminava, seus torcedores assobiavam e gritavam, como se fazer isso fosse influenciar os jurados. O resto era aplauso contido.

Quando Susan terminou, nós quatro conseguimos uma torcida modesta, mas foi só isso. Sem assobios ou gritaria. Acho que nós éramos mais tímidos do que a

própria apresentadora do discurso.

De volta ao hotel, o sr. McShane e eu a cercamos, se é que dá para cercar alguém com duas pessoas. Seus pais eram mais reservados. Eles estavam cheios de sorrisos e “parabéns”, mas não pareciam estar mais surpresos com o sucesso de Susan do que ela mesma.

Quando os adultos partiram para a loja de suvenires, eu a tive só para mim. Eu disse: “De onde *aquilo* veio?”.

Ela sorriu. “Você gostou?”

“Claro, mas não é o que estive ouvindo no último mês. O que você estava fazendo, praticando um discurso secreto à parte?”

O sorriso aumentou. “Não. Essa foi a primeira vez que eu o ouvi também.”

Olhei para ela. Aos poucos, absorvi suas palavras. “Deixa eu ver se entendi. Você está dizendo que inventou isso hoje de manhã?”

“Estou dizendo que nem mesmo inventei. Estava tudo lá. Tudo que fiz foi abrir a boca e deixei fluir.” Ela esticou ambas as mãos para mim e estalou os dedos. “Presto!”

Olhei boquiaberto para ela. “O que você vai dizer de noite?”

Ela abriu os braços e disse: “Quem sabe?”.

* * *

Nós cinco jantamos mais cedo no restaurante do hotel. Depois, esperamos na entrada enquanto Susan trocava de roupa. Ela saiu do elevador vestindo um terninho cor de pêssego. Desfilou para nós pelo *lobby* como uma modelo. Sentou-se no colo da mãe e disse: “Minha costureira pessoal fez para mim.” Aplaudimos um pouco e nos despedimos no ônibus.

O show da noite era aberto para o público, e o auditório estava lotado. As pessoas estavam em pé na parte de trás. Na frente, uma orquestra do ensino médio tocava músicas inspiradoras de John Philip Sousa. Os dez competidores estavam sentados no palco. Sete eram garotos. Todos os concorrentes pareciam taciturnos e nervosos, duros como manequins, exceto Susan, que estava cochichando com o garoto sentado perto dela. Ele assentia com a cabeça de vez em quando, mas mantinha olhos e coluna em posição de alerta, e obviamente desejava que ela calasse a boca. Os pais de Susan riram, conhecendo seu comportamento, enquanto eu tentava disfarçar uma ponta de ciúme.

Um por um os competidores fizeram a longa caminhada para o centro do palco para fazer seus discursos. O aplauso foi igualmente vigoroso para todos. Uma garota do ensino fundamental, em um vestido branco de babados, ofereceu a cada concorrente um buquê de rosas, amarelas para as garotas, vermelhas para os garotos. Enquanto as garotas cuidavam de suas rosas, os garotos olhavam para elas como se fossem granadas de mão.

Susan foi a penúltima a se apresentar. Quando seu nome foi chamado, ela saltou da cadeira e praticamente correu para o microfone. Fez uma ágil pirueta, uma reverência, acenou como se fosse um limpa-vidro e disse “oi”. Acostumados a competidores rígidos e envergonhados, a audiência respondeu com risos contidos. Eles não sabiam o que fazer diante dessa adolescente não convencional, assim como nós no primeiro dia de aula. Muitas pessoas mais corajosas disseram “oi” e acenaram de volta.

Ela não começou, pelo menos não no sentido típico da palavra. Não houve um preâmbulo ressonante. Ela simplesmente ficou lá confortavelmente, conversando como se estivéssemos todos em cadeiras de balanço em sua varanda. Sussurros ecoaram até o teto; as pessoas estavam esperando que ela começasse. Os sussurros se calaram quando as pessoas se deram conta de que era isso mesmo, e que estavam perdendo a apresentação. O silêncio que caiu sobre o auditório então foi absoluto. Eu estava mais em sintonia com o público do que com a apresentadora, e nos últimos cinco minutos da sua apresentação não ouvi ninguém respirando. Quando ela terminou com uma voz tão baixa que era quase um sussurro – “Vocês conseguem ouvir isso?” –, e se inclinou com a mão em concha no ouvido, mil e quinhentas pessoas pareceram se inclinar para a frente, se esforçando para ouvir. Houve dez segundos de calma absoluta. E então ela se virou abruptamente e voltou para sua cadeira. Ainda assim, não houve reação. O que está acontecendo? Eu me perguntei. Ela se sentou em sua cadeira, as mãos dobradas cuidadosamente no colo. E então veio, de súbito, uma explosão, como se todos tivessem acordado de uma vez só. Estávamos todos em pé, aplaudindo, gritando e assobiando. Percebi que estava soluçando. A comemoração era tão vibrante quanto a da multidão em um jogo de final de basquete.

Ela ganhou. Assim como já havia dito.

O disco prateado que deram a ela brilhava como uma estrela em uma galáxia de câmeras com flash. Duas equipes de TV a banharam em luz e a entrevistaram nos bastidores. Desconhecidos a cercaram, cidadãos de Phoenix se derramavam em elogios, dizendo que assistiam o concurso há anos e nunca tinham visto algo parecido. Crianças empurravam folhetos na sua cara para pedir autógrafos. Todos os pais queriam que ela fosse sua filha, todos os professores queriam que ela fosse sua aluna.

Ela estava tão feliz e orgulhosa. Ela deu um pequeno grito quando nos viu. Abraçou um de cada vez, e eu achei que ela fosse me esmagar até eu perder o ar.

De volta ao hotel, todos pareciam saber: o porteiro, o gerente na mesa, o pessoal do *lobby* e do elevador. Subitamente, ela tinha esse poder mágico e incrível: quem pousasse os olhos nela sorria. E a língua inglesa se reduziu a uma única palavra, repetida várias vezes: “Parabéns!”

Andamos – flutuamos – em torno do quarteirão para queimar o excesso de energia. De volta ao hotel, fomos convidados para a boate, embora eu e Susan fôssemos menores. Bebemos Ginger Ale, pedimos bolinhos de jalapeño, e todos dançamos ouvindo uma banda de country e western, enquanto o rosto de Susan irradiava no jornal da televisão acima do bar. Ela só não levou seu disco prateado para a pista de dança.

Assim que acordei na manhã seguinte lá estava ela, deslizando algo sob a porta do meu quarto: sua foto na primeira página do *Arizona Republic*. Eu me sentei na borda da cama e olhei fixamente para ela, enchendo-me de orgulho. Li o texto. O artigo chamava sua apresentação de “fascinante, hipnótica, misteriosamente tocante”. Imaginei jornais matutinos dobrados jogados de carros, caindo em entradas de garagem de toda a Mica.

Nós nos encontramos para o bufê de café da manhã. As pessoas do outro lado do restaurante encaravam, assentiam com a cabeça e sorriam, diziam em voz baixa “Parabéns”. Voltamos para casa em uma caravana de dois carros.

Por um tempo, Susan estava tagarelando como sempre. Ela colocou o disco prateado no banco da frente ao lado do sr. McShane. Disse a ele que o disco o acompanharia por dez minutos inteiros, e ele poderia tocá-lo quanto quisesse.

Essa era sua recompensa por contar a ela sobre as moas. Assim que os dez minutos se passaram, ela pegou o disco de volta.

Conforme nos aproximávamos da cidade, o papo diminuiu e finalmente parou. Percorremos os últimos quilômetros em silêncio. Ela pegou na minha mão. Quanto mais nos aproximávamos, mais forte apertava. Quando chegamos aos arredores da cidade, ela se virou para mim e disse: “Estou bem?”.

Eu disse que ela estava ótima.

Ela não pareceu acreditar em mim. Segurou o disco prateado e estudou o seu reflexo.

Virou-se para mim novamente e olhou por algum tempo antes de falar. “Eu estive pensando. Vamos fazer assim. Eu mesma vou segurar o disco, ok?”

Fiz que sim com a cabeça.

“Até... até eles me erguerem em seus ombros. Então eu passo ele para você. Entendido?”

Assenti.

“Então fique perto de mim. Cada segundo. Multidões podem separar você de alguém, sabe. Elas fazem isso. Ok?”

Assenti. “Certo.”

A mão dela estava quente e suada.

Passamos por um homem na entrada de sua garagem. Ele estava mergulhando um pincel grande e parecido com uma vassoura em um balde, e pintando o asfalto com selador preto. Estava totalmente focado no seu trabalho sob o sol de meio-dia, e de algum modo eu soube naquele momento o que ia acontecer. Eu podia ver. Eu queria gritar para o sr. McShane: “Não, não vire a esquina! Não vá pra lá!”.

Mas ele virou. Ele contornou a esquina e lá estava a escola na nossa frente, e nunca na minha vida vi um lugar tão vazio. Sem cartazes, pessoas ou carros.

“Provavelmente estão do outro lado”, disse o sr. McShane. Sua voz estava rouca. “No estacionamento.”

Contornamos até chegar ao estacionamento e, sim, havia um carro, e outro carro. E pessoas, três delas, protegendo seus olhos contra o sol, nos observando. Duas delas eram professores. A terceira era uma aluna, Dori Dilson. Ela estava separada dos professores, sozinha em um mar preto e brilhante de asfalto. Quando nos aproximamos, ela levantou um cartaz, um enorme papelão maior do que uma tabela de basquete. Ela segurou a borda do cartaz e o ergueu, escondendo-se atrás dele. As letras pintadas em vermelho diziam:

MUITO BEM, SUSAN
ESTAMOS ORGULHOSOS DE VOCÊ

O carro parou na frente do cartaz. Tudo o que sobrava de Dori Dilson eram dois conjuntos de dedos que seguravam as laterais do cartaz. Estávamos próximos o suficiente agora para ver que o cartaz tremia, e eu sabia que atrás dele Dori chorava. Não havia confete nem cornetas. Ninguém comemorava, nem mesmo um tordo.

Enquanto estacionávamos, atônitos e em silêncio, em frente ao cartaz de Dori Dilson, os pais de Susan vieram e a levaram do carro do sr. McShane. Como em todo o resto, eles não pareciam estar particularmente surpresos ou emocionados com o que estava acontecendo. Susan parecia estar em transe. Ela estava sentada do meu lado, olhando sem expressão para o cartaz através do para-brisa. Sua mão não estava mais segurando a minha. Lutei para encontrar as palavras, mas não consegui. Quando os pais dela vieram, ela se deixou ser levada para longe. Quando saiu do carro, o disco prateado deslizou de seu colo e soou como um sino morrendo contra o asfalto. Seu pai o pegou. Pensei que ele o levaria, mas em vez disso ele se inclinou na direção do assento de trás, onde eu estava, e com um sorriso estranho entregou-o para mim.

Ela não a vi pelo resto do final de semana. Na segunda-feira, ela era Estrela novamente. Saía até o chão. Fitas no cabelo. Simples assim.

Ela foi de mesa em mesa no almoço, distribuindo biscoitos com carinhas felizes. Deu um até para Hillari Kimble. Hillari tirou o sapato e usou-o como um martelo para esmagar o biscoito em sua mesa. Estrela passeou entre nós dedilhando seu ukulele, perguntando se alguém tinha um pedido de música. Canela estava montado em seu ombro. Ele estava amarrado a um minúsculo ukulele de brinquedo. Ela fez sua voz ficar esganiçada e evitou mover os lábios, e foi como se o Canela estivesse cantando uma serenata com ela. Dori Dilson, abençoada seja, levantou-se e aplaudiu. Ela foi a única. Eu estava atônito demais para me juntar a ela. E covarde demais. E com raiva demais. Além disso, não queria mostrar aprovação por seu retorno à Estrela. A maioria dos alunos nem olhava, não parecia nem estar escutando. Quando o sinal tocou, olhei para trás ao sairmos do refeitório. As mesas estavam cheias de biscoitos.

Andando com ela depois da aula naquele dia, eu disse: “Pelo visto você está desistindo, não?”

Ela olhou para mim. “Desistindo? De quê?”

“De ser popular. De ser...” Como eu poderia dizer isso?

Ela sorriu. “Normal?”

Dei de ombros.

“Sim”, ela disse firmemente.

“Sim?”

“Estou respondendo à sua pergunta. A resposta é sim. Estou desistindo de tentar ser popular e normal.” Seu rosto e linguagem corporal não pareciam estar alinhados com suas palavras. Ela parecia vibrante, feliz. Assim como Canela, empoleirado em seu ombro.

“Não acha que talvez devesse recuar um pouco?”, eu disse. “Não se esforçar tanto?”

Ela sorriu para mim. Ela esticou a mão e deslizou a ponta do dedo em meu nariz. “Por que vivemos em um mundo *deles*, certo? Você me disse isso uma vez.”

Olhamos fixamente um para o outro. Ela me beijou na bochecha e saiu andando. Depois se virou e disse: “Eu sei que você não vai me convidar para o Baile do Ocotillo. Está tudo bem.” Ela me deu seu sorriso de infinita bondade e compreensão, o sorriso que já a vira direcionar a tantas almas necessitadas, e naquele momento a odiei.

Naquela mesma noite, como se tivesse um papel a cumprir, Kevin me ligou e perguntou: “Então, quem você vai levar ao Baile do Ocotillo?”

Eu me esquivei. “Quem *você* vai levar?”

“Eu não sei”, ele disse.

“Eu não sei também.”

Houve uma pausa do outro lado do telefone. “Não vai ser a Estrela?”

“Não necessariamente”, eu disse.

“Está tentando me dizer algo?”

“O que eu teria para dizer?”

“Achei que vocês fossem um casal. Achei que não havia dúvidas sobre isso.”

“Então por que está me perguntando?”, eu disse e desliguei.

Na cama naquela noite, fiquei cada vez mais desconfortável conforme o luar avançava pelo meu lençol. Fiz algo que nunca tinha feito antes. Baixei a veneziana. Nos meus sonhos, o velho no banco do shopping levantava a cabeça tremendo e dizia em voz rouca: “Como ousa me perdoar?”.

Na manhã seguinte havia um novo item no papa-léguas de madeira, uma folha de papel em branco. No topo dizia:

Assine seu nome aqui para se juntar
ao novo grupo musical, os
UKÉE DOOKS.

Não é necessário ter experiência.

Tinha duas colunas numeradas para nomes, quarenta no total. No final do dia, todos os quarenta tinham sido preenchidos, com nomes como Minnie Mouse, Darth Vader e Monstro do Pântano. O nome do diretor estava lá também. E Wayne Parr. E Dori Dilson.

“Você viu?”, disse Kevin. “Alguém escreveu o nome do Parr.”

Estávamos na sala de controle do estúdio. Era maio, e nossas edições do Cadeira Elétrica naquele ano já haviam acabado, mas alguns dias ainda gravitávamos para o estúdio depois da aula.

“Eu vi”, eu disse.

Ele parou em frente a um monitor em branco e estudou seu reflexo. “Então, eu não vi seu nome na lista.”

“Não.”

“Você não quer ser um Ukee Dooks?”

“Aparentemente não.”

Nós mexemos com o equipamento por um tempo. Kevin saiu para o palco. Ele virou uma chave. Sua boca se moveu, mas não consegui ouvir. Eu estava segurando a almofada do *headphone* contra minha orelha. Sua voz parecia vir de outro mundo. “Ela está ficando apatetada de novo, não é? Pior do que nunca.”

Eu o encarei pelo vidro. Tirei o fone de ouvido e saí.

Entendi o que ele estava fazendo. Ele tinha decidido que agora não havia problema em falar mal da Estrela. A permissão para isso deve ter vindo do meu comportamento. Aparentemente a primeira pessoa a captar a mudança em mim foi a própria Estrela. Eu ainda sentia a ferroada de seu comentário sobre o Baile do Ocotillo.

Será que eu era tão óbvio?

Salas de aula, corredores, pátio, refeitório – a todo lugar que eu ia, ela estava sendo mal falada, zombada, caluniada. Sua tentativa de se tornar popular, de ser mais parecida com eles, tinha sido um fracasso retumbante. Se teve algum efeito, foi eles passarem a detestá-la ainda mais. E eles eram bem mais abertos sobre isso perto de mim. Ou será que eu estava só prestando mais atenção?

Elee e Dori Dilon, os únicos Ukee Dooks, fizeram um dueto no pátio um dia depois da escola. Estrela tocou o ukulele e ambas cantaram “Blue Hawaii”. Elas obviamente andavam praticando. Tocaram muito bem. Elas também foram ignoradas. No final da canção, eram as únicas no pátio.

No dia seguinte, estavam lá novamente. Dessa vez usavam sombreiros. Cantaram canções mexicanas. “Cielito Lindo”, “Vaya Con Dios”, “My Darling”. Fiquei dentro da escola. Estava com medo de passar andando por elas, como se não estivessem lá. Também estava com medo de ficar e escutar. Espiei por uma janela. Estrela estava fazendo sua melhor imitação de flamenco; o bater de castanholas ecoou pelo vidro.

Alunos passaram por perto, a maioria nem mesmo olhou de relance na direção dela. Eu vi Wayne Parr e Hillari Kimble passarem, Hillari rindo alto. E Kevin. E os caras do basquete. Percebi ali que a rejeição nunca iria terminar. E

eu sabia o que deveria fazer. Eu deveria ir lá, parar na frente delas e aplaudir. Deveria mostrar a Estrela e ao mundo que eu não era como eles, que eu dava valor a ela, que eu a apreciava tanto quanto a sua insistência em ser ela mesma.

Mas fiquei do lado de dentro. Esperei até o último dos alunos deixar o pátio, e Estrela e Dori se apresentarem para ninguém. Para minha surpresa, elas prosseguiram. Era doloroso demais assistir. Saí da escola por outra porta.

Como Estrela tinha previsto, eu não a convidei para o Baile do Ocotillo. Eu não convidei ninguém. Eu não fui.

Ela foi.

O baile aconteceu em um sábado à noite, no final de maio, nas quadras de tênis do Country Club de Mica. Quando o pôr do sol se reduziu a uma brasa fraca de fogo no oeste e a lua subiu no leste, saí com minha bicicleta. Passei perto do clube. Enfeitado com lanternas cantonesas, de longe o baile parecia um navio de cruzeiro no mar.

Não dava para identificar indivíduos, só formas coloridas. A maior parte delas era azul-claro. Um dia depois de Wayne Parr declarar que havia escolhido azul-claro para seu casaco de smoking, três quartos dos garotos pediram o mesmo na Tuxedo Junction.

Indo e vindo, passei pela noite além das luzes.

A música chegava aos meus ouvidos como pios randômicos. As flores do deserto, tão abundantes em abril, estavam morrendo agora. Eu tinha a ideia de que elas estavam chamando umas pelas outras.

Rodei por horas. A lua subiu no céu como um balão perdido. Em algum lugar nas sombras do Maricopas, um coiote uivou.

Nos dias, nas semanas e nos anos que se seguiram, todos concordaram: nunca tinham visto nada parecido.

Ela chegou em um carro lateral de bicicleta. O carro lateral tinha apenas uma roda externa, e era grande o suficiente apenas para ela se sentar. O lado interno estava apoiado na bicicleta. Tudo, exceto o assento da bicicleta e o do carro lateral, estava coberto de flores. Um lençol de três metros de flores era arrastado pelo para-choque traseiro como a cauda de um vestido de noiva. Folhagens de palmeira decoravam o guidão. Parecia um carro alegórico da Rose Parade. Dori Dilson pedalava a bicicleta.

As testemunhas mais tarde completaram com o que eu não podia ver: os flashes das câmeras dos pais, luzes de faróis criando um segundo dia com lindos casais que desembarcavam de limusines e conversíveis emprestados, andando até as quadras da festa. Chuvas de aplausos. De repente, os flashes param, os faróis escurecem, um silêncio cai sobre a multidão. Enquanto uma limusine branca

particularmente longa desliza para fora da entrada, eis que chega um buquê de três rodas.

A motorista Dori Dilson veste um smoking de cauda branco e chapéu alto de seda, mas é sua passageira que prende a atenção da multidão. Seu vestido sem alças é de um amarelo rico e vibrante, como se fosse extraído de margaridas. Provavelmente possui um daqueles mecanismos de argolas por baixo, porque a saia ondulava para fora a partir de sua cintura como uma xícara de chá de cabeça para baixo. Seu cabelo está incrível. As descrições variam. Alguns dizem que é cor de mel, outro que é de morangos. Ele se agrupa de um jeito fofo como um merengue alto em cima de sua cabeça. É uma peruca. Não, é tudo dela. Ambos os lados têm certeza.

Brincos balançam. Eles são pequenas coisinhas de prata. Mas com que formato? Estão parcialmente ocultos pelos cachos que caem. Muitas respostas são oferecidas. A mais popular é de peças do jogo Banco Imobiliário, mas isso provaria ser uma teoria equivocada.

Em um cordão de couro em torno de seu pescoço está pendurado um fóssil branco em formato de banana, de dois centímetros e meio, identificando-a como um membro em boa situação da Ordem Leal do Osso de Pedra.

Enquanto os outros usam orquídeas, o ramo de flores em seu punho é um pequeno girassol. Ou uma Susan enorme de olhos pretos. Ou algum tipo de margarida. Ninguém sabe ao certo, exceto pelas cores, que são amarelo e preto.

Antes de seguir adiante, ela volta para a bicicleta e inclina-se sobre uma pequena cesta pendurada no guidão. A cesta também está coberta com flores. Ela parece beijar algo nela. Ela então acena para Dori Dilson, Dori faz uma saudação, e a bicicleta é levada embora. As pessoas veem de relance minúsculas orelhas cor de canela e dois olhos de pimenta olhando de dentro da cesta.

“Lindo.”

“Incomum.”

“Interessante.”

“Diferente.”

“Majestoso.”

Essas palavras virão mais tarde dos pais que preenchem a calçada. Agora há somente olhares fixos enquanto ela faz sua entrada no baile. Alguém se lembra de uma única câmera pipocando seu flash, mas só. Ela não é a filha de ninguém. Ela é a garota da qual ouviram falar. Quando ela passa por eles, não faz nenhuma tentativa de evitar seus olhares. Pelo contrário, ela olha diretamente para eles, virando-se para um lado, depois para o outro, olhando em seus olhos e sorrindo como se os conhecesse, como se tivessem compartilhado coisas especiais e incríveis. Alguns desviam o olhar, desconfortáveis, sem saber exatamente por quê; outros se sentem subitamente vazios quando os olhos dela deixam os seus. Ela é

tão fascinante e completa que desaparece antes que muitos se deem conta de que não tinha acompanhante, de que estava sozinha, num desfile de uma pessoa só.

Montado em minha bicicleta lá longe, lembro-me de olhar para cima e ver a torrente de estrelas que chamamos via-láctea. Eu me lembro de me perguntar se ela conseguia vê-las também, ou se estavam perdidas na luz das lanternas?

A dança aconteceu na quadra central de tênis, que fora coberta por um piso portátil de parquet. Ela fez o que todos os outros estavam fazendo no baile: ela dançou. Ela dançou ouvindo a música do Guy Greco e os Seresteiros, ela dançou as músicas lentas e as mais animadas. Ela abriu seus braços completamente e jogou a cabeça para trás e fechou seus olhos, e passou a impressão de estar aproveitando totalmente o momento. Eles não falaram com ela, é claro, mas não conseguiam evitar olhar para ela sobre os ombros de seus pares. Ela batia palmas no final de cada música.

Ela está sozinha, eles ficavam dizendo, e certamente ela não dançava nos braços de ninguém, mas de algum modo isso parecia ser cada vez menos importante. Conforme a noite seguiu, o clarinete e o chamado do coioite se misturaram além da luz das lanternas, a mágica de seus próprios ternos azul-claros e das orquídeas pareceu se desgastar, e eles se deram conta lentamente de que estavam mais sozinhos do que ela.

Quem foi o primeiro a perder o controle? Ninguém sabe. Alguém encostou nela na mesa de ponche? Arrancou uma pétala de sua flor? (Estava faltando uma.) Sussurrou “Oi”? Isso é certo: um garoto chamado Raymond Studemacher dançou com ela.

Para o corpo estudantil como um todo, Raymond Studemacher não tinha conteúdo suficiente para acionar uma porta automática de supermercado. Ele não pertencia a nenhum time ou organização. Ele não participava de nenhuma atividade escolar. Suas notas eram medianas. Suas roupas eram comuns. Seu rosto era comum. Ele não tinha nenhuma personalidade identificável. Magro como um palito, parecia não ter força suficiente para carregar o próprio nome. De fato, quando todos os olhos se voltaram para ele no salão de dança, os poucos que conseguiram lembrar um nome franziram o rosto fitando seu casaco branco e sussurraram: “Raymond Alguma Coisa”.

Apesar disso tudo, lá estava ele, Raymond Alguma Coisa, aproximando-se dela – depois foi dito que seu par tinha sugerido isso –, e falando com ela, e então eles estavam dançando. Os casais se movimentaram para olhar mais de perto. No final da música, ele a acompanhou nos aplausos e voltou ao seu par. Ele disse para ela que seus brincos prateados pareciam pequenos caminhões.

A tensão subiu. Os garotos ficaram nervosos. As garotas mexiam em seus vestidos. O gelo se quebrou. Vários garotos se separaram de seus pares. Eles estavam indo na direção dela quando ela chegou em Guy Greco e disse algo para ele. Guy Greco voltou-se para os Seresteiros, a batuta brilhou, e vieram os sons daquela tradicional música de dança adolescente: o “pulo do coelho”. Em segundos, uma longa fila estava serpenteando pelo salão. Estrela liderava o caminho. E, de repente, era dezembro de novo, e Estrela tinha a escola sob seu encanto.

Quase todos os casais se juntaram. Hillari Kimble e Wayne Parr se recusaram.

A fila se curvava de um lado para o outro nas quadras de tênis sem rede. Estrela começou a improvisar. Ela esticou os braços para uma multidão imaginária, como se fosse uma celebridade em um desfile. Balançou os dedos em direção às estrelas. Moveu os punhos como uma bateadeira. Toda ação ecoava pela fila atrás dela. Os três pulinhos do coelho se tornaram três pavoneios de uma dança vaudeville. E então virou um andar desengonçado de pinguim. Em seguida, um passinho na ponta dos pés. Cada novo movimento despertava novas risadas na fila.

Quando Guy Greco terminou a música, uivos de protesto surgiram em resposta. Ele recomeçou a batida.

Com pequenos gritos de deleite, Estrela tirou-os da pista de dança de parquet e os levou para outras quadras. E depois através da cerca telada e completamente para fora das quadras de tênis. Cravos vermelhos e arranjos de flores presos em punhos pipocavam conforme a fila se dirigia ao campo de treino de golfe. A linha traçou um caminho em torno dos buracos, entrando e saindo das piscinas de luz das lanternas. Da pista de dança, aquilo parecia ser mais do que era: cem casais, duas centenas de pessoas, quatro centenas de pernas dançantes que pareciam ser uma única criatura florida e festiva, um miriópode fabuloso. E então havia cada vez menos para ver conforme a cabeça sumia e o resto se enrolava pela margem da luz e a seguia, como o rabo de um dragão azul-claro, para a escuridão.

Uma garota em *chiffon* teve uma discussão com seu par e correu na direção do primeiro *tee*, gritando: “Esperem por mim!”. Ela parecia uma enorme mariposa verde-hortelã.

Suas vozes vinham claramente do campo de golfe. As risadas e os pequenos gritos faziam um contraponto divertido ao metrônomo toc-toc-toc dos saltos intermináveis do coelho. Uma vez, na luz da lua crescente, a silhueta deles apareceu em um campo abobadado distante, como imagens que dançavam no sonho de alguém.

E então, meio que abruptamente, tinham desaparecido, como se o sonhador tivesse acordado. Nada para ver, nada para ouvir. Alguém gritou “Ei!” na direção deles, mas isso foi tudo.

De acordo com aqueles que ficaram para trás, era como esperar por um mergulhador voltar à superfície. Hillari Kimble não compartilhava dessa sensação. “Eu vim aqui para dançar”, declarou. Ela puxou Wayne Parr para o coreto e exigiu uma “música normal”.

Guy Greco inclinou a cabeça para escutar, mas a batuta não parou, nem a banda.

De fato, à medida que os minutos passavam, a música parecia ficar mais alta. Talvez fosse uma ilusão. Talvez a banda sentisse uma conexão com os dançarinos. Talvez quanto mais longe a fila traçasse seu caminho pela noite, mais alto a banda tivesse que tocar. Talvez a música fosse a corrente. Ou a linha de uma pipa.

Hillari Kimble arrastou Wayne Parr para o meio do assoalho. Eles dançaram devagar. Eles dançaram rápido. Eles até tentaram dançar um tradicional *jitterbug*. Nada funcionou. Nada combinava com a batida tripla de tambor além do próprio pulo do coelho. Pétalas caíram da orquídea de Hillari enquanto ela batia o punho no peito de Wayne Parr. “Faça alguma coisa!”, ela gritou. Ela arrancou tiras de chicletes do bolso dele. Mastigou-os furiosamente. Dividiu o chiclete mastigado e pressionou-o contra os ouvidos.

A banda continuou a tocar.

Depois de tudo, há muitas suposições de quanto tempo as pessoas que dançavam o “pulo do coelho” realmente demoraram para voltar. Todos concordaram que pareceram ser horas. Os alunos estavam em pé sob a última fileira de lanternas, seus dedos curvados sobre o arame coberto de plástico da cerca, fitando a vasta escuridão, esforçando-se para ter um vislumbre, ouvir um fiapo de som. Tudo o que ouviram foi o chamado do coite. Um garoto correu loucamente pela escuridão; ele saltitou de volta rindo, seu casaco azul sobre o ombro. Uma garota com purpurina no cabelo tremeu. Seus ombros nus estremeciam como se estivesse com frio. Ela começou a chorar.

Hillari Kimble espreitava pela grade, apertando e soltando os punhos. Parecia que ela não conseguia ficar parada.

Quando finalmente gritaram – “Eles estão de volta!” –, foi um observador solitário na ponta. Uma centena de garotos – só a Hillari Kimble ficou para trás – virou-se e correu pelas oito quadras de tênis, saias de tom pastel oscilavam como uma debandada de flamingos. A cerca foi entortada para fora quando todos bateram nela. Eles se esforçaram para ver. A luz mal chegava à terra incrustada além da cerca. Aquele era o lado do deserto.

“Onde?... Onde?”

E então dava para ouvir: comemorações e gritos lá fora, em algum lugar, lutando com a música. E então – *lá!* – um flash de amarelo, Estrela saltando das sombras. Os outros seguiram para fora da escuridão, um nascimento de várias cabeças, longo e azul-claro. Três pulos. Eles ainda estavam seguindo a batida da música. Na verdade, pareciam estar com mais energia do que antes. Estavam

renovados. Seus olhos brilhavam na luz das lanternas. Muitas das garotas tinham flores murchas e escuras no cabelo.

Estrela os liderava ao longo da parte de fora da cerca. Os que estavam na parte de dentro formaram a própria fila e pularam junto. Guy Greco ordenou a batida as três últimas vezes – pulo-pulo-pulo –, e as duas filas colidiram no portão em um frenesi de abraços, gritos e beijos.

Em seguida, quando os Seresteiros tocaram gratos “Stardust”, Hillari Kimble foi até Estrela e disse: “Você estraga tudo!”. E deu-lhe um tapa.

A multidão subitamente silenciou. As duas garotas ficaram em pé se encarando por um longo minuto. Aqueles mais próximos viram nos ombros e nos olhos de Hillari uma hesitação: ela estava esperando levar um tapa em resposta. E de fato, quando Estrela finalmente se moveu, Hillari se retraiu e fechou os olhos. No entanto, foram lábios que a tocaram, não a palma de uma mão. Estrela a beijou gentilmente na bochecha. Ela tinha sumido quando Hillari abriu os olhos.

Dori Dilson estava esperando. Estrela parecia flutuar pela calçada em seu vestido margarida. Ela subiu no carro lateral, a bicicleta florida partiu pela noite, e essa foi a última vez que qualquer um de nós a viu.

Isso aconteceu 15 anos atrás. Quinze Dias dos Namorados.

Eu me lembro do verão triste depois do Baile do Ocotillo tão claramente quanto de todo o resto. Um dia, sentindo-me carente, vazio, andei até a casa dela. Uma placa de “Vende-se” estava espetada na frente. Espiei por uma janela. Nada além de paredes e chão vazios.

Fui falar com Archie. Algo em seu sorriso me dizia que ele estava me esperando. Nós nos sentamos na varanda de trás. Tudo parecia familiar. Archie acendendo seu cachimbo. O deserto dourado no sol do fim da tarde. O Señor Saguario perdendo suas calças.

Nada havia mudado.

Tudo tinha mudado.

“Onde?”, perguntei.

Um canto de sua boca se abriu e um sopro sedoso de fumaça emergiu, parou como se quisesse ser admirado, e então deslizou para além da sua orelha. “Meio-oeste. Minnesota.”

“Eu chegarei a vê-la de novo?”

Ele deu de ombros. “País grande. Mundo pequeno. Quem sabe?”

“Ela nem terminou o ano escolar.”

“Não.”

“Simplesmente... desapareceu.”

“Aham.”

“Só se passaram semanas, mas parece um sonho. Será que ela esteve realmente aqui? Quem era ela? Ela era real?”

Ele olhou para mim por muito tempo, seu sorriso irônico, seus olhos brilhantes. E então balançou a cabeça como se estivesse saindo de um transe. Ele disse com a voz séria: “Ah, você estava esperando por uma resposta. Quais eram mesmo as perguntas?”

“Pare de dar uma de louco, Archie.”

Ele olhou em direção ao oeste. O sol estava derretendo como manteiga sobre o Maricopas. “Real? Ah, sim! O mais real que se pode ser. Nunca duvide disso. Essa é a boa notícia.” Ele apontou o cabo do cachimbo em minha direção. “É um bom nome. Estrela. Embora eu ache que ela tinha coisas mais simples em mente. Pessoas-estrela são raras. É pouco provável que você conheça outra.”

“Pessoas-estrela?”, eu disse. “Não estou conseguindo acompanhar.”

Ele riu. “Tudo bem. Eu também não consigo às vezes. É só o meu jeito esquisito de lidar com alguém que no fundo não entendo mais do que você.”

“Então, onde entram as estrelas?”

Ele apontou com o cabo do cachimbo. “A pergunta perfeita. No início, é aí que elas entram. Elas fornecem os ingredientes que nos formam, os elementos primordiais. Somos feitos de estrelas, certo?” Ele levantou o crânio de Barney, o roedor do paleoceno. “Barney também, hmmm?”

Assenti com a cabeça, deixando-me levar.

“E eu acho que de vez em quando chega alguém que é um pouco mais primitivo do que o resto de nós, que está um pouco mais próximo de nossas origens, mais em contato com as coisas das quais somos feitos.”

As palavras pareciam se encaixar com a descrição dela, mas eu não captava seu significado.

Ele viu o olhar de incompreensão em meu rosto e riu. Jogou Barney em minha direção. Olhou fixamente para mim. “Ela gostava de você, garoto.”

A intensidade em sua voz e olhar me fez piscar.

“Sim”, eu disse.

“Ela fez isso por você, sabia?”

“O quê?”

“Abriu mão de si mesma por um tempo. Ela amava você o suficiente para isso. Que garoto incrivelmente sortudo você foi.”

Eu não conseguia encará-lo. “Eu sei.”

Ele balançou a cabeça com tristeza melancólica. “Não, você não sabe. Você não teria como saber ainda. Talvez um dia...”

Eu sei que ele estava tentado a falar mais. Provavelmente para me dizer como eu tinha sido estúpido, covarde, que eu estraguei a melhor chance que jamais teria. Mas seu sorriso retornou, seus olhos pareciam amáveis novamente, e nada mais duro do que fumaça cor de cereja saiu de sua boca.

Continuei a participar das reuniões de sábado da Ordem Leal do Osso de Pedra. Não falamos sobre ela novamente até o verão seguinte, alguns dias antes de eu partir para a universidade. Archie tinha me pedido para vir.

Ele me levou para a parte de trás, mas dessa vez não para a varanda. Em vez disso, me conduziu para o depósito de ferramentas. Ele deslizou a tranca, abriu a porta e... aquilo não era um depósito de ferramentas afinal de contas. “Esse era o escritório dela”, ele disse, e gesticulou para que eu entrasse.

E lá estavam: todos os materiais das suas atividades que eu esperava ter visto em seu quarto, o “escritório” cuja localização ela se recusava a revelar. Eu vi

rolos de fita e papel de presente, pilhas de papel-cartão colorido, caixas de cartolina com recortes de jornal, aquarelas e latas de tinta, uma pilha amarela de listas telefônicas.

O mapa da cidade de Mica estava afixado em uma parede. Centenas de alfinetes de dezenas de cores diferentes cravejavam o mapa. Não havia indicação do que eles significavam. Um enorme calendário artesanal cobria a parede oposta. Ele tinha um quadrado para cada data do ano. Nomes estavam escritos a lápis nos quadrados. No alto do calendário tinha uma palavra: ANIVERSÁRIOS. Havia apenas um pingo de cor na coisa toda, um pequeno coração vermelho. Ele estava ao lado do meu nome.

Archie me passou um livro com cara de ser um grande álbum de família. O título escrito à mão dizia *O início da vida de Peter Sinkowitz*. Folheeí. Vi as fotos que ela havia tirado naquele dia. Peter discutindo com as garotinhas por causa do seu adorado carrinho em forma de banana.

“Devo esperar cinco anos, e então dá-lo para seus pais”, disse Archie.

Ele apontou para um arquivo no canto.

Ele tinha três gavetas. Eu abri uma. Havia dezenas de pastas vermelhas, cada uma com uma etiqueta de nome para cima. Eu vi “Borlock”. Eu. Puxei a pasta e a abri. Encontrei o anúncio de aniversário que aparecera no *Mica Times* três anos atrás. E um perfil meu no jornal da escola. E imagens: imagens minhas no estacionamento, deixando a minha casa, no shopping. Aparentemente, Peter Sinkowitz não era o único alvo da sua câmera. E uma folha de papel com duas colunas. “Gosta” e “Não gosta”. Na lista de “Gosta” estava escrito: “gravatas de porco-espinho”. Embaixo disso: “*smoothies* de banana com morango”.

Coloquei minha pasta de volta. Vi outros nomes. Kevin. Dori Dilson. Sr. McShane. Danny Pike. Anna Grisdale. Até Hillari Kimble e Wayne Parr.

Dei um passo para trás. Estava chocado.

“Isso é... inacreditável. Pastas. Sobre pessoas. Como se ela fosse uma espia.”

Archie assentiu com a cabeça, sorrindo. “Uma traição adorável, não é?”

Eu não conseguia falar. Ele me levou para fora, para a luz que cegava.

Durante meus anos na universidade, visitei Archie sempre que vinha para casa. E então consegui um emprego na costa leste, e minhas visitas se tornaram menos frequentes. Conforme Archie envelhecia, a diferença entre ele e o Señor Saguario parecia diminuir cada vez mais. Nós nos sentamos na varanda dos fundos. Ele parecia fascinado com meu trabalho. Eu tinha me tornado cenógrafo. Apenas recentemente me ocorreu que eu tinha me tornado cenógrafo no dia em que Estrela me levou ao seu lugar encantado.

Na minha última visita a ele, ele me encontrou na porta da frente. Segurava chaves na frente dos meus olhos. “Você dirige.”

Um balde velho de piche sacudia na caçamba de sua picape antiquíssima conforme ele me orientava para dirigir para o oeste, na direção do Maricopas. Em seu colo, carregava um saco marrom de papel.

No caminho eu disse, como sempre dizia: “Então, você já a decifrou?”

Haviam se passado anos desde a partida dela, mas ainda não precisávamos dizer seu nome. Sabíamos de quem estávamos falando.

“Estou trabalhando nisso”, ele disse. “Qual é a última novidade?”

Estávamos seguindo um roteiro familiar.

Nesse dia, ele disse: “Ela é melhor do que ossos”. Na minha visita anterior, ele tinha dito: “Quando uma Estrela chora, ela não derrama lágrimas, mas sim luz”. Em outros dias de outros anos, ele a havia chamado de “o coelho no chapéu”, “o solvente universal” e “a recicladora do nosso lixo”.

Dizia isso com um sorriso maroto, sabendo que as palavras me confundiriam enquanto pensasse sobre elas até o nosso próximo encontro.

Chegamos às colinas no início da tarde. Ele me orientou a parar em um acostamento de pedras da estrada. Nós saímos e caminhamos. Ele levou o saco de papel com ele. Eu levei o balde. Ele puxou de lá um chapéu azul achatado, que enfiou na cabeça. O sol que de longe parecia caloroso e amanteigado estava abrasador aqui.

Nós não fomos muito longe, já que andar era difícil para ele. Paramos em um amontoado de rochas lisas cinza-claro. Ele puxou uma pequena picareta do balde e bateu na rocha. “Assim está bom”, disse.

Segurei o saco de papel enquanto ele usava a picareta na rocha. A pele em seus braços tinha ficado seca e descamada, como se seu corpo estivesse se

preparando para voltar à terra. Ele levou dez minutos para cavar um buraco que julgasse adequado.

Pediu a sacola. Fiquei surpreso com o que ele tirou dela.

“Barney!”

O crânio do roedor do paleoceno.

“Este é o seu lar”, ele disse. Ele se desculpou por não ter a energia necessária para devolver Barney ao seu local de origem em Dakota do Sul. Depositou Barney no buraco e então tirou de seu bolso um pedaço de papel. Amassou o pedaço de papel e enfiou no buraco junto com o crânio. Em seguida, pegou no balde uma jarra de água, um pequeno saco de cimento, uma colher de pedreiro e uma bandeja de plástico. Misturou o cimento e o aplicou sobre o buraco. De longe, você não diria que a rocha tinha sido alterada.

Voltando para a picafe, perguntei a ele o que estava escrito no papel.

“Uma palavra”, ele disse. O jeito que ele me disse isso deu a entender que eu não teria uma resposta para a minha próxima pergunta.

Voltamos para o leste descendo as montanhas, e estávamos em casa antes do pôr do sol.

Quando voltei da vez seguinte, outra pessoa estava morando na casa de Archie. O depósito atrás tinha sumido. O Señor Saguario também.

E uma nova escola de ensino fundamental ocupa agora o lugar encantado de Estrela.

Mais que estrelas

Desde a graduação, nossa turma se reúne a cada cinco anos, mas eu não fui a nenhuma reunião. Mantenho contato com Kevin. Ele nunca deixou Mica e tem uma família lá agora. Como eu, ele não foi parar na TV, mas faz bom uso de seu dom de tagarelar: é vendedor de seguros.

Kevin diz que quando a turma se junta nas reuniões no Country Club de Mica, há muitas conversas sobre Estrela e curiosidade sobre onde ela foi parar. Ele diz que a pergunta mais comum nesses dias é: “Você estava na ‘dança do coelho?’”. Na última reunião, vários ex-colegas, de brincadeira, alinharam-se com as mãos na cintura, e pularam pelos campos de golfe por alguns minutos, mas não foi a mesma coisa.

Ninguém sabe ao certo o que aconteceu com Wayne Parr, exceto que ele e Hillari se separaram pouco depois da formatura. A última notícia foi que ele havia comentado sobre entrar para a Guarda Costeira.

A escola tem um novo clube chamado de Girassóis. Para entrar, você precisa assinar um acordo prometendo fazer “uma coisa legal por dia para alguém que não seja você mesmo”.

A banda dos Elétrons provavelmente é a única no Arizona com um ukulele.

Na quadra de basquete, os Elétrons nunca chegaram perto do sucesso que conseguiram quando eu estava no segundo ano do ensino médio. Mas alguma coisa daquela temporada ressurgiu nos anos recentes, algo que os fãs das outras escolas simplesmente não entendem. Todo jogo, quando o outro time consegue sua primeira cesta, um pequeno grupo de fãs dos Elétrons fica em pé e aplaude.

Sempre que visito Mica, passo de carro pela antiga casa dela em Palo Verde. Na visita mais recente, vi um jovem ruivo do outro lado da rua, afixando esquis aquáticos ao teto de um Fusca amarelo. Deve ter sido Peter Sinkowitz. Eu me perguntei se ele era tão possessivo em relação ao seu Fusca quanto tinha sido de seu carrinho de banana. Perguntei-me se ele tinha idade suficiente para adorar seu álbum de recordações.

Quanto a mim, eu me dedico ao meu trabalho e mantenho um olho aberto para identificar caminhonetes-lanchonetes prateadas, e eu me lembro. Às vezes ando na chuva sem um guarda-chuva. Quando vejo dinheiro trocado na calçada, deixo ele lá. Se ninguém estiver vendo, deixo cair uma moeda. Sinto-me culpado quando compro um cartão da Hallmark. Tento escutar os tordos.

Leio os jornais. Leio jornais de todos os lugares. Pulo as primeiras páginas e as manchetes e vou para as páginas de trás. Leio as seções de cotidiano e as matérias que estão lá só para ocupar espaço. Vejo pequenos atos de bondade acontecendo do Maine à Califórnia. Li sobre um cara

em Kansas City que fica em pé em uma esquina movimentada toda manhã e acena para as pessoas que estão dirigindo para o trabalho. Li sobre uma pequena garota em Oregon que vende limonada na frente da casa dela por cinco centavos o copo – e oferece uma coçada nas costas grátis para todo cliente.

Quando leio essas coisas eu me pergunto: *Será que ela está lá?* Imagino como se chama agora. Imagino se ela perdeu suas sardas. Imagino se jamais terei outra chance. Imagino, mas não me desespero. Embora não tenha minha própria família, não me sinto sozinho. Eu sei que estou sendo observado. O eco de sua risada é o segundo nascer do sol com o qual acordo todas as manhãs, e de noite sinto que há mais do que estrelas me observando. No mês passado, um dia antes do meu aniversário, recebi na caixa de correio um pacote embrulhado em papel de presente. Era uma gravata de porco-espinho.